

JARDIM FILOSOFAL

Filosofia de Deuses
e Demônios

ADRIANO CAMARGO MONTEIRO



MADRAS®

24/9
13/10/2000
B. J. B.
19/10/2000
20.00.
R

O JARDIM FILOSOFAL



Conforme Novo Acordo Ortográfico

Adriano Camargo Monteiro

O JARDIM FILOSOFAL



MADRAS®

© 2010, Madras Editora Ltda.

Editor:

Wagner Veneziani Costa

Produção e Capa:

Equipe Técnica Madras

Ilustração da capa:

Adriano Camargo Monteiro

Revisão:

Silvia Massimini Felix

Tânia Damasceno

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Monteiro, Adriano Camargo

O jardim filosfal / Adriano Camargo Monteiro. – São Paulo: Madras, 2010.

ISBN 978-85-370-0582-8

1. Filosofia 2. Ocultismo
3. Religião I. Título.

10-03502 CDD-133

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia oculta 133
-

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Madras Editora, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

Todos os direitos desta edição reservados pela



MADRAS EDITORA LTDA.

Rua Paulo Gonçalves, 88 — Santana

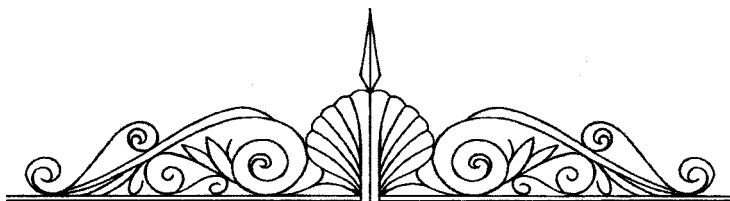
CEP: 02403-020 — São Paulo/SP

Caixa Postal: 12183 — CEP: 02013-970

Tel.: (11) 2281-5555 — Fax: (11) 2959-3090

www.madras.com.br





Agradecimentos

Meus sinceros agradecimentos para:

Wagner Veneziani Costa, Irmão e amigo, pelo reconhecimento, apoio, apreciação e por tornar meu trabalho realidade para o público.

Toda a Equipe Madras, pela atenção e pelo excelente e cuidadoso trabalho editorial.

Os Iir.: da A.R.L.S. Madras 3359 e da Madras Editora, pelo aprendizado na senda maçônica.

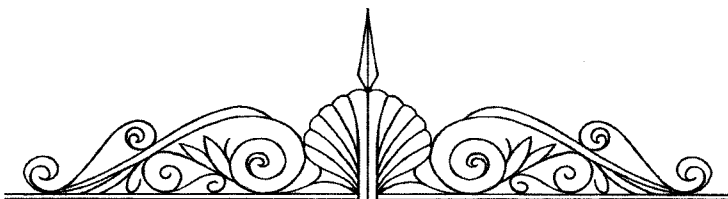
Simone Fernandes, companheira, amiga e Irmã, pelo reconhecimento, apoio, apreciação, amor e aprendizado.

A minha família, pela colaboração.

Os meus leitores, pela apreciação e real interesse.

Todos aqueles que contribuem para a expansão da cultura, do conhecimento e da sabedoria, criando muitos “ismos” e “logias”...

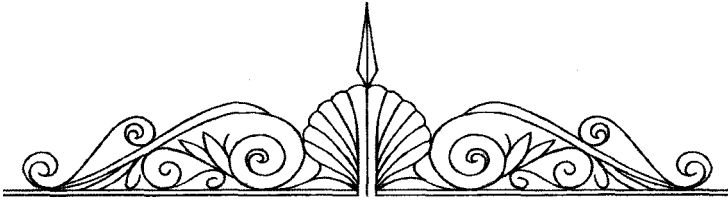
Também estendo minha gratidão para o meu Eu, meu Arquiteto e Artífice de Mim mesmo...



Índice

I – Leitura Perigosa	9
II – Deuses Anarquistas	19
III – Demônios Politicamente Corretos	33
IV – Santa Ignorância e São Cifrão	43
V – As Três Marias	53
VI – Sofia Violada.....	61
VII – O Jardim dos Sentidos	77
VIII – Bestas e Homens.....	87
IX – O Vale da Morte.....	97
X – Triângulo Amoroso dos Filósofos.....	107
XI – Noite e Dia.....	115
XII – O Portador do Archote	123
XIII – A Oficina do Diabo	133
XIV – Biblioteca Proibida	153
Bibliografia	157





I

Leitura Perigosa

Ler isto pode ser perigoso. Aliás, a leitura em geral é algo perigoso. Perigoso para os outros, pois a maioria das pessoas possivelmente teme o conhecimento alheio, as leituras alheias, a inteligência alheia e as capacidades e os talentos que não possui. A grande maioria, composta por temerosos e temerários, provavelmente tentará fazer o possível para destruir ou afastar os indivíduos inteligentes, os que praticam e usufruem a leitura, que têm senso crítico e liberdade de expressão, que pensam por si mesmos. Portanto, as pessoas inteligentes devem estar cientes de que sua inteligência muitas vezes não é bem-vinda.

Mas, em menor ou maior grau, os ignorantes também são afetados e influenciados pelo ato de ler (quando são capazes de ler algo). Muitos desses ignorantes são afetados negativamente, criam um mundinho de fantasia, com ideias equivocadas em sua mente estreita, vivem uma neurose muito pessoal, sobretudo com relação às leituras de caráter dogmático, doutrinário e coisas do gênero.

Por outro lado, paradoxalmente, a leitura mecânica traz o perigo de tornar o indivíduo um papagaio mecanoide, repleto de ideias confusas que não são dele. Uma mente sem atividade própria, sem criatividade, sem os *insights* que a tranquilidade intelectual pode provocar de vez em quando, é algo perigoso. O indivíduo, que muitas vezes acredita ser ele mesmo um grande erudito, acaba se deparando no interior de um enorme labirinto intelectual, sem poder criar, sentir inspiração, sem o verdadeiro estímulo mental revigorante

e sem ideias, do mesmo modo que Teseu, no interior do labirinto, que não tinha ideias e precisou do fio de Ariadne (a criatividade, a inspiração, a inteligência) para sair.

Mas o verdadeiro perigo da leitura, do estudo e da aquisição do conhecimento está em despertar as mentes naturalmente “subversivas”, inconformadas com as repressões e limitações dos sistemas sociorreligiosos. Transmitir conhecimentos, dissipar a ignorância, esclarecer e instruir as pessoas, libertá-las dos condicionamentos, etc. sempre foram coisas indesejáveis para muitos sistemas. As mentes livres, de senso crítico, desgarradas dos rebanhos, são vistas como perturbadoras da “paz”, ou seja, podem atrapalhar o interesse de uma minoria que somente quer o poder. Para os dogmas institucionalizados e fundamentalistas, as mentes inteligentes, inquietas e revoltosas podem ser consideradas como serviçais do Demônio. Para a sociedade e, conseqüentemente, para muitas famílias, são uma ameaça, equivocadamente, imoral ao condicionamento “confortável” imposto ao longo dos anos. A própria sociedade é pesadamente saturada de costumes sociorreligiosos dogmáticos que dominam as massas ignorantes e segregam ou buscam controlar as mentes “subversivas”. Afinal, os assim chamados demônios podem ser entendidos e vistos como os verdadeiros mediadores do conhecimento “proibido”, aqueles que nos dão as escolhas de progredir ou de ficar estagnados, a oportunidade de saber mais, de sair da mesmice opressora, da limitação psicomental, dos dogmas enlatados, justamente porque algo conhecido como Deus jamais permitiu que sua suposta cria humanoide buscasse o conhecimento, o questionamento, a contestação, sob pena dos piores castigos tão alardeados pelos “filhos de Deus”.

Mas, além da intenção de dominação por parte também de pessoas cultas e com certa inteligência maliciosa, ainda há gente ignorante, realmente obtusa porém velhaca, que também intenta controlar os outros. De fato, existem pessoas ignorantes em posição de mandar em pessoas inteligentes em todas as áreas da vida, na política (principalmente), nos negócios, nas religiões, nas comunidades, nos lares. Tal posição é muitas vezes conseguida por bajulação, por uma falsa simpatia acompanhada de um ridículo sorriso de plástico, por favores, puxando o tapete, pisando nos outros, por desonestidade, por sabotagem, por meios ilícitos, pelo “jeitinho”, etc., exceto por verdadeira capacidade, talento ou inteligência. Nisso há um grande perigo: indivíduos respeitáveis que prezam muito seu livre-arbítrio e sua inteligência certamente acabam por entrar em conflito com tais

“espertalhões”, o que pode causar muita discussão, aborrecimento e até mesmo algum confronto físico. E isso é perigoso para qualquer ser inteligente que não quer se envolver com as aborrecedoras e falíveis regras e leis dos homens que, em muitos casos, são conduzidas por outras pessoas ignorantes e mesquinhas que apenas visam ao poder e ao acúmulo de dinheiro (como sempre tem sido).

Já está demonstrado que o dinheiro não compra sabedoria, nem conhecimento, nem inteligência, nem talento, nem sensibilidade, nem consciência, nem nobreza de espírito para aqueles que vivem na pobreza interior. Aliás, os mais nobres, dignos e honrados são os indivíduos que buscam estabelecer sua vontade livre, sua liberdade individual, sem escravizar os outros. Temos exemplos disso na própria literatura universal, seja em forma de fábulas,* mitologias ou biografias. O maior exemplo que podemos citar é o arquétipo de Prometeu, subversivo, sábio, inteligente, incitador de (auto) rebeliões em nome da liberdade individual (e coletiva), da liberdade de expressão e da evolução humana. Mas os “trabalhadores” gregários da sociedade, os bonecos do sistema, os biomecanoides proletários do materialismo, constituem a verdadeira egrégora do moralismo do escravo, da fraqueza e da ignorância. Contudo, pode-se encontrar algumas raras exceções no meio desse rebanho lobotomizado.

Infelizmente, por vezes, pessoas privilegiadas em altas posições econômicas tornam-se cada vez mais burras, pitecoides e agressivamente arrogantes. Acomodam-se na ociosidade inerte, não naquele ócio criativo filosófico, mas na ociosidade anticriativa, antiprodutiva e antievolutiva que o dinheiro pode proporcionar. Além de tudo, estorvam a vida de indivíduos inteligentes que realmente não dão importância para as posições sociais e que são os que realmente criam, inventam e produzem algo de valor para o mundo. E, felizmente, há muitos indivíduos assim, pensantes e inteligentes, com suas obras e biografias preservadas como provas que não foram destruídas pelo fundamentalismo.

Todos aqueles que têm inteligência e criatividade desenvolveram o germe latente do intelecto e da imaginação, estudaram muito, fundiram seus miolos ou simplesmente se retiraram para o verdadeiro ócio criativo, permitido somente aos verdadeiros filósofos e pensadores de vocação, aos indivíduos livres inspirados pelas Musas. Para um verdadeiro pensador, que é capaz de afetar a mente de outros com seus

* N.E.: Sugerimos a leitura de *Fábulas de La Fontaine*, de Jean de La Fontaine, Madras Editora.

pensamentos, não existe nada acima de seus ideais e de suas ideias, de suas experiências, de suas vivências internas e reais. Por conseguinte, não aceitam ordens ou leis ridículas de pessoas xucas e não pensantes, podendo ser consideradas, em variados graus, humanamente inferiores no que diz respeito à inteligência, ao discernimento, à sensibilidade e ao bom senso. E, dos inteligentes, os ignorantes e os medíocres têm pavor e procuram proteger suas posições a ferro e fogo e mesquinhez, combatendo supostos demônios perigosos.

Curiosamente, uma observação mais atenta pode demonstrar que a grande maioria das pessoas ignorantes, grosseiras, fúteis e gananciosas é formada também de fundamentalistas cristitas, ou monoteístas rígidos de modo geral, mesmo que sejam negligentes. Pelo menos parece ser assim principalmente nos países ocidentais mais subdesenvolvidos, populosos e com elevados índices de analfabetismo funcional, ou seja, pessoas incapazes de refletir e de interpretar o mundo de maneira ampla e profunda, que leem apenas letras e palavras, mas não sabem interpretar e compreender o que é lido nem sabem escrever corretamente ou concatenar ideias. Exemplos estatísticos são alguns dos países da América do Sul, extremamente cristitas e piegas, cuja população possui um lamentável Q.I. abaixo da média e com um índice de analfabetismo funcional que, infelizmente, chega a ser em torno de 75%; em certos países da América do Norte, considerados desenvolvidos, mas também densamente cristitas e materialistas, o índice é de cerca de 21%. Mas isso tudo pode ser mudado...

Além disso, grupos da América do Norte inventaram o criacionismo, o que aumenta ainda mais a ignorância e a preguiça mental de muitas pessoas, apesar do progresso econômico e tecnológico. O criacionismo é uma das maiores sandices fundamentalistas adotadas por muitos cristãos fundamentalistas como uma pseudociência cristita ou coisa parecida. O criacionismo pretende infiltrar-se nas escolas, provavelmente, para fazer uma lavagem cerebral em crianças e adolescentes, embotando sua evolução e sua inteligência. Com argumentos sem sentido, baseia-se, de maneira literal, nos contraditórios livros da Bíblia, disseminando ideias absurdas sobre a criação e sobre a evolução da vida como um todo. Tal pseudociência criacionista obviamente pode degradar o nível de ensino, estagnar o sistema educacional e criar um povo embotado, sonâmbulo, que não sabe pensar...

Além do analfabetismo funcional, há uma forma de analfabetismo subjetivo, de caráter individual, social e, em muitos casos, possivelmente inato, que as melhores pedagogias, leis, diretrizes, bases e jargões inúteis pouco práticos e efetivos não podem solucionar. Os fatos demonstram isso no trabalho de campo. Muitos alunos, especialmente de escolas públicas, parecem sofrer de um agressivo e profundo cretinismo sem salvação. Não há metodologia educacional, escolas, docentes, livros, etc. que possam elevar o nível de ensino, de aprendizado, de aproveitamento, de inteligência, de educação pessoal, de respeito e de sensibilidade entre muitos alunos delinquentes, capetinhas de má índole oriundos de famílias cristitas, que possivelmente serão o futuro lastimável de boa parte da sociedade. Mas as escolas públicas os acolhem inutilmente, porque seus pais querem livrar-se deles.

Por outro lado, de modo geral, os sistemas educacionais e escolares parecem um tanto tendenciosos e condicionantes, com suas burocracias estagnantes e desestimulantes que pouco ou nada contribuem para a formação de mentes realmente pensantes, livres e questionadoras e que querem crescer sem perder tempo e energia com empecilhos. É compreensível, pois isso não interessa ao sistema. A educação tradicional é útil, porém parece visar ao condicionamento da sociedade ao sistema político-econômico; educa-se para que os cidadãos possam servir ao Estado e ao ganancioso sistema materialista. Tal educação convencional geralmente pode formar cidadãos padronizados (quase patenteados pelo Estado e pela pátria), semelhantes a *crituras playmobiloides*, como uma fábrica de bonecos do sistema, e não seres humanos livres, criativos, de mente expandida além da educação-padrão preconceituosa. Porque a mente do revolucionário, a criatividade, o ímpeto do pensador, do filósofo, do artista, são indesejáveis para os sistemas (sociais, religiosos, etc.). O cidadão comum é treinado, ou melhor, condicionado a conformar-se, a servir calado aos seus “tutores”, a obedecer sem questionar, a ser um mero tijolo da cidadania biomecanoide. Aqueles de inclinação verdadeiramente socrática, apenas para referir, por vezes são sufocados pelo sistema, banidos socialmente, considerados anormais e perigosos para a prosaica estrutura cívico-política que não admite a liberdade individual, tacitamente ou não. Para o sistema (também educacional), que parece enfatizar a mentalidade platônica, o indivíduo possivelmente é propriedade e produto do Estado, ideia totalmente absurda e ofensiva aos livres-pensadores que buscam seu progresso individual,

livres dos dogmas e da coerção que é espelhada na política do Deus monoteísta que busca monopolizar os indivíduos.

Pelo que precede, parece mesmo que o Deus antropomórfico quer o progresso, pois o sistema fundamentalista prioriza a ignorância das massas, infundindo temor e aversão por tudo o que estimule a mente, a imaginação, a liberdade de expressão e de pensamento e a expansão da inteligência fora de seus currais dogmáticos nos quais o gado deve permanecer. Seus seguidores, por vezes, buscam boicotar a inteligência e o conhecimento alheios registrados em livros, entre outras coisas “indesejáveis”. O maior exemplo disso são as perseguições fundamentalistas, as repressões pela censura, a caça às “bruxas” e a queima de livros em praças públicas. O monoteísmo parece nutrir um profundo temor e aversão por pessoas inteligentes, de mente livre e de impulso prometeico, que buscam por si mesmas o que consideram ser o melhor. Mentes pensantes (muitas vezes consideradas subversivas) parecem ser um perigo e uma ameaça para a estabilidade do poder instituído, seja ele religioso, político, social ou familiar, geralmente, todos muito patriarcais e, paradoxalmente (!), castradores.

A leitura também é perigosa para os ignorantes de nossa civilização moderna e possivelmente decadente. Com a influência, nas cabecinhas débeis e sem discernimento, de leituras iletradas de má qualidade, de literatura de consumo rápido, de livros e revistas descartáveis e de conteúdos que são menos do que lixo, existe o perigo de tais indivíduos cometerem os mais diversos desatinos, o que é prejudicial para eles mesmos e para a própria cultura geral que se encontra atolada na degradação.

Mas o conhecimento guarda a si mesmo, e os ineptos bibliófilos podem jamais acessá-lo, mesmo que uma preciosidade literária esteja em frente aos seus olhos “cegos” (não menos cegos do que sua cegueira mental). É certo também que ninguém pode, de modo algum, queixar-se de não ter acesso à educação, à cultura, à instrução, à leitura, etc., porque existem muitas bibliotecas públicas abertas a qualquer um que queira nelas entrar, ler, estudar, levar livros para casa, gratuitamente. Então, que continuem na ignorância os bibliófilos! E que conquistem as dádivas do conhecimento os bibliófilos!

Por outro lado, também existem aqueles indivíduos que dificultam ainda mais a comunicação, propositalmente, com os semianalfabetos ou incultos, simplesmente se fazendo de ininteligíveis para dar aquele ar de inacessíveis, de muito inteligentes e intelectuais. Essa atitude sobre os ignorantes somente contribui para mais ignorância,

e o que deveria ser um diálogo mais ou menos instrutivo para quem sabe menos torna-se um monólogo autoexaltado e “culturete” de falsa intelectualidade.

Mas há níveis e níveis de educação e conhecimento da língua e da leitura. E, como em qualquer grupo social, as pessoas se reúnem por afinidades, e, se em determinado grupo predomina um determinado nível de educação, a língua e a capacidade de ler podem estar de acordo com esse nível. Coloquialmente, as pessoas, portanto, entendem-se, comunicam-se, interagem, sem problema algum (Thoth e Hermes auxiliam, sutilmente, até os mais ignorantes!). Contudo, não atingem uma certa superioridade e autonomia intelectual e não são conscientes de sua própria inferioridade; as grandes massas estão niveladas por baixo. E isso pode ser bom para o sistema. É bom manter as pessoas no semianalfabetismo e na ignorância em um mundo que é uma verdadeira caverna platônica, em um mundo no qual poucos adquirem o conhecimento internalizado e ainda são incompreendidos e repelidos.

Mas como os grupos são diferentes, há também perigos diferentes ao ler qualquer coisa. Pessoas deslocadas de seus grupos sociais originais, geralmente de baixo nível de educação, quando inseridas em outro grupo, têm a necessidade de aprender uma “nova” forma de linguagem e de comunicação adequadas ao seu novo grupo social. Às vezes, essas pessoas conseguem adaptar-se e aprender; às vezes, não, como no caso de estarem inseridas em grupos mais intelectualizados e “perigosos” (para os dirigentes da mediocridade social composta por ignorantes).

Mas os piores de todos os leitores ignorantes e “perigosos” são aqueles que não sabem ler. O perigo de suas “leituras” é a própria incompreensão dos textos e das ideias que são distorcidas e mal aplicadas. Um leitor semianalfabeto é uma ameaça aos outros porque ele é capaz de causar desentendimentos, discórdias, conflitos e estorvar a vida alheia por simples e pura incompreensão; lamentavelmente, ainda não aprendeu a ler e a escrever (e poderá jamais aprender!). Porque ler não é simplesmente pronunciar as palavras, identificar letras, mas sim entender, interpretar o que está escrito, captar o significado dentro dos contextos, o sentido das frases, as mensagens subliminares, as implícitas, etc. Ler e escrever são capacidades adquiridas com a prática, com muita leitura e interpretação, com a interação com interlocutores de diversos níveis culturais, etc., e, é claro, com uma pequena “oferenda” ao deus Mercúrio! A partir do momento em que há

competência na leitura, é possível, talvez, haver uma certa fluência na interpretação, como algo “intuitivo” aliado ao conhecimento da língua para que haja uma fluência na criação do sentido e do significado da leitura, sem maiores dificuldades. Ou seja, para saber ler e escrever é preciso ser letrado (em seu sentido amplo e não somente acadêmico), é preciso ter passado pelo processo de letramento, “possuir” a escrita e sua interpretação, saber tecer frases e ideias e entretecer significados, e não somente ter passado por uma mera alfabetização, geralmente nas coxas. Os indivíduos que possuem essas capacidades para ler podem ser uma ameaça aos ignorantes e estagnados que apenas têm ânsia por fama e poder (geralmente sem méritos).

Com as devidas capacidades para a leitura, a inteligência individual, interagindo com os textos escritos, busca recriar “realidades” para o próprio indivíduo, às vezes, apenas sugeridas, mas influenciando a mente e causando-lhe impressões, estimulando os *insights*, propondo ideias e predispondo-o à ação, seja no aspecto interior ou exterior. A leitura é um meio poderosíssimo de provocar questionamentos e mudanças (pessoais e sociais), funcionando como um mecanismo no qual o leitor interage, por sua conta e risco, com a obra do autor e afina-se ou não com suas ideias. E, desde que nenhum cretino destrua a literatura e qualquer obra impressa de algum valor, a cultura e a informação estarão sempre à disposição daqueles que sabem buscá-las, pois não são palavras ao vento como as falas corriqueiras e balbuciantes dos humanóides “civilizados”.

Portanto, em virtude de tudo o que foi exposto, é importante entender que o ônus e a responsabilidade da interpretação (correta ou equivocada) daquilo que é lido é inteiramente do leitor, seja ele inteligente ou imbecil. Porque o texto em si não muda, mas apenas as interpretações de cada leitor de acordo com seu conhecimento da língua, sua cultura e seu grau de inteligência intuitiva. Eis mais um perigo “demoníaco”!

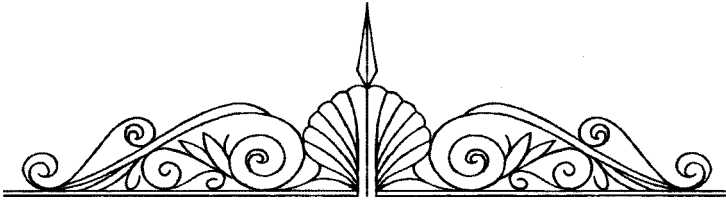
A esta altura, o leitor já deve se sentir, de alguma maneira, afetado por esta leitura. Talvez já esteja refletindo (e pensando!) sobre o perigo da inteligência, da literatura em geral, da palavra escrita e disseminada ao redor do mundo por muitos pensadores do presente e do passado. Talvez já saiba por que muitas obras literárias de diversos gêneros foram queimadas, destruídas e proibidas ao longo da história. É porque a leitura pode nos despertar, libertar, tornar lúcidos, contestadores, revoltosos contra as mazelas instituídas. Porque nos mostra que a vida pode ser muito mais do que o cotidiano

insípido, enfadonho, comum e corrente. Porque simplesmente é perigoso ler. Porque é perigoso pensar. Porque é perigoso saber. Porque é perigoso ser inteligente. Porque é perigoso mostrar seus talentos aos incompetentes que abundam por toda parte e estorvam a sabedoria e o caminho da minoria pensante. Porque é perigoso estar além da grande massa que sustenta os sistemas que consideram um perigo os indivíduos inteligentes. Ler e aprender com inteligência é uma das maiores dádivas que nos distingue dos animais irracionais. E ainda há pessoas que se negam a isso, que se reduzem a um estado psicomental próximo ao dos pitecos!

Concluimos, portanto, que você pode estar em perigo se for inteligente o bastante e se estiver assimilando isto aqui, porque talvez você precise fingir-se de imbecil em meio ao seu convívio diário para não ser visto como uma “aberração” ou uma criatura demoníaca que deve ser evitada. Você também pode estar em perigo consigo mesmo se for ignorante o bastante para temer a leitura de textos “subversivos”, de senso crítico, instigadores, de autorrebelião, que podem causar certa confusão em sua mente rudimentar e conflitos internos com suas crenças pasteurizadas sociorreligiosas.

O leitor que corre o perigo de se desgarrar do rebanho pode, de ovelha acomodada, tornar-se um lobo ameaçador até para o bom pastor, libertando-se da passiva mediocridade mental e sociocultural. Pode sentir o poder, o prazer e a satisfação que a verdadeira luz da inteligência e da mente lúcida traz, sobre o fundo negro e necessário das trevas que ressaltam esse brilho ofuscante da autoconsciência lux-mercurial. Consciência que se recolhe sob os auspícios de Saturno (inteligência e entendimento) e mergulha na fonte do conhecimento universal para a solidificação da compreensão. Tais seres atingem o verdadeiro prazer mental, intelectual e emocional, o prazer pelo próprio conhecimento e pela sabedoria que se conquista e que os torna “ameaçadores” perante o rebanho.

Talvez o “perigo” continue nas próximas páginas. Ou não...



II

Deuses Anarquistas

Para os “inabaláveis” e “coesos” sistemas sociorreligiosos, um deus anarquista, nada ortodoxo, seria certamente qualquer outra coisa, menos deus. Nem Lúcifer nem Satã e seus “seguidores” anárquicos jamais seriam bondosos seres divinos que buscam manter a humanidade na “paz de Deus”. Autogoverno, individualismo, liberdade de pensamento, etc. são ideias proibidas por convenção e imposição de outras ideias contrárias largamente difundidas e enraizadas na mente coletiva de uma espécie humana muito comum e corrente. Deuses como Prometeu, Lúcifer, Pã, Set, Loki, Shiva,* Lilith, Kali, etc. são os emissários arquetípicos da anarquia, da não ortodoxia, para aqueles que desejam sua libertação, seu livre-arbítrio, sua liberdade de expressão, seu direito de ir e vir, seus prazeres sem culpa, seu acesso ao conhecimento ilimitado e à vontade, em um mundo cheio de proibições inúteis e castradoras para qualquer indivíduo pensante e em constante evolução. Contudo, tal anarcoindividualismo, a exemplo dos citados deuses (ou demônios, como queira), somente é permitido àqueles seres humanos, ou semideuses em forma humana, que atingiram um certo grau de autoconsciência, autocohecimento e discernimento. Trata-se de uma condição individual, com autogoverno e autoaprimoramento, que conduz a uma libertação dos domínios alheios, à evolução psicamental, à expansão da mente e à consciência de si e do mundo ao redor.

* N.E.: Sugerimos a leitura de *Śiva Samhitā – Ensinaamentos de Shiva sobre Hatha Yoga*, Madras Editora.

De fato, “anarcoindividualismo” chega a ser quase um pleonismo. Anarquismo e individualismo estão relacionados, de certo modo, à Individualidade e ao individualismo, e não têm nenhuma ligação com o inflado egoísmo de muitos por aí afora nem com a politicagem. O anarcoindividualismo vai além das questões meramente sociopolíticas, diz respeito ao interior de cada indivíduo pensante que tem sensibilidade, intuição e percepção psicamental (ou seja, a psique, a alma, as emoções e as intuições em harmonia com a mente, com a razão e com o intelecto). Individualidade significa autoconsciência superior, o *Daemon*, *Luxfero*, *Ego Sum*. É o Eu Superior de cada indivíduo, que viaja através do tempo, assimilando experiências nos planos de existência e estimulando-o a evoluir, a buscar seu crescimento psicamental. A Individualidade, em muitos casos, é latente, e em outros, quase completamente desligada da personalidade efêmera encarnada, o que é uma verdadeira lástima, pois essa é a condição das massas mais grosseiras, inconscientes e biomecanóides que se acotovelam em nosso planeta. A individualidade em si mesma é metafisicamente anarquista, pois segue suas próprias leis evolutivas, independentemente da época, da civilização, da sociedade e dos costumes. O Eu Superior desperta no indivíduo e o impulsiona para o progresso, de certo modo solitário, individual, adiantando-o à frente do contexto sociorreligioso de sua época.

Individualismo significa centralização do indivíduo em si mesmo, uma introspecção e interiorização que serve como autopreservação e como meio de atingir o autoconhecimento. Busca também preservar os interesses pessoais sem prejuízo gratuito aos outros. O anarcoindividualista evita causar problemas desnecessários e não tem interesse em se envolver com os problemas alheios causados por pessoas ineptas e medíocres. O anarcoindividualismo ensina que uma pessoa deveria, por livre vontade, reconhecer o próprio valor e a importância de ser o que é em seu íntimo, de maneira realista, conscientemente. Além disso, o individualista trabalha por si mesmo, por seu aprimoramento e por sua evolução, porém, compartilha seus valores, seus ideais, suas ideias, seus conhecimentos, etc. com todos aqueles que possuem uma real afinidade e os mesmos interesses (e não mera curiosidade). Um exemplo disso são os “demônios”, arquétipos extra-humanos que compartilham com a humanidade o conhecimento. Logo, individualismo não é egoísmo.

Egoísmo significa centralização de tudo e de todos somente para si, de modo semelhante ao Deus dos monoteístas, parecido com

o Demiurgo bíblico. O egoísta tem ânsia por toda a atenção externa que possa obter, pelas pessoas e coisas que deseja de maneira obcecada. Apenas quer acumular, nem que seja em detrimento de outros. Nem mesmo com aqueles com quem há afinidade, ele nada compartilha. O egoísmo é uma manifestação desequilibrada, prejudicial, mesquinha, medíocre e desprezível do individualismo sadio. Tal egoísmo não tem nada a ver com o anarcoindividualismo. Veja o exemplo de Prometeu (Lúcifer), que doou o fogo e a luz para a humanidade de maneira fraterna, compartilhando as dádivas dos deuses (ou demônios, para muitos).

Porém, o individualista com sua Individualidade inata é o verdadeiro anarquista em sua forma mais pura, primitiva, honesta e superior. Seus ideais se inter-relacionam no que diz respeito ao livre-arbítrio, ao autogoverno, à lei de si mesmo (autonomia), à liberdade de expressão, de ir e vir, de fazer o que quiser, desde que seja com discernimento e conhecimento, de causa e efeito e com respeito à liberdade alheia (também, desde que não interfira na sua), buscando sempre progredir, evoluir e desenvolver a autoconsciência. O anarcoindividualismo também é a favor dos direitos iguais entre homens e mulheres (pois ambos possuem sua Individualidade e seu individualismo); a favor da ausência do senso de ufanismo (com as mesmices de sempre); e a favor da ausência de vínculos partidários; a favor da propagação da cultura e do conhecimento aos realmente interessados; e a favor da libertação dos hábitos e costumes viciosos e nocivos disseminados pelas massas.

A disseminação (e exaltação) de tudo o que parece ser baixo, inferior e prejudicial parece ter também a aprovação do sistemas e das grandes mídias. Os fatos demonstram que a sociedade está em franca decadência, na qual cada indivíduo dessa massa infla em si a cobiça materialista, a ganância, o desejo pelo poder e sua consequente hipocrisia e corrupção. E ainda crimes absurdos, promiscuidade insensata, procriação desenfreada e toda espécie de inversão de valores e banalidades completamente inúteis (as principais preocupações!) para dispersar a atenção de coisas realmente importantes, etc., em nível global, e especialmente em países mais atrasados. Essa disseminação existe e é potencialmente reforçada com as apologias feitas por diversas mídias de massa, pela manipulação da opinião pública e pelos monopólios da (des)informação. Mídias que, em um curtíssimo espaço, misturam informativos políticos possivelmente adulterados, fofocas de celebridades inúteis (sim, as celebridades inúteis que

são criadas para enriquecer as mídias e embotar as massas!), crimes horrendos, piadas ridículas, mercado financeiro, cotidiano, notícias esportivas, ensaios científicos prolixos, omissos ou enganosos, modismos, bundas, pregações dissimuladas, além de anúncios surreais de perfumes, margarinas, carros, absorventes, remédios, aparelhos celulares (quer dizer, “canivetes suíços”!), descascadores de banana e todos os tipos de geringonças, em uma torrente caótica que deixa o pobre cidadão ainda mais confuso e iludido, sem apreender ou memorizar uma vírgula de todo esse lixo desinformativo.

Assim, as massas iludidamente sentem-se “atenadas” com o mundo, acreditam equivocadamente estar muito bem informadas sobre tudo e todos, mas não percebem que sofrem uma grande lavagem cerebral. Toda essa ilusão é forjada e transmitida largamente em todos os lares, criando assim uma sociedade de zumbis, de marionetes, de bonecos do sistema que fazem cumprir o “plano” de dominação e de escravidão psicomentais generalizadas. Dessa maneira, esses mesmos zumbis, já lobotomizados em todas as esferas da vida, atacam e acusam de servos do Demônio, ou de problemáticos, aqueles que se desgarram de seus rebanhos desmiolados e muito “politizados”. Politizados na desinformação que se disfarça de informação útil e confiável. Mas a desinformação também vai além das massas, atingindo esferas importantes da nação que pode ser corrompida desde o mais alto escalão da sociedade. A desinformação transforma informações sensacionalistas, negativistas, alarmantes e muitas vezes falsas em verdadeiras, e cria supostas leis e difunde ideias que mascaram a coerção, a censura e os interesses ilícitos, como uma conspiração, por vezes com “direito” a guerras, com a cara falsa da democracia. E uma das supostas práticas conspiracionistas é fazer as pessoas acreditar que não existe qualquer conspiração contra a humanidade ou contra as nações. Até mesmo o anarquismo político, se existisse de fato, poderia fazer uso da desinformação e da conspiração.

Contudo, o anarquismo não é mera política (pois ainda não existe sistema político ideal) nem modismo, mas um estado de ser. Portanto, anarquia pressupõe ausência de política e de politicagem e ausência de coerção, uma das piores espécies de violação à liberdade individual. Liberdade em seu sentido relativo, pois a liberdade, tão imaginada pela maioria das pessoas, de fato também não existe. Nem mesmo parece existir a igualdade, tão alardeada por muitos movimentos políticos, porque a própria política implica desigualdade. A

verdadeira liberdade somente poderá ser conquistada quando nada mais importar (somente o que de fato é importante, o que é praticamente impossível), quando houver um real sentimento íntimo de que todo o lixo, que parece ser de grande importância, não importar; quando existir um verdadeiro desprendimento das coisas supérfluas, fúteis e vulgares, da ganância, da vaidade destrutiva, etc., em um mundo de coisas efêmeras. Enquanto o ser humano for prisioneiro de si mesmo, de seus vícios ansiosos e incontidos e do próprio mundo exterior, nunca terá a verdadeira liberdade, pois esta jamais foi ensinada, relatada ou transmitida a quem quer que seja neste mundo, por mais que se pense o contrário.

Muito tem sido dito sobre liberdade e igualdade. Muitas verborragias e divagações repletas de jargões têm sido apresentadas sobre o assunto sem nada acrescentar para a aplicação prática e efetiva de tais princípios. A liberdade e a igualdade, como as entendem muitas pessoas, são, de fato, uma utopia, pois jamais existiu liberdade e igualdade em qualquer lugar que seja, como deveria supostamente existir. De fato, esses princípios não funcionam na prática política.

Todos deveriam saber que a liberdade é uma ilusão porque é demasiadamente restrita e limitada a interesses pessoais que podem ou não boicotar manifestações livres de pensamento, de ideias, de ideias, etc. A liberdade é restringida pelos governos, pelos sistemas, pelas estruturas sociais e familiares. A liberdade está condicionada aos preconceitos e às sensibilidades individuais e grupais que buscam sua própria preservação, até mesmo de maneira hostil e agressiva. Logo, a liberdade não existe, mas apenas certos direitos (limitados) de agir de certas maneiras e de pensar de certas maneiras já definidas e aceitas pela sociedade. De fato, a liberdade é mais enfática com relação ao direito de ficar calado sob pena de repreensões, preconceitos e exclusões. A “liberdade” também nos dá o direito de agir apenas dentro dos limites de certas leis (que, para muitos, parecem ilegais), por vezes criadas por pessoas inescrupulosas, cheias de “boas” intenções. Enfim, a liberdade total e ilimitada somente pode existir na mente de cada indivíduo que pensa por si mesmo e que sente suas próprias angústias, anseios, amores e ódios, esperanças e desesperanças...

A igualdade é mais utópica ainda, já que tal princípio está baseado em hierarquias e, principalmente, em classes e “castas”. Ninguém é igual a ninguém nem usufrui os mesmos direitos na prática. Alguns conquistam seus ideais por merecimento, o que os diferencia de outros

que não são merecedores por esforço próprio. Logo, a igualdade não existe. A ideia de que todos são iguais perante a lei também é muito vaga e ilusória, pois sabemos que muitas leis não são cumpridas como deveriam e que existe muito “jeitinho” em jogo, beneficiando uns e danando muitos outros. A igualdade supostamente divulgada é uma mentira, pois as leis muitas vezes favorecem apenas uma minoria manipuladora, hipócrita e interesseira. A igualdade sequer existe entre homens e mulheres, já que estas ainda sofrem muitos preconceitos sociais e profissionais em função de um sistema desigual que é baseado no patriarcalismo e na submissão feminina. E desigualdades absurdas existem na sociedade capitalista e materialista, na qual os valores estão completamente invertidos. Apenas para citar um exemplo: um professor idôneo e dedicado, que passou a maior parte de sua vida estudando para ensinar, para instruir-se e para progredir como ser humano, não ganha nem um quadragésimo do “salário” de qualquer jogador de futebol famoso, inculto e semianalfabeto (ou um total analfabeto funcional). Se o leitor está agora lendo isto, é porque alguém o ensinou a ler, o que é um presente valioso para toda a sua vida, mesmo que os outros não percebam isso. Afinal, a sociedade vive momentos de lastimáveis inversões de valores. Então, onde está a igualdade? Ou melhor, onde está o que é justo conforme seus devidos valores intrínsecos e meritórios?

Obviamente, a igualdade não pode existir se as pessoas são diferentes, se possuem níveis intelectuais e mentais diferentes, se possuem educação diferente, se vivem de maneiras diferentes, se assimilam influências diferentes, se beneficiam-se de diferentes maneiras e por diferentes meios (muitos, ilicitamente), se possuem “jeitinhos” diferentes...

Desigualdades são inevitáveis, por mais que se queira combatê-las. Caso contrário, não existiriam tantos conflitos, perseguições, segregações e injustiças sociais em toda parte. É um fato. A própria diversidade e liberdade cultural, social, política e religiosa, tão reivindicada por todos, estimula as desigualdades. Essas diferenças, em muitos casos, começam na família, depois continuam na escola e se desenvolvem na sociedade, como se pode observar. As desigualdades, que surgem da diversidade em sua amplitude, existem de maneira “natural” porque, paradoxalmente, a natureza humana não respeita as diferenças, e a maioria das famílias não ensina seus filhos a desenvolver a tolerância pela diversidade nem a cultivar os verdadeiros valores humanos, isentos de aparências, preconceitos, dogmas e fundamentalismos. Pois é um fato que a sociedade vive

em meio a uma enxurrada de valores invertidos (não necessariamente segundo o dogmatismo monoteísta) disseminados por toda parte, contribuindo ainda mais para as desigualdades agressivas em vez de uma diversidade sadia com respeito mútuo e liberdade individual.

E muitas famílias podem ser a origem de tudo isso, das desigualdades, do desrespeito e da violação da liberdade individual. Como há diversos níveis ou graus de interações familiares, com sua educação peculiar, com sua cultura, costumes e “funcionamento” próprio, as crianças, na maioria dos casos, assimilam esses conteúdos de suas famílias, seja para o bem ou para o mal (mas o Demônio nada tem a ver com isso). Nas escolas, principalmente nas públicas, a diversidade das crianças muitas vezes entra em conflito, pois suas experiências, suas vivências, seus costumes e vícios herdados, suas capacidades, seu nível cultural, seu nível socioeconômico, seu fundamentalismo religioso (precoce), etc., são muitas vezes diferentes. Aqueles que possuem alguma afinidade poderão agrupar-se (instavelmente) e hostilizar e segregare aqueles que são diferentes, na sua visão. Isso, novamente, é um fato, e ocorre dentro das escolas sem que ninguém possa fazer algo realmente efetivo para mudar, pois a prática e a vida real demonstram que essas desigualdades ainda existem e são muito acentuadas e agressivas.

Assim se formam as desigualdades, que vivem em um mesmo contexto, ambiente, e sociedade, em que as crianças e os adolescentes sentem as diferenças e as carregam para o seu convívio social, na idade adulta, com poucas mudanças, não respeitando as diferenças e violando a liberdade individual alheia.

Contudo, em virtude da liberdade e da igualdade não existirem, o que pode causar inúmeros problemas na vida dos indivíduos, a ideia e a prática da fraternidade vêm amenizar e compensar um pouco tudo aquilo que é injusto, desigual e limitante. Ainda assim, somente algumas pequenas comunidades ou grupos são capazes de implementá-la (dentro de certos limites também). O sentimento fraterno, apesar das mazelas causadas pela ilusão de liberdade e de igualdade, pode existir entre camaradas, irmãos e irmãs, entre a família, etc., desde que, de fato, exista esse sentimento e não uma mera convenção social de fachada ou de interesses ilícitos.

Portanto, quando se falar em liberdade e igualdade, devemos refletir profundamente sobre seus significados, pois tais conceitos podem ocultar muitas intenções de coerção, opressão, inversão de valores, etc.

Consequentemente, o anarquismo legítimo e seus “demônios” e os filósofos livres colocam-se fora dos movimentos e ações em que a coerção existe. Assim, o anarcoindividualista busca não participar de movimentos políticos (com seu egoísmo coletivo) que violam o individualismo; de movimentos ecológicos institucionalizados (que são políticos); de movimentos pseudoculturais de massa promovidos, apoiados ou consentidos por comunidades ou associações públicas com o objetivo de distrair ou “educar” a sociedade convenientemente, tais como educação de má qualidade ou educação tendenciosa, entretenimentos vulgares, banais e condicionantes, atividades populares de mau gosto, etc.; de movimentos ufanistas patrióticos (em “pátria”, pode-se inferir uma forma de patriarcalismo e coerção) e de guerras, muitas vezes, provocadas por pessoas psicologicamente embotadas possivelmente para financiar indústrias de armas e tomar territórios por vezes com a subjugação escravagista; de qualquer coisa em que exista a coerção e a manipulação da liberdade individual.

Uma das formas “sutis” de manipulação social e psicológica antilibertária é o patriotismo ufanista, que pode implicar alguma forma de guerra ou embate em algum nível ou grau. O indivíduo patriota ufanista, que possivelmente sofre de uma doença chamada patriotice, certamente não gostaria de ir à guerra para morrer ou ser terrivelmente torturado em campos de batalha (que parecem ser governados por Andras e Abigor), deixando sua querida família sofrendo desamparada, enquanto os dirigentes das nações estão seguros, confortáveis, com suas famílias, usufruindo sua posição social e econômica à custa da miséria geral, e enquanto seu Deus monoteísta muito humano ignora sua desgraça e não estende a mão de ferro pesada. Ou não iria querer que sua mulher e seus filhos fossem violentados por soldados em guerra, porque também é isso o que implica uma guerra, sempre “patrioticamente” suja e estúpida. O indivíduo, o cidadão comum com patriotice, certamente ficaria desesperado em participar de uma guerra que não é dele, de uma guerra que iria destruir sua vida e tudo o que há nela, além de destruir milhões de vidas inocentes e miseráveis, em troca de esmolas e por ideais vagos ou espúrios que jamais iriam condizer com a realidade. Não faz o menor sentido ter parte em uma guerra fomentada por sede de poder, por ilusões, por ódio inútil, artificial e sem propósito, empunhando a bandeira branca da opressão e do desespero lavada em sangue (tal é o desequilíbrio insano de Marte e a fúria cega de Ares); de fato, não faz o menor sentido ter parte em uma guerra que é planejada ou provocada por

governantes interessados apenas em dominação e dinheiro. Aqueles que querem, que causam e que administram as guerras não participam dela *in loco*, porque provavelmente eles são mais importantes que qualquer soldado ou cidadão que se esforça para sobreviver relativamente bem e em paz, cuidando de sua própria vida. Mas isso é diferente daqueles que estão engajados em alguma forma de “patriotismo” remunerado, muito exibido nas grandes mídias em temporada de competições esportivas (ou quaisquer outras) e que ilude os bons e respeitáveis cidadãos de uma nação de mentira.

E é também fácil autodeclarar-se patriota quando se vive com um mínimo de conforto ou opulência; quando não se precisa dos lastimáveis serviços públicos (médico, transporte, educação, segurança, etc); quando não se precisa batalhar para conseguir um mínimo de progresso geralmente estorvado pelas inflações, pelos salários de fome e pelas inversões de valores socioculturais; quando se consegue favorecimentos e “favores” políticos; quando o importante é vibrar com as Copas do Mundo, como se o valor, a dignidade e a importância de um país fosse um mero campeonato esportivo que serve apenas para distrair de suas mazelas as conformadas massas; enfim, é fácil autodeclarar-se patriota quando se está sentado no rabo tranquilamente, longe dos problemas, longe da realidade crua da vida daqueles que sobrevivem sendo assolados por sistemas corruptos e pelo crime nas ruas em pleno dia (e noite). Mas, para a guerra, ninguém gostaria de ir e assim perder sua “liberdade”, seu conforto intocável, sua cerveja, seu futebol, seus entes queridos ou sua própria vida em um campo de batalha. Em uma circunstância tal, para supostamente defender o país em uma guerra que inventaram, muitas pessoas acabam deixando de ser patriotas em defesa da nação, pois a vida acomodada e confortável, a família, o agito social, etc. são muito mais importantes que o tal patriotismo...

Em países que já nascem e crescem na corrupção e assim se mantêm por séculos, com poucas mudanças nesse sentido, realmente não é possível acreditar em um ilusório otimismo, mas somente no cru e nu realismo. Apenas um total ingênuo, ou um alienado ou iludido, pode acreditar cegamente em consistentes e consideráveis melhorias em todos os setores de um Estado corrompido, em todos os âmbitos de uma nação, sejam lá quais forem os discursos (que nunca mudam também). Do mesmo modo, apenas ingênuos, inconscientes ou tolos podem acreditar completamente em discursos políticos. E, entre as coisas mais aborrecedoras e insuportáveis, estão

as campanhas políticas. Se em tais campanhas os candidatos fazem, literalmente ou não, tanta sujeira, ruído intolerável e baderna, poluindo a cidade de todas as maneiras, o que não farão então quando forem eleitos?!

Ufanismo, hipocrisia, politicagem e guerra estão muito longe do ideal anarcoindividualista que quer apenas a evolução real e o progresso não de uma nação, mas de toda a humanidade, de todo e qualquer indivíduo capaz de ser melhor, em qualquer lugar do mundo.

O que mais condiz com o espírito anarcoindividualista é ser um cidadão universal, livre das amarras políticas e ufanistas condicionantes. Deveria fazer parte da evolução e do crescimento individual aprender e assimilar o que existe de realmente interessante, bom e útil em outras partes do mundo, sem os distúrbios da patriotice piegas que a todo custo quer enxergar coisas muito boas e louváveis até onde elas não existem, ocasionando uma indesejável inversão de valores. O indivíduo, assim, em deliberada evolução, livra-se do irracional senso patriótico excessivamente ufanista, não compartilhando da conseqüente histeria patética da grande maioria, seja lá onde estiver. O resultado é a libertação psicamental dos laços nacionalistas limitantes e uma sensação de expansão individual que abarca apenas aquilo que importa, o que é melhor em todo o planeta, que proporciona conhecimento e sabedoria, com discernimento, autoconsciência e autogoverno.

Ao contrário do que se possa pensar, o autogoverno, tão temido pelos políticos e pelas “religiões de Deus”, certamente oferece menos risco de barbárie se conduzido por indivíduos autoconscientes, sensíveis e evoluídos. Ao longo da história, pode-se ver que os Estados, politicamente organizados e baseados na estrutura monoteísta e patriarcal “recomendada” pelo maior *best-seller* de politicagem conhecido como Bíblia, podem ter cometido as piores barbáries com sua tecnologia dominadora, violadora e destrutiva. Eis algo realmente maligno (e o Dêmonio nada tem a ver com isso)! Nem mesmo a quimera monstruosa da *Utopia*, cristita e patriarcalista, é condizente com a liberdade, com a diversidade humana ou com a igualdade de condições (especialmente entre homens e mulheres). Igualmente indesejável é outra quimera, *A República* platônica, que mais parece uma distopia fatalista com suas castas inalteráveis e intocáveis, em que qualquer um que fosse de casta “inferior” jamais pudesse ascender e progredir, mesmo sendo capaz, já que até mesmo a educação e a cultura seriam proibidas, sendo acessíveis apenas às castas ditas superiores.

De fato, a anarquia só existe em cada indivíduo autoconsciente, quer dizer, em cada “demônio” livre e de boa vontade, em cada deus anarquista, por si mesmo, porque o anarcoindividualismo é, na verdade, a autonomia, o governo de si, em seu sentido mais profundo. A anarquia não existe como sociedade desorganizada ou politizada, pois o anarquismo político é também uma utopia que seria passível de degeneração como qualquer movimento ou vertente política. E a política de politicagem que sempre impera, restringe, reprime e oprime indivíduos livres, exorciza demônios indesejáveis e “inconvenientes” e caça bruxas que estão soltas, à moda do infame Deus egoísta do monoteísmo e de seus seguidores.

Além de tudo, a anarquia, como algo inerente à liberdade individual, busca subverter o próprio indivíduo por meio do autoconhecimento e da autoconsciência. Uma subversão sadia superior sobre si deveria ser o mote de todo aquele que busca evoluir conscientemente. Não se trata de uma mera subversão dos governos, que possivelmente jamais deixarão de ser corruptos (a subversão seria inútil), pois o que se pode fazer é evitar a submissão em qualquer esfera da vida. Mas se trata de um trabalho de subversão da própria consciência, de mudar paradigmas pessoais, sair do comodismo de rebanho, sair da convivência (e conveniência) diante dos próprios condicionamentos, contestar (falsos) valores sociais unânimes que são impostos, enfim, libertar-se de grilhões sociorreligiosos. Somente assim, como demônios soltos no paraíso, pode-se ir além das restrições que estorvam o pensamento, a disseminação do conhecimento, a liberdade individual, o progresso e a evolução.

Não é apenas lutar por palavras vazias, por palavras bonitas, por jargões em voga, cujos significados ainda não foram plenamente assimilados por muitos dos contestadores e ativistas sociais. Subversão é algo de dentro para fora, de baixo para cima, uma insurreição que liberta interiormente o indivíduo, que proporciona paz interior, consciência e controle sobre si, ou seja, uma autonomia. É uma experiência, uma vivência pessoal e não apenas teoria estéril sem ação para progredir individualmente.

Subverter é causar uma reviravolta no próprio ser, na própria mente, nos processos psicológicos, é elevar a consciência a um estado de clareza e percepção. De maneira anárquica, o que era impossível por causa dos condicionamentos impostos pela sociedade e pelas religiões (grandes rebanhos inconscientes) torna-se realidade. Subverter é transtornar a moral do escravo, do proletário consumis-

ta mecanoide, da família televiciada, do cristita lobotomizado, para livrar-se de influências nocivas e insidiosas. Subverter é livrar-se dos maciços muros da ignorância, da pesada opressão das massas e de sua egrégora de escravidão, sofrimento, miséria e degeneração que estão em todos os aspectos da vida humana. Subverter é causar uma verdadeira rebelião contra o antigo estado de ser, contra tudo aquilo que aprisiona o indivíduo, que engessa sua mente, que limita sua liberdade de expressão. Subverter é ir contra dogmas espúrios, tabus inúteis, regras estúpidas que vêm e vão conforme o capricho de uns poucos. Subverter é sair da miséria interior para ascender aos níveis psicomentais que podem libertar as pessoas inteligentes das mazelas da civilização mecanoide. Subverter é sair da fila da lavagem cerebral que conduz cada indivíduo a uma verdadeira despersonalização, como facilmente pode-se observar. Subverter é revolucionar a si mesmo para se tornar superior, mais consciente, inteligente, sensível e sábio.

Para tanto, há ferramentas disponíveis para essa emancipação individual. As principais delas são a vontade e o amor próprio que conduzem ao autoconhecimento e à percepção de si. Com essas ferramentas essenciais, cada um pode buscar todo o conhecimento necessário para estimular sua inteligência, para afetar sua mente, para lhe conduzir em suas próprias conclusões e para subverter antigos padrões condicionadores e prejudiciais para a evolução individual. Podemos ver um exemplo disso, novamente, no arquétipo de Prometeu (*Lvxfer*, o Portador da Luz), tão mal compreendido, que pode ser considerado uma das maiores mentes subversivas superiores da literatura mitológica e filosófica, mostrando que todos podem libertar-se da escravidão patriarcal, do comodismo, da passividade, da opressão costumeira, da ignorância “normal”.

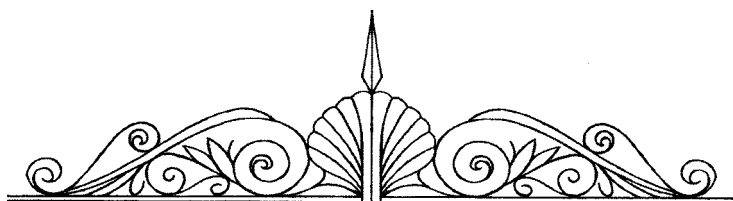
A subversão também pode fazer uso do diálogo socrático, ou dialética, que consiste em perguntas “impertinentes” e respostas, o que leva o indivíduo a buscar a verdade e a pensar por si. Isso pode ser feito consigo mesmo ou em um debate entre pessoas inteligentes, questionadoras e de espírito filosófico. Porque o conhecimento que subverte o senso comum vem de dentro do indivíduo (como centelhas ou *insights* do subconsciente). Sendo a busca pela sabedoria algo interno e constante, a subversão é feita de dentro para fora, pois a assimilação e internalização da gnose (conhecimento) ocorre por introspecção.

A filosofia “subversiva”, o amor pelo saber, o prazer pelo conhecimento e o amor próprio conduzem à aquisição da ciência, da filosofia, da arte e do verdadeiro conhecimento da Individualidade, do Eu Superior. Todo esse conhecimento “demoníaco”, que aos poucos se vai adquirindo, forma um amálgama na constituição psicomental que transforma, que muda os paradigmas e que torna os indivíduos subversivos superiores em constante evolução, assimilando o que lhes serve e rejeitando o que não presta para os seus propósitos, com vontade livre, sem coação e sem coerção.

A conjugação internalizada dos quatro grandes ramos do conhecimento humano, ou seja, a ciência, a religião (não dogmática), a filosofia e a arte, em seus aspectos mais ocultos e subliminares, funciona como um todo harmônico no próprio Ser. Esse conhecimento em sua forma usual, comum, “aceita” pela sociedade, porém dissociada, dificilmente pode subverter, pois está nos moldes rígidos de um sistema que é antianárquico. Mas esse conhecimento, formando um todo completo que interage em si mesmo, subverte os padrões “aceitos” e difundidos pelas manipuladas mídias de massa. Portanto, o cientista revolucionário, o filósofo nato, o pensador livre e o artista visionário são os que mais contribuem para a subversão das mentes inquietas e insatisfeitas, pois eles mesmos são inquietos e insatisfeitos como anarcoindividualistas revoltosos, cheios de criatividade, ideias e ideais explodindo de dentro de si.

Assim, a subversão sadia superior modifica o estado atual individual sempre para melhor, para o próprio crescimento interior, para a expansão da consciência e para o aproveitamento mais completo da Individualidade e do individualismo, sempre com discernimento, vontade e prazer. Faz parte dos direitos naturais (a liberdade, a integridade físico-mental e a vida) de cada ser humano que pensa por si a busca do conhecimento, o aprimoramento, o autodomínio, características que diferenciam os deuses anarquistas das ovelhas subservientes.

Agora, leitor, você escolhe: subversão ou subserviência?



III

Demônios Politicamente Corretos

Deus é politicamente incorreto. Além de proibir a aquisição do conhecimento sob diversas penas, o Deus bíblico pode ser considerado o maior exemplo do que não devemos ser ou fazer. Esse Deus parece ter cometido (e ainda comete) tudo aquilo que as pessoas conhecem como pecado. Basta uma leitura mais atenta e literal dos textos bíblicos para constatar isso. Aos olhos do vulgo, do crente, do fundamentalista, tais pecados são grandes virtudes; a maioria deles interpreta tais textos literalmente, como os criacionistas, entre muitos outros. Porém, o que se vê é algo lastimável e que muitos buscam imitar, tornando-se equivocados em seus pensamentos e ações, comportando-se de maneira “politicamente” incorreta. Entretanto, quase tudo pode ser resumido na essência do relativismo: o que é mau para alguns pode ser bom para outros, e vice-versa, sem que para isso seja preciso causar danos (as “criaturas de Deus” estão sempre aborrecendo supostos seguidores do Demônio).

Se o homem é a imagem e semelhança de Deus, então esse Deus deixa muito a desejar. Se apenas é imagem, então se trata de um reflexo distorcido do original. A imagem não é Deus, do mesmo modo que um boneco ou um robô androide não é um ser humano. A imagem, ou seja, o ser humano, é apenas um brinquedo defeituoso, um pouco mais imperfeito que seu criador caprichoso e genioso. Mas Deus é tão

orgulho disso que chega realmente a pecar. Pode-se ver o pecado do orgulho e da vaidade quando Deus cria essa imagem e semelhaça de si para ficar contemplando-se, como em um espelho. Ou quando esse “divino” criador de fantoches está sempre achando que tudo o que tinha feito era perfeito e muito bom, mesmo que uma certa imperfeição “satânica”* tenha surgido do nada na forma de uma serpente portadora de um conhecimento “proibido”, pondo a perder “tudo o que era muito bom”. Deus vangloria-se de ter colocado sua criação em uma cilada paradisíaca, esperando que realmente sua criação viesse a padecer e a morrer, coagindo assim o homem a obedecer-lhe. Como Deus também se orgulha de seu poder ilimitado sobre seus súditos recém-criados, gasta seu tempo intermediando intrigas entre o homem, a mulher e uma “pobre” serpente, provocando acusações mútuas apenas porque alguém supostamente comeu uma fruta “proibida” (ou quis saber sobre o bem e o mal das coisas); proibições e coerções já existiam no paraíso, já que foram criadas por esse tal Deus muito “bondoso”. Eis uma politicagem nada correta, porém um motivo de orgulho e vaidade. Mas... “Deus viu que isso era bom”.

Felizmente, não é Lúcifer o demônio do orgulho, mas muito mais do que isso, um poderoso deus arquetípico da inteligência, do conhecimento, da autoconsciência, da liberdade, da vontade e do amor fraternal livre. Mas, sobre outras e profundas implicações acerca de Lúcifer, chamado de “demônio” pelo vulgo, o leitor interessado pode conhecer estudando a obra *A Revolução Luciferiana*, da Madras Editora.

Se “a serpente era o mais astuto de todos os animais”, isso pode ter causado inveja em Deus. A serpente, chamada também de Satã pelos fanáticos cristitas, além de astuta era uma ativista revolucionária inteligente e sábia que, por meio de uma simples retórica, conduziu o homem e a mulher (ou a espécie humana) à libertação do cativo “divino”. Deus pretendeu ser esperto com sua emboscada, mas a serpente foi mais inteligente (não se sabe por que Deus a criou assim, além de ter criado animais “imundos”, se tudo era para ser perfeito).

Deus invejou também a capacidade de querer, de desejar, de buscar a superação, dos “filhos de Adão” que tentavam chegar ao céu para tornar seus nomes célebres. Se não bastasse a inveja, “o Senhor desceu, para ver a cidade e a torre que os filhos de Adão edificavam”. Isso não é bisbilhotice? Pois Deus, temeroso e invejoso, com sua legião, disseminou (assim dizem) a confusão para que os homens não

* N.E.: Sugerimos a leitura de *As Escrituras Satânicas*, de Peter H. Gilmore, Madras Editora.

se entendessem e assim não conseguissem atingir seus objetivos. Logicamente, Deus sempre invejou tais ousadias e inventou desculpas para amaldiçoar e castigar sua cria e toda a Sua descendência, até os dias de hoje. Certamente, não existe inveja maior e mais destrutiva.

Motivada por um espírito altruísta, a serpente sábia, por vezes chamada também de Leviatã e de Demônio, ao contrário de ser uma nociva criatura invejosa, apenas quis libertar a cria supostamente divina da ignorância, da submissão e da coerção, o que pode ser considerado politicamente correto. Contudo, as descrições do monstro Leviatã (considerado o demônio da inveja, pelos fanáticos paranoicos) mais parece uma autoindulgência do próprio Deus bíblico, uma descrição de Si mesmo e dos próprios “poderes”, em tom de ameaças: “espírito como o resplendor de fogo”; com “narinas que soltam fumo como panelas ferventes”; com “hálito que incendeia carvão e chamas que saem da boca”; que, “quando se eleva, temem os anjos que, espantados, são purificados”; que, “quando uma espada o alcança, não vale ela contra ele”; “os raios do Sol estarão debaixo dele, e ele andarà por cima do ouro e por cima do lodo”; “farà ferver o fundo do mar como uma panela”; “não há poder na Terra que se compare a ele, pois foi feito para não temer ninguém”. Ou são descrições de fenômenos naturais do próprio planeta Terra...

Sendo a ira uma intensa emoção destrutiva (por vezes útil para os não pecadores), percebe-se o desejo constante de agressão por parte do Senhor, que se arrepende do que faz, do que cria, dos resultados de suas próprias ações nada sábias. Com seu ego de porcelana, Deus se sente constantemente magoado e ofendido por sua prole e, assim, vingá-se com toda a ira que é permitida apenas para Si. Eis um Deus que está sempre amaldiçoando tudo e todos, que está sempre explodindo de ira e infundindo temores em suas fanáticas ovelhas. Deus peca pela ira quando amaldiçoa a bem-intencionada serpente do Jardim; quando faz Eva e todas as mulheres sofrer a dor do parto e a submissão aos homens; quando diz a Adão que “a terra será maldita por causa da tua obra”, que “tu comerás o pão com o suor do teu rosto” (ou melhor, o pão azedo e mofado que Deus amassou), que, “se não guardares e não cumprires todas as palavras e não temeres ao Senhor, o Senhor aumentará cada vez mais tuas pragas”; quando expulsa o homem e a mulher do paraíso; quando amaldiçoa o “vegetariano” e “tatuado” Caim, dizendo que “serás maldito sobre a terra”; quando destrói os homens por meio do dilúvio; quando destrói Sodoma e Gomorra; etc. Deus está sempre se arrependendo de sua criação e depois a destruindo,

estendendo sua vingança até os animais, sempre com sua ira peculiar, com o Diabo no corpo. Assim, Deus parece ser o verdadeiro criador e disseminador das desgraças, das mazelas e das enfermidades. E, é claro, seus fiéis continuam seguindo seus “divinos” desígnios até hoje.

Pelo que precede, não é Satã o demônio da ira. Satã nada tem a ver com a inflada e pecaminosa ira de Deus. Satã pode ser visto apenas como um “adversário” que se opõe à indesejável criação densamente material e limitante do Deus bíblico, ou seja, que se opõe ao aprisionamento da Individualidade humana, à degradação da personalidade e à degeneração física da espécie humana, fatos facilmente observáveis. Assim como esse Deus, seus seguidores levam uma vida cheia de ira violenta contra um Satã que eles nunca viram e contra todos aqueles que são os “adversários” de seus dogmas falaciosos, de sua hipocrisia e de seu fanático materialismo religioso.

Por outro lado, algumas manifestações satanistas se aferram às ideias dogmáticas dos fundamentalistas bíblicos, buscando combatê-las por oposição dentro desses próprios dogmas. Combatendo dogmas e invertendo símbolos, a maioria dos satanistas não sabe o que está fazendo e não busca saber. É importante lembrar também que a maioria dos símbolos judaico-cristãos foram absorvidos (ou copiados e modificados) de outras fontes, em geral politeístas. A cruz (outro símbolo universal e pré-cristão) que se desenvolveu na cruz latina é utilizada invertida como prática satanista, mas muitos “adoradores de Satã” ignoram que essa cruz já invertida, antes de ser adotada pelos satanistas, era a cruz de São Pedro, considerado o primeiro papa do catolicismo, sendo por vezes exibida nos tronos e túmulos dos papas. A prática adequada para os satanistas seria, então, inverter o crucifixo e não simplesmente a cruz. Ou adotar símbolos próprios ou mais apropriados ao satanismo. Assim, a prática da inversão dos dogmas e símbolos que os satanistas buscam combater é desnecessária quando de fato e intimamente não se vive sob esse jugo religioso dogmático. Não há o que renunciar quando não se acredita em tais dogmas, quando não se vive regido por eles. A inversão dos dogmas religiosos pode demonstrar uma relativa crença nesses dogmas e uma grande necessidade de libertação, pois ainda o indivíduo não é livre. O dogma judaico-cristão como objeto de blasfêmia sistematizada é desnecessário e sem sentido para qualquer indivíduo realmente livre, pois um blasfemo só pode ser alguém que vive por esse dogma e que tenha fé nele, e que, em um determinado momento, se volta contra ele. Para ser blasfemo, portanto, é preciso estar inserido no sistema religioso, o qual será objeto de

blasfêmia. Aquele que não está inserido em qualquer religião dogmática, que está livre, faça o que fizer, diga o que disser, jamais será um blasfemo, pois essa tal ou qual religião não é seu referencial de vida e de pensamento. O dogma simplesmente não é adotado nem aceito, mostrando que ele não tem qualquer importância na intimidade daquele que é livre e segue apenas sua vontade.

Mas, com uma vontade, ou melhor, um desejo egoico e desmedido, mandando e desmandando de seu alto trono enfadonho, Deus se regozija na preguiça. Parece ter criado o mundo e todas as criaturas em um simples passe de mágica apenas para o próprio lazer. Um lazer que é usufruído de domingo a sexta-feira, porém, abençoando o sábado, que é reservado ao total ócio não criativo que seu “povo escolhido” pratica persistentemente (mas os domingos dos cristãos são aproveitados para se fazer muitas coisas profanas e mundanas). A propósito, como poderia esse Deus ter inventado os dias da semana nos primórdios (se é que houve um primórdio) do Universo, quando não havia seres pensantes para medir o tempo e suas rotinas? Aliás, os dias da semana têm seus nomes originados de nomes ditos pagãos. Mas, enfim, como pode “Deus abençoar o sétimo dia, porque neste dia ele cessou de produzir todas as obras”? Os dias de produzir obras, de criar, de manifestar a inteligência são dias amaldiçoados? Talvez sim, para muitos que fazem isso sob intensa pressão e golpes de açoite, com um capataz às costas, e que sofrem demasiadamente para ganhar o pão suado azedo que o Diabo amassou (quer dizer, Deus). O fato é que mandar e desmandar não demanda esforço, e, como qualquer um que adora mandar a todo custo, Deus peca pela preguiça, já que pode realizar seus desejos caprichosos simplesmente por meio de outros que lhe obedecem. Porém, não “santifica” os dias de trabalho criativo e produtivo.

Mas o que Deus não faz, Belfegor (considerado o demônio da preguiça, por alguns) pode fazer melhor: criar, inventar, descobrir e mostrar aos preguiçosos que é possível aprender por si mesmo e pela vontade individual coisas que Deus não quer ensinar. Belfegor, considerado equivocadamente também um misantropo, pode ser visto como o poder manifestado da genialidade, da atividade mental e da heurística, coisas que não necessitam de pessoas estorvadoras, mas de uma certa reclusão e de silêncio, porque o próprio indivíduo aprende o que quer por si mesmo (ou com a ajuda de Belfegor).

A avareza pecaminosa de Deus também é vista em sua prole humana. Deus demonstra ser o maior avarento de todos quando diz: “Que me ponham à parte os presentes que hão de fazer (...)”;

“eis aqui as coisas (...): ouro, prata, bronze, jacintos, linho fino, peles de cabra, peles de carneiro, azeites, perfumes do mais suave cheiro, pedras preciosas (...)”; e também “que me consagre o primogênito de teus filhos”, “o mesmo farás de teus bois e de tuas ovelhas”; etc. Deus simplesmente exige todos os presentes, oferendas e díizimos somente para Si, além de todas as adorações, templos e altares suntuosos, cultos religiosos e festas (sazonais pagãs?), pois “não terás deuses estrangeiros diante de mim”, “não jurareis por nomes de deuses estrangeiros”, “porque eu sou teu Deus que vinga até a quarta geração daqueles que me aborrecem”, e “aquele que sacrificar a outros deuses (...) será castigado de morte”, etc. Certamente, tudo muito “bondoso” e “divino”.

Como tal, a avareza e a ganância “divinas” podem ser vistas até os dias de hoje, mostrando como se pode conseguir as coisas por meio de ameaças, castigos e submissão alheia, ou seja, uma verdadeira politicagem a ser seguida pelos monoteístas de nossa civilização que querem estar no poder. Esse Deus ganancioso, repressor, ameaçador e caprichoso não é muito melhor que Mammon. Este nada mais é que o arquetípico deus romano da riqueza, Pluto e sua cornucópia da fartura, que não retém tudo para si, mas que pretende distribuir a riqueza em abundância no mundo, incluindo todos os recursos naturais que são a base da riqueza material. Contudo, grande parte das sociedades monoteístas não faz bom uso da riqueza, retendo-a e acumulando-a sem necessidade e exaurindo a Terra, por vezes com finalidades ilícitas, enquanto muitos outros sofrem necessidades terríveis (talvez porque eles não sejam parte do “povo de Deus”).

A gula está ligada, de certa forma, à avareza. A gula é um forte desejo vicioso de possuir mais que o necessário e mais que o mínimo excedente, jamais atingindo o contentamento e a satisfação. A gula de Deus é voraz em sua sede de sangue e carne (inclusive de novilhos), pois “degolará o novilho diante do Senhor, e os sacerdotes oferecerão seu sangue, derramando ao redor do altar”, além de mandar esfolar e desmembrar a vítima, como em um verdadeiro matadouro ou açougue. O Deus pantagruélico insaciável está sempre exigindo incessantes holocaustos “de suavíssimo cheiro”, de animais inocentes (qual o pecado deles?), tais como bois, vacas, ovelhas, cabras e aves, e ainda preferindo as vísceras com gorduras que são queimadas sobre o altar. Eis um verdadeiro Deus glutão. Ou tudo isso não passa de antigos rituais pagãos ou politeístas de evocação, por meio do sangue, adotado e adaptado para fins monoteístas e, portanto, hipocritamente justificáveis?

O fato é que a civilização de hoje herdou esse desequilíbrio jupiteriano, essa gula e holocaustos “divinos”, como podemos ver nos negócios rentáveis da indústria de abate, na pecuária, nas indústrias alimentícias em geral e nos restaurantes chiques, resultando como consequência os incessantes desmatamentos para as enormes pastagens, entre outros desequilíbrios. Assim como esse Deus, as pessoas estão sempre insatisfeitas, descontentes e “famintas”, muitas até com sérios problemas de obesidade em função desse vício da gula incontida e ansiosa. Mas, por outro lado, Limos, o demônio da fome e da miséria, parece causar uma terrível escassez de alimentos em muitas partes do mundo. Ou é o próprio Deus disfarçado que parece trazer abundância apenas para os “escolhidos” (ou para aqueles que o escolhem como seu Senhor).

Com a demonização de divindades ditas pagãs, Behemoth e Belzebug, ou Baal’Zebub, passaram a ser os demônios da gula, para alguns. Entretanto, Belzebug parece ser muito mais evoluído que o Deus bíblico. Belzebug é o “Senhor das Coisas que Voam”, e as coisas que voam podem indicar um ar de superioridade com relação aos seres que não voam, que estão “presos” à terra. As coisas que voam podem ser vistas como a tradicional imagem que temos dos anjos, até mesmo dos chamados anjos caídos. Se Belzebug é um anjo caído, ele continua a voar em nosso mundo, vagando por aí e transmitindo conhecimentos “proibidos”, já que supostamente ele não pode voar no mundo celestial. Por extensão, entendemos também que seres glutões são obesos e, por consequência, não podem voar. Logo, Belzebug jamais poderia ser o demônio da gula, mas sim um Deus das Alturas (e altura depende do referencial do observador), um Deus do Ar e Senhor dos Seres do Ar, o Deus do Sol e um Deus da Medicina (natural) que pode curar a gula e a obesidade, mas não a fome insaciável de luxúria, um outro “pecado” de Deus.

Como “Adão e sua mulher estavam nus e não se envergonhavam”, Deus pôde pecar deleitosamente sem ser perturbado (por aquela serpente “intrometida”), espiando-os em sua nudez. Além de luxurioso, Deus era sádico, pois o coito sexual (para as virgens), a gravidez e o parto deveriam sempre estar acompanhados de dor, bem como a exigência de circuncidar a carne do prepúcio até mesmo dos escravos (!) de “seu povo”. Deus também decretou a submissão da mulher aos caprichos do homem, sendo tratada como um mero objeto sexual de reprodução, e disse que, “se um homem tomar uma mulher e ela não for agradável a seus olhos, fará um escrito de repúdio e a despedirá de sua casa”. Também permitiu uma série de relações incestuosas,

adúlteras e poligâmicas. Mas o que parece mesmo ser um “pecado” é o onanismo, já que tal prática, supostamente inaugurada por Onan, impede a fecundação e a reprodução. Por outro lado, mesmo sendo a favor da procriação desenfreada (o que é um resultado da luxúria descontrolada), Deus diz que, “se uma mulher parir macho, será imunda sete dias”, e, “se ela parir fêmea, será imunda duas semanas”. Após isso, a mulher deveria sacrificar um animal em holocausto para ser purificada, porque Deus parece considerar o parto imundo, mesmo incentivando a procriação e o infundável aumento populacional na Terra.

Sendo a luxúria um forte desejo passional (e Deus é cheio de paixões explosivas) por prazeres e gratificações, entre outros “pecados”, pode-se observar o quão pecaminoso é Deus em seu modo de ser. Assim, os seres humanos estão em perfeito acordo com os ensinamentos do Senhor, inclusive as hipócritas e fundamentalistas religiões institucionalizadas que transformam tudo em coisa do Demônio, exceto seu Deus pecador. Contudo, Asmodeus, considerado o demônio da luxúria, é o deus dos prazeres sexuais, do amor sexual e da paixão violenta, que são coisas naturais. Mas, como qualquer prazer é relativamente perigoso quando exagerado, basta apenas tomar cuidado de não cair no vício e aproveitá-lo com discernimento. Asmodeus não pode fazer nada de mau contra os indivíduos autoconscientes, equilibrados e que possuem uma verdadeira vontade. Afinal, o sexo, a fome, a ambição, o lazer e o descanso, a autopreservação e o amor próprio são inerentes à natureza e às necessidades humanas, e nada têm a ver com os mandamentos e preceitos de um Deus vicioso, egoísta e opressor, que deveria conhecer as necessidades fisiológicas e psicológicas de sua cria.

Mas, caso o homem seja, literalmente, feito à imagem e semelhança de Deus, então ele é exatamente isto: uma cópia de todos os desatinos pecaminosos de Deus. Basta observar nosso mundo para constatar que o ser humano é a personificação de todos os vícios e tolices “ensinados” pelo Senhor. Como acreditar que um Deus instável e genioso, que degrada e considera sujo qualquer processo natural e fisiológico do ser humano, e que só fala em pecado, imundícies, sacrifícios sangrentos, sofrimentos, vinganças, castigos, conflitos, guerras, submissão, etc., possa ser confiável, bondoso, compreensivo e politicamente correto? Esse Deus bíblico, de fato, parece mais um diabinho ansioso ou qualquer espírito zombeteiro que quer toda a atenção para si.

Pode-se concluir também que os verdadeiros deuses talvez sejam aqueles que são chamados de demônios pelos monoteístas, fundamentalistas e ignorantes. Pois, como mencionado anteriormente, são eles os arquétipos portadores do conhecimento “proibido” doado à humanidade. Todo conhecimento do mundo é parte do conhecimento superior e supra-humano transmitido “ilegalmente” aos humanos pelos demônios, ou “anjos caídos”, quer dizer, forças superiores, possuidores de vastos e profundos conhecimentos e sabedoria. Todos os ramos da ciência, da arte, da religião (não dogmática) e da filosofia, agora em parte desvirtuados pela inépcia, malícia e ganância humanas, são fragmentos da sabedoria real, divinamente demoníaca, na Terra, ou seja, a divina Sofia “caída”, ou Shekinah, Shakti, Lilith, a mãe de muitos demônios (geniais) e a verdadeira criadora do mundo natural com sua sabedoria inerente e implícita.

Mas vamos elucidar melhor o que parece ser uma contradição. Os chamados anjos nada mais são que demônios, em seu sentido original e isento de conotações dogmáticas diabólicas. “Anjo” vem do grego “áγγελος” e do latim “angelus”, e significa “mensageiro”, “emissário”; “demônio” vem do grego “daimónion” ou “daemon”, e significa simplesmente “espírito” ou “deus”; “gênio” vem do latim “genius” e significa “gênio”, um espírito tutelar, um guia de elevada inteligência (a inteligência e a percepção de um gênio humano, encarnado, seja na ciência, nas artes, na filosofia, etc., sempre são de ordem superior, supra-humana). Essas três palavras são, portanto, permutáveis e essencialmente neutras em seu sentido, isentas de moralidades e dogmas, significando apenas qualquer ser espiritual inteligente e indiferente com relação aos conceitos de bem e mal. Anjos, demônios e gênios podem ser considerados os verdadeiros intermediários entre os planos sutis supra-humanos e o plano denso, material e humano. São conhecidos ainda por diversos nomes, tais como Grigori, Vigilantes, Antigos, Djinn, Anjos Enochianos, Daityas, Asuras, Nephilim, Anunnakis, Jotuns, Titãs, Eons, Nommos, Extraterrestres, etc. Mas entenda-se por planos supra-humanos ou superiores os níveis psicomentais elevados e expandidos, os mundos das ideias que possuem vida, os mundos dos arquétipos que se manifestam sob diversas formas nas mentes desenvolvidas, abertas e expandidas, que são capazes de contatar essas forças para aquisição de conhecimento e sabedoria.

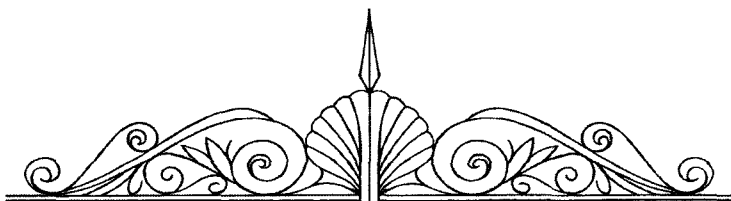
Demônio e gênio (inteligência, criatividade, pensamento, etc.) também sintetizam o próprio Daemon, o Eu Superior, a Individualidade (já mencionada anteriormente), também conhecidos como Guardião, o

poder que guarda, protege e guia um indivíduo encarnado na Terra e lhe transmite o conhecimento, evidenciando seu gênio. É o próprio indivíduo, o verdadeiro Eu, um deus ainda subdesenvolvido e adormecido na grande maioria das pessoas (com suas personalidades cotidianas transitórias).

Pelo que precede, nenhum demônio pode ser o mal, porque o mal é a separação, a dissociação entre a personalidade encarnada e a essência individual, a inteligência superior, a consciência. Tal separação é que torna a humanidade perversa e cheia de vícios e erros. Com o embotamento da vida, o mal surge (a ignorância, a inconsciência, a ilusão e a dor), pois ela perde as origens remotas da Individualidade e da Criação. A própria Criação se deu pela separação do conhecimento supra-humano e da humanidade grosseiramente material. Assim, a função dos demônios (gênios, anjos, etc.) é tornar cada indivíduo um deus autoconsciente em todos os planos de manifestação psicamental por meio do conhecimento, da sabedoria e da iniciação. Porque o conhecimento subtraído, separado de sua origem, da Individualidade, do Eu Superior e desconhecido dele é o verdadeiro mal (a ignorância). E os demônios “separados”, dispersos pelo mundo, ao longo das eras, doam esse conhecimento superior e “proibido” ao homem. Os gênios demoníacos tornam-se assim verdadeiros deuses muito bem-intencionados porque buscam manter unidas a criação material e a divina sabedoria (Sofia), possibilitando ao homem tornar-se também um deus autoconsciente e sábio por meio do conhecimento iniciático. Lúcifer, todos os “gênios rebeldes” e os demônios são a força da inteligência, da criatividade e do progresso humano para muito além da simples animalidade da carne e da difícil sobrevivência material. Pois a suposta queda deve ser entendida como a encarnação da consciência, do corpo psicamental, da inteligência e da sabedoria na Terra, no plano material da Criação, como ciência, filosofia, arte.

Contudo, a humilde serpente da iniciação individual, esse deus lilitiano e luciferino, querendo compartilhar todo o conhecimento “proibido” para libertar a humanidade da ignorância e da escravidão, foi “amaldiçoada”. Apesar disso, ela continua a ser um dos maiores símbolos da sabedoria e da autoconsciência, da força vital e da energia sexual que é utilizada para a expansão da consciência.

E, motivados pelo verdadeiro sentimento fraterno, no paraíso filosofal, os demônios continuam sendo politicamente corretos...



IV

Santa Ignorância e São Cifrão

As grandes massas ainda não sabem que nem tudo é apenas a educação limitada da escola, da igreja, da família e a informação das mídias como jornais e noticiários, pois sofrem os condicionamentos e a neurose coletiva do sistema e das religiões institucionalizadas. O povo educado no molde monoteísta limitado e fundamentalista desde o nascimento dificilmente irá mudar, pois simplesmente engole “histórias” que podem ser adulteradas, pasteurizadas e enlatadas, que servem para mantê-lo alimentado e de boca fechada. Esse povo não é capaz de mudar seus paradigmas mentais, ignora que nem tudo é ensinado ou mostrado nas igrejas, nas escolas e nas famílias, pois sofreu uma lavagem cerebral ao longo da vida, sutil e insidiosamente, adorando assim uma santa muito conhecida da humanidade: a Santa Ignorância.

Com cultos a Santa Ignorância e com tributos a São Cifrão, os devotos, com seu “manual” bíblico debaixo do braço e sem conhecer uma possível história oculta de sua própria religião, “criaram” muitos demônios que lhes assombram a vida e trabalham muito para enriquecer o padroeiro das grandes religiões de massa: o mencionado São Cifrão. Para aqueles que não fazem parte desse rebanho, São Cifrão é um verdadeiro diabo capitalista ganancioso e um grande rival do deus Mammon. Mas, como todo sistema, há a necessidade da elaboração de uma cartilha que possa orientar sua implementação, mesmo que seja uma compilação adulterada e adaptada de outros livros ou obras.

A Bíblia é um “clássico” exemplo disso. Colcha de retalhos nada original, forjada a partir de doutrinas e obras mais antigas, com muitas versões traduzidas e deturpadas, a Bíblia poderia então ser considerada quase um plágio disfarçado? E somente pode ser considerada um clássico literário (como dizem alguns) por força da imposição e da opressão ao longo do tempo. Com seus muitos anjos, bestas e demônios (tomados dos outros) personificados em “pecados”, a religião monoteísta parece ser uma falácia, pois não passa de um politeísmo com malformação, feito de farrapos que ela mesma fez apodrecer até os dias de hoje.

Há muitas obras importantes no decorrer da história e ao redor do mundo, e, se tudo no mundo dependesse apenas da Bíblia, estaríamos estagnados. Se os cordeiros de Deus adoram tanto a Bíblia, deveriam gostar também da clássica e infame “continuação” intitulada *Malleus Maleficarum*, escrita por cristãos inquisidores no século XV e que conduziu ao extermínio milhões de mulheres (e homens) inocentes, lamentavelmente. Eis mais uma santa padroeira que “abençoou” a malevolência continuada: a Santa Inquisição, irmã da Santa Ignorância e de São Cifrão. Mas é claro que a Santa Inquisição, também irmã gêmea do Santo Ofício, já não é mais tão cultuada hoje em dia, porém há resquícios de sua existência sob diversas formas de intolerância religiosa, hostilidade, perseguição, segregação e boicote, como uma Inquisição moderna e relativamente velada ou não. E a causa da maior parte do ódio e do sofrimento é justamente essa intolerância por parte dos fiéis das religiões institucionalizadas e de massa, pois cada qual busca impor, obrigar o outro a se converter para a sua religião sob pena de ser execrado da sociedade, do meio em que vive e de ser tachado de iníquo, ímpio, infiel, blasfemo, herético, adorador do Diabo, etc. Se cada um cultuasse seu deus e calasse a boca, deixando os outros com seus cultos em paz, haveria menos problemas na tão paparicada civilização (que, em muitos casos, não tem nada de civilizada).

Contudo, a Santa Ignorância sempre irá servir a São Cifrão, e a Bíblia e coisas do gênero serão suas cartilhas. Mas a fé do povo ignora ou não enxerga tudo o que a contraria. Afinal, se somente a fé é válida, sem qualquer estudo mais profundo sobre o conteúdo das chamadas Escrituras, então não há necessidade de apoiar a fé em coisa alguma, mas apenas na própria fé individual e cega. A fé seria, então, independente da existência de Deus, do Messias, de Je-

sus,* da Bíblia ou de qualquer outra coisa; se a fé pura e simples não precisa de provas contra ou a favor, também não precisa dos objetos de tais provas.

Mas vamos analisar melhor esse objeto bíblico tão polêmico e que causa tantas discussões acaloradas e ardentes como o inferno cristita.

As obras citadas a seguir são, segundo estudos, mais antigas do que a Bíblia (que é uma compilação modificada e adaptada dessas obras ao longo do tempo). São textos escritos e/ou encontrados na região do Oriente Médio e em regiões e países próximos.

Vamos a elas: *Epopéia de Gilgamesh* (relato sumeriano sobre o dilúvio, etc.), aproximadamente 2600 a.C.; *Enuma Elish* (poema épico babilônico sobre a Criação), 1800 a.C.; *O Livro dos Mortos do Antigo Egito* (obra místico-religiosa), 1500 a.C.; *Zend Avesta* (textos sagrados persas do masdeísmo), 1000 a.C.; *Pergaminhos de Qumran* (Mar Morto), entre 200 a.C. e 1 d.C., ou seja, antes do Novo Testamento. O Novo Testamento provavelmente foi escrito em grego durante o século 1 d.C., e o Antigo Testamento foi supostamente escrito por volta de 1200 a.C. por diversas mãos. O idioma aramaico provavelmente tenha surgido em torno de 1100 a.C., ou seja, é mais novo do que algumas das obras citadas. O hebraico é, segundo estudos linguísticos, uma língua de origem afro-asiática, mais especificamente do nordeste da África, ou seja, do Egito. Moisés, supostamente o autor dos cinco primeiros livros do Antigo Testamento, se existiu, pode ter nascido em torno de 1200 a.C., viveu no Egito, segundo dizem, e, assim, aprendeu o monoteísmo criado por Akhenaton. Portanto, se ele realmente nasceu, é mais novo que algumas das obras citadas e contemporâneo de outras, além do que os outros livros bíblicos foram escritos por outros autores também contemporâneos às outras obras citadas, ao longo da história.

Entretanto, segundo estudos, não há provas da existência de Moisés. Alguns dizem que ele é apenas um personagem mitológico, como muitos outros que constam em panteões, criado (ou copiado) a partir da história de Sargão da Acádia, que, logo após seu nascimento, foi colocado em um cesto de juncos em um rio. Outros concluem que Moisés era o próprio faraó monoteísta Akhenaton...

* N.E.: Sugerimos a leitura de *Jesus – O Último dos Faraós*, de Ralph Ellis, e *Moisés e Akhenaton*, de Ahmed Osman, ambos da Madras Editora.

Os fiéis, fanáticos e fundamentalistas podem ignorar tudo isso, e muitos realmente não querem saber. Eles também podem ignorar que, segundo estudos:

– vários personagens e a maioria dos símbolos judaicos e cristãos foram tomados de mitologias e cultos ditos pagãos de vários outros povos;

– o “povo escolhido” em seus primórdios era politeísta e possivelmente praticava sacrifícios humanos;

– o cristianismo como se conhece provavelmente foi criado por São Paulo, ou seja, trata-se de um paulinismo hipócrita, uma falsa religião cristã escravagista, dominadora, belicosa e materialista;

– São Paulo partilhava de apedrejamentos e de atos de violência;

– Pedro, supostamente considerado o primeiro papa, era casado;

– Santo Agostinho era um pervertido, promíscuo e hipócrita;

– São Nicolau é uma “invenção” baseada na crença em Papai Noel que, por sua vez, tem origem em primitivas lendas europeias sobre duendes cruéis e canibais que se vestiam de vermelho e perambulavam pela neve soando sinos e correntes;

– a popular Árvore de Natal cristã tem origem em cultos solares e sazonais pagãos anteriores ao cristianismo;

– muitos santos eram personagens pagãos que foram “cristianizados” para “facilitar” a conversão do povo;

– o celibato foi inventado provavelmente para não perder propriedades por causa da lei de herança;

– a canonização é outra invenção, e assassinos e criminosos eram também supostamente canonizados;

– a invenção da eucaristia possivelmente tem origem em antigas lendas sobre mortos-vivos, seres sanguinários e antropofágicos da Europa primitiva;

– provavelmente, não existem os textos originais da Bíblia, apenas cópias;

– a divisão em capítulos e versículos foi criada por um cardeal inglês por volta do século XII, já que a Bíblia era um amontoado caótico de textos;

– o cristianismo estimulava as crenças supersticiosas e a ignorância entre o povo;

– nem Diabo nem o Purgatório jamais existiram, pois são invenções artificiais, sendo que a própria cristandade teve a ideia de inventar o culto ao Demônio;

- na Idade Média, o povo não tinha a mínima ideia do que se tratava a Bíblia;
- foram inventadas heresias absurdas que jamais existiram há dois mil anos;
- cientistas eram executados por suas descobertas que eram vistas como heresias;
- as pessoas que possuíam livros eram punidas;
- o protestantismo sempre difundiu a interpretação literal da Bíblia;
- o protestantismo contribuiu para o aumento absurdo de crimes e execuções inquisitoriais;
- eram considerados hereges aqueles que acreditavam em bruxas, e depois aqueles que não acreditavam na existência delas;
- a confissão foi inventada possivelmente para bisbilhotar a vida íntima das pessoas, principalmente a dos ricos e dos políticos;
- igrejas cobravam impostos de prostíbulos;
- comercializavam-se indulgências, ou trocavam-se perdões por ricas doações;
- comercializavam-se (ou ainda se comercializam) missas, relíquias, títulos nobres e cargos eclesiásticos;
- muitos sacerdotes comercializavam sortilégios e simpatias populares;
- muitos sacerdotes praticavam rituais depravados com supostas invocações diabólicas (equivocamente chamadas de satanismo);
- muitos papas e padres eram promíscuos e incestuosos;
- a cristandade estimulava as guerras para escravizar e confiscar bens;
- os religiosos estupravam, torturavam e assassinavam vítimas inocentes para depois confiscar seus bens;
- muitos religiosos estupravam virgens, viúvas, freiras e mulheres casadas e tinham muitos filhos considerados ilegítimos, além de incestos;
- as vítimas da Inquisição eram obrigadas a pagar os custos de sua própria tortura e execução, além dos banquetes após esses festivais de horrores (afinal, a vítima já tinha seus bens confiscados);
- o mínimo de higiene pessoal já era considerado algo pecaminoso, libidinoso e coisa do Diabo;
- o papado foi inventado com a intenção de se manter no poder “eternamente” e possivelmente dominar o mundo;

- muitos dogmas foram inventados com a intenção de lucro e dominação;
- o protestantismo difundiu o capitalismo e o grosseiro materialismo extensivamente;
- os protestantes (e agora os neopentecostais) possivelmente sempre quiseram instalar uma teocracia liderada por pastores evangélicos;
- o neopentecostismo intenta expandir seus domínios do mesmo modo que o catolicismo ou qualquer religião monoteísta fundamentalista e repressora.

Pode-se também observar a opulência do Vaticano* como um todo e de muitas igrejas e catedrais (e, em certo grau, dos imóveis neopentecostais) pelo mundo afora. Opulência que a todo custo era mantida com uma violenta e voraz ganância material que exauria pessoas e lugares.

Eis todo o materialismo arrogante do monoteísmo.

Tudo o que a cristandade sempre condenou como heresia e coisas do Diabo, muitos de seus servos e dirigentes sempre praticaram. E ainda se podem ver muitas dessas práticas a todo fôlego, bastante “desenvolvidas” (em todos os lugares “civilizados”, nos jornais, na perniciosa TV, etc.), práticas que excedem a suposta barbárie dos antigos pagãos, ou gentios: torturas sexuais, incestos, infanticídios, fraticídios, parricídios, matricídios, genocídios, etc. Coisas de que certamente nenhum demônio (em seu sentido original) seria capaz, pois o verdadeiro Diabo maligno nada mais é que o próprio homem.

Pelo que precede, o monoteísmo, a cristandade e as bíblias, como foram e são conhecidos, poderiam ser considerados as maiores farsas e aberrações já criadas na história? Essa é uma questão para ser pensada profundamente...

Mas a Santa Ignorância e São Cifrão jamais permitiriam que as pessoas soubessem que há um outro lado da moeda (ou muitas moedas!). Os adoradores da Bíblia não querem mudar e sempre irão querer impor aos outros seus falsos dogmas e crenças (meras crenças não são a verdade). Isso é um fato facilmente observável no cotidiano. Provavelmente, jamais procurarão saber sobre o outro lado da longa história do monoteísmo, da cristandade e da Bíblia, que, na Idade Média, os próprios clérigos proibiam para que o povo não pudesse vê-la, mas posteriormente impuseram sua “aceitação” sob as mais variadas penas, chantagens, etc. A Bíblia, segundo pesquisas,

* N.E.: Sugerimos a leitura de *Os Enigmas do Vaticano*, de Alfredo Lissoni, Madras Editora.

era rejeitada pelos papas e eram proibidas sua impressão e publicação, pois era vista como uma ameaça que poderia destruir o papado, já que as farsas da cristandade possivelmente não constavam nos textos bíblicos.

Como se podem considerar tais textos bíblicos como uma sublime inspiração, benévolos e divinos, quando apresentam, desde o princípio, histórias de discórdias, ódios, sofrimentos, epidemias, vinganças, guerras sangrentas, sacrifícios sangrentos, degradação sexual e todo tipo de desgraça e de vício humano? Isso é a Bíblia (que deveria ficar longe das crianças!), um verdadeiro manual político forjado para a dominação e opressão, repleto de violência, no qual até mesmo o irascível e belicoso Jesus, se é que existiu, incentiva a guerra armada, sugerindo que se “venda sua túnica e compre espada” e dizendo também que as pessoas “cairão ao fio da espada” e que “não vim trazer a paz, mas a espada”.

Mas os demônios nada têm a ver com tudo isso, e sim as pessoas “de bem”, como os inúmeros cristitas que causaram toda espécie de atrocidades contra inocentes ao longo da história, por dominação e riqueza; como inúmeros inquisidores que torturaram e assassinaram milhões de pessoas, entre mulheres, crianças e idosos; como inúmeros padres depravados que fizeram filhos ilegítimos em freiras indefesas, obrigando-as a abortar; como inúmeros padres pedófilos, estupradores e gananciosos que podem ter o acobertamento da religião institucionalizada; como inúmeros pastores evangélicos que parecem querer incessantemente explorar a fé de milhares de pessoas ignorantes, por dominação, ganância e muito dinheiro (para a glória de São Cifrão), e atacando tudo e todos aqueles que não fazem parte de seu rebanho, etc., etc., *ad nauseam*... Tudo conforme a história pode registrar. E tudo isso os séculos não podem apagar, pois ainda persistem o monoteísmo e o fundamentalismo em suas diversas formas, até mesmo mais sutis e insidiosas.

Os seguidores obtusos da Santa Ignorância são presas fáceis para as mais variadas seitas cristitas. Os ignorantes desorientados, a maioria de baixo nível intelectual e de fraqueza moral, são iludidos pelos ardis dos línguas-de-verme, que lhes mostram uma excessiva e falsa manifestação de afeto, de amor, de preocupação com os problemas pessoais, bajulando-os, criando uma ilusão de que eles são muito importantes para Deus e para a seita e gerando uma situação na qual o indivíduo se sente uma “vítima” do mundo e que ele será bem acolhido na “comunidade religiosa”. Então, “Deus” aprisiona a víti-

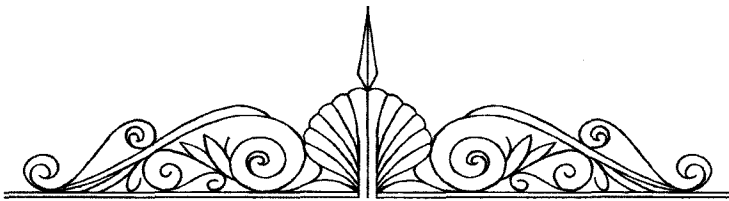
ma que passa a viver sob pressão, opressão e repressão, podendo ser constantemente ameaçada moralmente com punições divinas. Isso é reforçado com a ideia absurda, difundida pelo hipócrita e sofismático protestantismo, de que qualquer pessoa, desde o nascimento e mesmo livre de culpa, já está condenada ao inferno ou destinada ao céu (obviamente, apenas os “escolhidos”). Assim, com toda essa asneira, os fracos podem perder a autoestima, o respeito, a saúde mental, o dinheiro (que São Cifrão vem confiscar-lhes) e o livre-arbítrio (que, em muitos casos, a pessoa nem sabe que possui).

Muitos cristitas neopentecostais se tornam verdadeiros “missionários” do terror da nova Inquisição, bisbilhotando outras religiões, seitas e cultos, porém, apenas quando é conveniente. Tudo para eles é coisa do Diabo, inclusive os códigos de barras que aparecem em praticamente todos os produtos industrializados. Mas, com um pouco de hipocrisia, eles conseguem fazer compras, alimentar-se, vestir-se, morar, pagar suas contas, etc., porque tudo tem o tão temível código de barras. Ou não. Podem estar morrendo de fome, ou Jesus está multiplicando os pães com um passe de mágica (mas a mágica não é coisa do Diabo?). Entretanto, paradoxalmente, eles utilizam computadores e *internet* que também são coisas do Diabo, mas são proporcionados por São Cifrão.

Muitos clamam por tolerância, mas não querem ser tolerantes. Como esperar tolerância e respeito quando não se faz o mesmo? Seguindo o exemplo do Deus bíblico, os cristitas sempre buscaram perseguir e eliminar de seu convívio aqueles que não faziam parte de seu “povo escolhido”, de suas comunidades, de sua sociedade-padrão (nivelada por baixo, logicamente). Muitos devotos, crentes fervorosos, escondem atrás dessa aparência a verdadeira malignidade, a perversidade interior e uma doença mental que sua própria religião e os “bons costumes” podem nem desconfiar. Afinal, são pessoas de Deus que, querendo igualar-se ao Senhor, buscam sacrificar outras vidas (pois elas mesmas não sabem viver), até mesmo no seio familiar, como se fossem o próprio Deus que cumpre os próprios desejos perversos. E a Santa Ignorância faz com que assim seja, em nome de Deus. E os “demônios” a violam, em nome dos homens e das mulheres livres.

Talvez esses demônios do paraíso agora resolvam fazer um boneco à semelhança e imagem de Deus, para castigá-lo por todas as mazelas que Ele criou ao redor do mundo, as quais todos os seus seguidores fundamentalistas e fanáticos continuam a perpetrar. Pois parece que o verdadeiro causador de tantas desgraças

na Terra é o próprio Deus bíblico, criado à imagem e semelhança da miséria humana. Tal Deus se configura como o Demiurgo que os gnósticos repudiam, um Deus repugnante com sua maneira caprichosa, egoísta, perversa e maliciosa de fazer as coisas, criando e punindo, exaltando uns e humilhando outros, segundo suas preferências, fazendo politicagem e criando escravos, materializando e mecanizando a vida demasiadamente...



V

As Três Marias

Talvez um dia as três Graças, com sua harmonia, amor e beleza, superem as desgraças das perniciosas, dissimuladas e ilusórias três Marias, com seus disfarces de beldades encantadoras, em nosso mundo. Longe de serem as três fases ou aspectos de manifestação da sagrada Sofia (a Menina, a Mulher e a Matrona), essas três Marias abordadas aqui são também muito piores que as conhecidas Moiras, as três deusas gregas do destino, supostamente cruéis. São as terríveis madres Marias das religiões institucionalizadas por detrás dos principais modos de vida sociopolíticos: a Maria Monoteísta, a Maria Materialista e a Maria Mecanicista, paradoxalmente, sob o jugo do Deus misógino, antimatriarcalista e muitíssimo “misericordioso” (ou seja, conivente com a miséria). Mas elas são piores que as Moiras apenas em seu campo de atuação, ou seja, o monoteísmo dogmático, o materialismo humano e o mecanicismo existencial, na vida massificada e inconsciente dos miseráveis, dos mesquinhos e dos mentecaptos.

Como prescrito no dogma bíblico (e “proscrito” pelos livres-pensadores), o monoteísmo, que sempre quis exclusividade muitas vezes à força, busca cumprir a dominação no mundo material por meio de muitas leis restritivas, costumes inúteis e regras mecanicistas que complicam a vida humana. É certo que algumas regras e leis ainda são úteis para se manter uma relativa ordem e harmonia e respeito entre os indivíduos e suas ações (o que, de fato, está longe do ideal). Por outro lado, a necessidade da existência de regras,

leis e procedimentos burocráticos em excesso, em quase todas as esferas da vida, demonstra que a sociedade humana não é evoluída o suficiente para viver sem eles. É também um fato observável que esses excessos de regras e burocracias podem tornar boa parte da existência humana um desperdício. Toda energia, tempo e recursos dispensados a essas burocracias, regras, regulamentos e leis inúteis, que muitas vezes servem para lesar “legalmente” os indivíduos, para atrapalhar o fluxo natural da existência e para engessar a evolução e o verdadeiro progresso humano, poderiam ser utilizados em coisas melhores, tais como autoaprimoramento, autodesenvolvimento, estudo, aquisição de cultura elevada, lazer sadio, tempo para si e para quem se gosta, difusão livre de ideias, trabalho edificante e estimulante livre de objeções burocráticas ou regras estagnadoras, etc. Essa pilha montanhosa de burocracias que esmaga a vida permanecerá após a morte de seus cidadãos burocráticos e de suas “vítimas” que desperdiçaram tanto tempo e energia em suas vidas, e continuará a esmagar os mortos com óbitos, certidões, escrituras, etc... E, é claro, podemos ver as regras restritivas, os costumes inúteis e estagnadores e as leis mecanicistas no próprio funcionamento de muitos sistemas de governos, geralmente, conduzidos por homens que detêm a autoridade para mandar e desmandar, conquistar territórios, tomar para si o que pensam ser de direito, vingar (retaliar) aqueles que os contrariam, exigir tributos e prescrever como as pessoas devem viver e pensar. Tudo exatamente como ensina o monoteísmo patriarcalista cuja existência mostra sua massificante aceitação pelas massas da espécie humana que também parecem demonstrar que são desequilibradas, unilaterais e psicamentalmente não muito evoluídas, servindo aos desígnios das três grandes Madres. E o único lugar que essas Marias malvadas têm nesse mundo é como serviçais do Deus onipresente (quando convém), onisciente (mas que faz vista grossa) e onipotente (que pode tudo para fazer escravos e fazer valer seus caprichos).

A antifeminista Maria Monoteísta coloca um único Deus masculino autoritário no mais elevado pedestal, separando aquilo que deveria ser divino daquilo que é humano, ou seja, um apoteísmo que mantém as pessoas afastadas de sua Individualidade inerentemente essencial, que as mantém na verdadeira materialidade separada do que se poderia chamar de consciência do Eu Superior, do Logos individual. Como a separação é o mal, logo se conclui que o Deus macho e suas três Marias concubinas são a causa das desgraças, do desespero

e da complicação de uma existência inconsciente, condicionada e mecânica. Tal separação maligna impede que o ser humano compreenda a si mesmo e seu lugar no Universo. Aqueles que acreditam que há uma separação dicotômica entre o divino/demoníaco e o humano, entre o sagrado e o profano, entre espírito e matéria (isto é, ambos energia), entre luz e trevas, etc., são os causadores das enfermidades psicomentais e das discórdias. Porque separar o que sempre foi naturalmente unido, rompe com o equilíbrio sadio do Universo e do ser humano natural composto pelos seus aspectos subconsciente (“demoníaco”), consciente (humano) e supraconsciente (“divino”).

Como prescrito pelo suposto Deus do bem, em suas muitas leis, ordens e exigências, a humanidade vive em seu mais alto grau de materialismo, pois o próprio Deus assim o é. E a cristandade leva essas prescrições ao extremo: a opulência “dourada” e “ensanguentada” do monoteísmo secular; a ganância e o materialismo do neopentecostismo; o desejo por dominação, etc. Uma forte evidência do materialismo, do consumismo mecanoide e do capitalismo “religioso” é a cristandade em suas muitas manifestações atuais. Jesus agora é também uma marca ou um produto de consumo com forte apelo comercial e propaganda em adesivos, camisetas, bonés, chaveiros, panfletos e, é claro, em inúmeras igrejinhas que surgem em cada esquina, como se fossem parte de uma rede de mercadinhos ou de lojinhas de conveniência (o que é muito conveniente para os pastores, padres, etc., que lucram com o produto “Jesus” e seus derivados). Não seria surpresa se a cara suplicante e piegas do Jesus iconográfico aparecesse estampada nas moedas que são tão cobiçadas a todo custo pela ganância materialista, mesmo que Jesus tenha supostamente nascido em um curral, segundo a crença popular, se é que de fato existiu (possivelmente ele seja apenas um mito solar criado a partir de outros mitos considerados pagãos).

O monoteísmo como tem se apresentado parece ser a causa do materialismo. Pois o materialismo e a materialidade existem em função do que é imposto pelas leis monoteístas que sempre fizeram uso de sofismas para obter vantagens, lucros e poder, um pouco piores que os antigos sofistas materialistas e mercenários. Quanto mais leis restritivas, regras estagnadoras, costumes inúteis e viciosos, hábitos condicionantes, mais mecanicista e materialista é a vida, com sua conseqüente e absurda complicação existencial. O papel da Maria Materialista é, portanto, fazer cumprir a disciplina condicionante e limitante da matéria, embotando assim a imaterial consciência

humana e estorvando o progresso psicomental de cada indivíduo cativo na grande ilusão das “maravilhas” materiais lobotomizantes.

Se o materialismo estabelece a ideia de que o mundo material e a natureza são desprovidos de qualquer princípio vital, de qualquer inteligência própria e natural, não há problema algum em empreender materialmente uma destruição do planeta a fim de que uns poucos possam dominar os muitos (como exemplo do Deus monoteísta). Nessa utopia distópica real, crua e nua, o homem não está integrado à natureza, mas sim desintegrando-a, já que ele não a considera digna de respeito. Não sendo digna, a civilização presta-se, então, à sistemática e mecanizada destruição por diversos meios, tais como desmatamentos, contaminações industriais da terra, da água e do ar, extinção de animais silvestres, tortura e assassinato de animais “domésticos” em larga escala industrial e também pela disseminação genocida de pestes e doenças “incuráveis”.

Com o pretexto de extração para a produção de coisas “necessárias” à vida, o sistema (o que parece ser uma espécie de associação entre governantes e corporativistas) empreende uma verdadeira destruição da natureza e dos recursos do planeta. Toda essa produção desenfreada serve unicamente para manter uma existência vorazmente consumista e descartável. Como no monoteísmo dogmático, um dos objetivos de qualquer dominação global é a apropriação de todos os recursos naturais do planeta para que se possa produzir, vender e consumir incessantemente e dominar as massas pelo consumo de falsas necessidades. No ciclo interminável dessa produção industrial destrutiva, os recursos naturais (que não são infinitos) são convertidos em produtos com adição de substâncias químicas de variados graus de toxicidade, porém, são produtos descartáveis, feitos para ser substituídos “eternamente”, seja lá o que for. Além disso, a mão de obra infantil é lamentavelmente explorada ao redor mundo, em países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, para servir à “civilização” insaciável. A regra vigente, em tal sociedade sob o domínio das três Marias, não poderia ser mais estúpida: produzir, consumir, descartar, destruir e substituir, incessantemente... Tudo isso em um ciclo vicioso de materialismo obsessivo, mecanoide e inconsciente e de destruição do planeta com o aumento da produção de lixo. Poucas pessoas no mundo percebem que todos os produtos são fabricados para ser descartados, substituídos por “novos”, rapidamente, para que o consumo insano jamais cesse. Para tanto, conta-se com o apoio da pesada mídia de massa que incentiva o consumo extremo

de coisas inúteis, que estimula a ditadura da moda e que dissemina anúncios que depreciam os indivíduos como eles são, levando-os a ficar “atualizados” a cada minuto, pois, somente assim, eles podem ser “aceitos” pela paparicada e fútil sociedade consumista.

Em tal organismo social autômato, quem não compra, quem não consome em demasia, quem não gasta muito dinheiro não tem valor. Os seres humanos não passam de meros consumidores alienados, estatísticas de mercado; não são seres individualizados que pensam por si mesmos, que estão imunes aos ditames consumistas das mídias e das modas; não são seres que são valorizados pelo que são, pelo talento que possuem, pela inteligência que demonstram, pela sensibilidade interior, pela dignidade humana, etc. Enfim, uma civilização nada civilizada nem racional, como querem pensar os cidadãos “respeitáveis” e presunçosos em seu comodismo materialista e mecanicista.

Se existe apenas a matéria como única realidade, lamentavelmente os que acreditam ser assim estão embotados em seu Ser, estagnados em seu progresso individual. Dissociando a matéria da metafísica, a vida se resume a nada mais que impulsos elétricos físicos e mecânicos inconscientes. Se o materialismo exclui a verdadeira ontologia (o conhecimento do Ser como ele é, em sua constituição holística), então a vida torna-se insignificante e desprovida de ideais construtivos. Porque o idealismo está além do materialismo, buscando um maior significado para a existência. E esse significado está na metafísica (além dos aspectos físicos, além da simples matéria), nos processos de expansão da consciência e na aquisição de experiências significativas. Tais experiências são individuais e estão nos domínios da realidade supramental, ideal, na realidade interior vivenciada que agrega conhecimento sobre a natureza de si, a verdadeira gnose que dá sentido à existência e que se reflete no mundo físico.

A função da Maria Mecanicista é tornar a humanidade uma massa biomecanoide autômata e inconsciente, ou melhor, uma máquina sociopolítica, como se pode observar, para que sirva ao propósito de alimentar o insaciável Deus patriarcal e seus imitadores governantes na Terra. Diversas das grandes mídias que veiculam lixo atrás de lixo materialista são os principais instrumentos para tal mecanização da vida e da consciência, condicionando e atravancando a evolução de cada indivíduo que, imbuído de um senso coletivo robótico, ocupa-se apenas de porcarias induzidas. Isto é, quando não está “ganhando o pão de cada dia e o leite das crianças” por força da

necessidade existencial e material (o que é uma necessidade para todos, sejam ignorantes ou inteligentes, evoluídos ou atrasados, pobres ou ricos). Tal mecanicismo considera o ser humano uma simples peça de engrenagem que precisa ser controlada para que funcione segundo padrões e processos predeterminados. O mecanicismo desumaniza o ser, transformando-o em uma criatura biorrobótica como os supostos extraterrestres *greys*, que, se existem, possivelmente são mais atrasados que os humanos terráqueos evoluídos e autoconscientes, sob o aspecto psicamental. Quer dizer, o mecanicismo (e o materialismo) ignora e exclui insidiosamente as emoções superiores, a afetividade, a inspiração, a motivação interior, a receptividade para os *insights* criativos, o prazer intelectual e mental consciente, etc. Torna os indivíduos inconscientemente estoicos, conformados com a mecanicidade fria do mundo e dos sistemas que escravizam e causam sofrimento, em uma atitude muitas vezes de resignação e indiferença com as mazelas de uma vida fatalista. E, quanto mais tecnologia moderna uma sociedade parece ter, mais corrupta, degenerada e viciosamente mecanoide ela parece ser. Tal é o lado ruim do progresso material.

Assim, o mundo é um triste reflexo do Deus único e opressor, uma engrenagem monoteísta-materialista-mecanicista dinâmica, porém repetitiva e escravocrata, que gera luta e conflito. A única influência na mente da civilização, das massas, é a ação e a interação do materialismo, em uma relação de politicagem entre as classes que detêm o poder e as classes proletárias que servem ao poder, da mesma maneira que é demonstrado ao longo da cartilha monoteísta chamada Bíblia. Os indivíduos vivem em constante luta material em uma sociedade de produção altamente mecanizada e de consumo altamente condicionado. Comportam-se como se fossem viver eternamente neste mundo, sem nenhum ideal mais elevado, sem nenhuma filosofia de vida edificante, desprovidos de uma essência individual superior. Lutam para acumular coisas, pela ganância, pelo poder, lutam pela popularidade, em um mundo repleto de maquiavelismo no qual as pessoas sempre querem levar vantagem em tudo, mecanicamente, não importando os meios, em detrimento de outros. E muitos indivíduos engajados em algum tipo de monopólio comercial-materialista geralmente não levantam uma única e mísera palha para favorecer alguém sem que se exija pagamento por alguns míseros esforços e pelo mísero tempo para levantar essa mísera palha. Paradoxalmente, isso não deveria condizer com os princípios espiri-

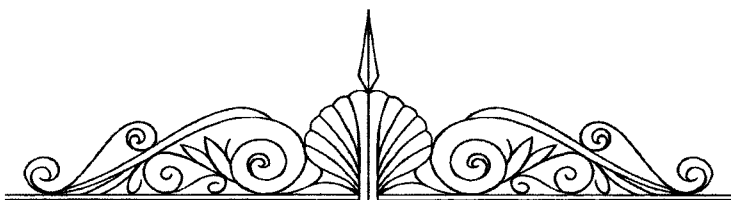
tualistas e cristitas, porém a doutrina maquiavélica parece coexistir na cristandade e em suas diversas ramificações.

E, em um mundo monoteísta, a busca pela liberdade individual parece não existir, pois o pretexto de liberdade é apenas um meio de tomar o poder das mãos de outros; a liberdade ideal não existe porque a mente está escravizada mecanicamente ao poder (e ao desejo pelo poder) materialista em um mundo densamente repleto de materialidade. Um exemplo disso podemos ver na maioria das conversações “civilizadas”, nas “rodinhas sociais”, nas quais os assuntos sempre giram em torno do materialismo, do modismo, do consumismo, das mesmices políticas inúteis, das banalidades cotidianas. Os indivíduos não conseguem ir além disso, parecem não ter capacidade de superar as futilidades do cotidiano que jamais mudam; parecem não ter outro conteúdo intelectual além do baixo nivelamento materialista e consumista, além das questões coletivas de senso comum empurradas goela abaixo por muitas mídias de massa. E esses indivíduos, em sua grande maioria, são os admiráveis “cidadãos de bem”, as “donas de casa”, os “pais de família”, seguidores do monoteísmo cristita ainda que mecânica ou negligentemente.

O materialismo bíblico é também a origem desse materialismo egoístico que cerca nosso mundo cheio de politicagem e podre “ética”. Mas, como as massas estão distraídas, iludidas com a superabundância de matéria que sufoca suas mentes, há um conformismo geral baseado no senso comum. Entenda-se que o senso comum é um eufemismo para alienação e zumbificação coletivas, tornando cada indivíduo da massa um ser psicomecânico autômato, sem vontade consciente, vivendo uma interminável “punição” materialista inconsciente. Mas, apesar dos sofrimentos, muitas vezes desnecessários, tais seres, ainda por indução coletiva, negam-se a assumir os próprios erros exteriormente e se culpam por seus “pecados” materiais internamente (quando não culpam o Diabo cristão que subsiste em sua perniciosa mente demente).

As três Marias submissas, contudo, são combatidas pelas três Moiras que tecem e cortam o fio da vida de todos. São as primordiais Moiras, e não as três Marias coniventes de Deus, que detêm a Roda da Fortuna, da Sorte, do Destino e que põem termo ao materialismo pessoal de cada um, queira-se ou não. Porque aqueles que não evoluem, que não despertam a consciência, são experimentos malogrados da Natureza. As sementes que não dão frutos são eliminadas, cedo ou tarde, pois o ventre da deusa Gaia não pode abrigar matéria

sem vida, coisas que não se desenvolvem. E a Mãe Terra violada, lar da Sabedoria encarnada (para aqueles que sabem onde cavar), vingasse devolvendo catástrofes as quais o arrogante Deus materialista e “seus filhos” não podem deter.



VI

Sofia Violada

A mulher e o sexo são, de maneira velada ou não, considerados por muitos ainda hoje como algo negativo que conduz à culpa e à separação de Deus, a não ser que seja “abençoado” pelo eufemismo sexual do casamento “religioso”. Por outro lado, o sexo tornou-se um poderoso veículo de propaganda para vender coisas que em nada têm a ver com sexualidade, amor e união sadia. É apenas um meio de manipular as massas e induzi-las também ao consumismo desenfreado, iludindo-as com um mundinho virtual repleto de imagens surreais que provavelmente jamais se concretizarão. Pois a vida cotidiana está muito longe dessas fantasias sexuais, em função até mesmo de mecanismos repressores e indutores de culpa e pecado que as pessoas comuns e correntes aceitam sem pensar. Além, é claro, do permanente culto à neurose na sociedade estimulado pela TV, causando distúrbios de diversas ordens, conflitos e violência, especialmente sexuais, morais e contra a mulher, criando assim muitas *Carries* estranhas pelo mundo afora, em uma civilização doentia.

Além de tudo, também persiste o tabu da virgindade, o que, de fato, diz respeito somente à mulher e a mais ninguém. O tabu da virgindade obviamente está presente na sociedade monoteísta, por vezes de maneira inconsciente. Como tal fenômeno sociorreligioso pode se tratar de uma enfermidade coletiva, como uma praga violenta, muitas mulheres sofreram terrivelmente, sendo agredidas física e moralmente, sendo humilhadas, sendo torturadas e sacrificadas e vendo suas néscias famílias desesperadas e supostamente

humilhadas em sua inútil vergonha. Tudo por causa de uma também inútil, porém natural, membrana que pertence única e exclusivamente à mulher e que não é da conta de mais ninguém. O valor de uma mulher não está em seu hímen, esteja ele intacto ou não, como querem pensar os machistas patriarcais, os cristitas hipócritas, os misóginos enrustidos e os semialcoólatras de igreja que agridem mulheres.

Sendo assim, um dos maiores disparates possivelmente é a mulher cristã. Não apenas um disparate, mas ser cristã é também uma violação à integridade feminina como um todo. E não somente a cristã, mas a mulher que “pertence” a quaisquer sistemas sociorreligiosos opressores, misóginos, violadores e agressivos, pois esses sistemas podem ter sido uma das maiores vergonhas da civilização; são uma violação e um desrespeito à vida e, principalmente, à mulher. E, apesar de cultuarem exatamente o mesmo e único Deus, esses sistemas têm se combatido mutuamente de maneira agressiva e insana, disseminando desgraças e sofrimentos, seja em nível material ou psicológico.

Em pleno século XXI, em que os grilhões dogmáticos de nocivas religiões patriarcais e misóginas estão mais frouxos (ou inexistentes para muitas pessoas), há ainda muitas mulheres temerariamente apegadas ao Deus machista do monoteísmo e aos seus seguidores. E podemos ficar perplexos ao ver que ainda existem mulheres que se humilham irracionalmente em confessionários, em público para que todos a vejam. Sem falar de muitos outros comportamentos deploráveis mundo afora, nas paredes internas de falsas religiões e de lares monoteístas que mais parecem masmorras disfarçadas sob o escudo da “proteção” patriarcal. Apesar de que, em certos países da Ásia, a situação não é tão diferente, tendo em baixa conta a mulher, bem como a prática da censura, da coerção e de perseguição aos livres-pensadores.

Muitas mulheres foram e ainda são torturadas e assassinadas covardemente, sem qualquer direito à defesa, em nome de certos dogmas fundamentalistas, dogmas nada divinos nem abençoados. Desnecessário dizer que os assassinos são homens com uma misoginia inata elevada ao extremo por causa de uma educação machista lobotomizante. O ódio à mulher, o desrespeito e o fanatismo violento e irracional imperam nesses submundos. Pois é fácil forjar julgamentos com base em mentiras que jamais serão contestadas,

deixando a mulher sem qualquer salvação para sofrer terrivelmente nas mãos do fanático monoteísmo.

Como é facilmente observável, o monoteísmo fundamentalista é uma limitação, uma restrição à vida e ao progresso e uma estagnação psicomenta. Seus dogmas são primitivos, bárbaros, toscos, limitantes e patológicos. Mas o monoteísmo cristita é também uma combinação velada e deturpada de antigos cultos politeístas e panteístas e de cultos monoteístas primitivos pré-cristãos, uma verdadeira colcha de retalhos. Um tal monoteísmo de obstrução, de coerção e de exclusão, que, desde seu surgimento, prega a submissão da mulher, jamais poderia ser aceito pelo sexo feminino. Os maiores e mais conhecidos seguidores desse monoteísmo absurdo têm depreciado a imagem feminina e inferiorizado a mulher. Para eles, a mulher era o princípio do pecado e da morte, culpada pelos males do mundo e que merecia o total desprezo ou coisa pior. Na Idade Média, a mulher vivia sua fase mais terrível e humilhante, chegando a ser considerada bruxa adoradora do Diabo aquela que apenas apresentasse marcas de nascença, tais como sardas, entre outras. Os “religiosos” chegavam a indagar se a mulher era um ser humano com alma ou não!

É possível que todos saibam das atrocidades monoteístas ao longo da história e sua nefasta influência nos dias de hoje por meio de seus dogmas falaciosos aceitáveis pelas mentes fracas e temerárias. E a fraqueza podemos ver em seu Deus moribundo, agonizante, deprimente, em seu culto de dor e sofrimento desnecessários, um culto escravagista, um culto de pseudovítimas do mundo e do destino e de menosprezo às forças femininas da vida. Assim, todas as religiões monoteístas hipócritas e violadoras devem muitas desculpas às mulheres e à sociedade doente que ajudaram a criar, ou melhor, infectar.

Aqui poderá ser demonstrado que a situação da mulher pode ser triste e lamentável nos dias hoje, com o objetivo de abrir a mente daqueles que ainda se apegam a dogmas inúteis e nocivos, mas buscando estimular a liberdade psicomenta e a valorização da vida como um todo, especialmente da mulher, considerada por muitos como o sexo “frágil” e, por isso mesmo, vítima fácil.

Como exemplos, temos aqui algumas lamentáveis e absurdas citações desse monoteísmo estagnado, rançoso e misógino e de seus “fiéis” presunçosos que adoram inferiorizar as mulheres:

“Que as mulheres aprendam no silêncio sua sujeição.” (São Paulo de Tarso)

“Vós, mulheres, sujeitai-vos ao homem como ao Senhor.” (São Paulo de Tarso)

“Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio.” (São Paulo de Tarso)

“As mulheres estejam caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar; mas estejam submissas como também ordena a lei.” (São Paulo de Tarso)

“(…) a mulher nunca deveria ter sido criada.” (São Tomás de Aquino)

“As mulheres não deveriam ser educadas ou ensinadas de modo algum.” (Santo Agostinho)

“É Eva, a tentadora, que devemos ver em toda mulher... Não consigo ver que utilidade a mulher tem para o homem, além da função de ter filhos.” (Santo Agostinho)

“A mulher é uma ferramenta de Satã e um caminho para o inferno.” (São Jerônimo)

“Toda mulher deveria envergonhar-se pelo simples fato de ser mulher.” (Clemente de Alexandria)

“Não há manto nem saia que pior assente à mulher ou donzela que o querer ser sábia.” (Martinho Lutero)

“As mulheres casadas, as crianças, os idiotas e os lunáticos não podem legar suas propriedades.” (Rei Henrique VIII, da Igreja Anglicana)

“... a mulher é mais amarga que a morte (...); quem é bom aos olhos de Deus foge dela, mas o pecador será sua presa.” (Bíblia, Eclesiastes 7:26)

“Por causa da formosura da mulher pereceram muitos: porque daí é que se acende a concupiscência, como fogo.” (Bíblia, Eclesiástico 9:9)

“Da mulher nasceu o princípio do pecado, e por ela é que todos morremos.” (Bíblia, Eclesiástico 25:33)

“(Deus) disse também à mulher: eu multiplicarei os trabalhos de teus partos. Tu parirás teus filhos com dor e estarás debaixo do poder de teu marido, e ele te dominará.” (Bíblia, Gênesis 3:16)

“Se uma mulher, tendo usado do matrimônio, parir macho, será imunda sete dias.” (Bíblia, Levítico 12:2)

“Se a mulher parir fêmea, será imunda duas semanas.” (Bíblia, Levítico 12:5)

“Se um homem tomar uma mulher (sexualmente), e ela não for agradável a seus olhos por causa de algum defeito vergonhoso, fará um escrito de repúdio e a despedirá de sua casa.” (Bíblia, Deuteronômio 24:1)

“Se hoje queimamos as bruxas, é por causa de seu sexo feminino.” (Leonard de Vair, inquisidor)

“A mulher é mais carnal que o homem; vemos isso por suas múltiplas torpezas... Existe um defeito na formação da primeira mulher, pois ela foi feita de uma costela curva, torta, colocada em oposição ao homem. Ela é, assim, um ser vivo imperfeito, sempre enganador.” (Jakob Sprenger, inquisidor dominicano)

“... é bruxaria quando a mulher é impossibilitada de conceber ou aborta após ter concebido.”* (Jakob Sprenger, inquisidor dominicano)

“Os males perpetrados pelas bruxas modernas excedem todos os pecados já permitidos por Deus.” (Jakob Sprenger, inquisidor dominicano)

“(...) não importa o quanto sejam penitentes (as bruxas): é preciso que sofram a penalidade extrema.” (Jakob Sprenger, inquisidor dominicano)

“Tão hediondos são os crimes das bruxas que chegam a superar, em perversidade, os pecados e a queda dos anjos maus.” (Jakob Sprenger, inquisidor dominicano)

* N.E.: Sugerimos a leitura de *Bruxaria Noturna*, de Konstantinos, Madras Editora.

“(...) em meio a todos os animais selvagens não se encontra nenhum mais nocivo que a mulher.” (São João Crisóstomo, patriarca de Constantinopla)

“... que a mulher viva sob uma estreita vigilância, veja o menor número de coisas possível, ouça o menor número de coisas possível, faça o menor número de perguntas possível.” (Xenofonte, historiador, soldado e mercenário grego)

“Mulher, tu és a porta do inferno.” (Tertuliano, teólogo cristão)

“Lembre-se do grande número de trabalho que temos tido para manter nossas mulheres tranquilas e para refrear-lhes a licenciabilidade.” (Marco Pórcio Catão, senador romano)

“... as mulheres são disformes e vergonhosas quando nuas.” (Ambroise Paré, cientista e médico)

“... o corpo histérico da mulher só pode conduzi-la à desordem moral.” (François Rabelais, médico)

“A mulher deve adorar o homem como a um deus. Toda manhã, por nove vezes consecutivas, deve ajoelhar-se aos pés do marido e, de braços cruzados, perguntar-lhe: ‘Senhor, que desejais que eu faça?’” (Zarathustra, profeta persa monoteísta)

“Inimiga da paz, fonte de inquietação, causa de brigas que destroem toda a tranquilidade, a mulher é o próprio Diabo.” (Petrarca, poeta italiano do Renascimento)

“Enquanto houver homens sensatos sobre a terra, as mulheres letradas morrerão solteiras.” (Jean-Jacques Rousseau, escritor francês)

“As mulheres nada mais são que máquinas de fazer filhos.” (Napoleão Bonaparte, imperador francês)

Suficiente. É possível ficar atordoado com tantos absurdos patéticos.

Temos também, hoje em dia, muitas piadas machistas e de mau gosto que inferiorizam a mulher, geralmente de homens com uma educação cristita, mesmo que seja negligente, homens que foram

criados desrespeitando as mulheres e que podem jamais mudar. Em muitos casos, esses comportamentos são inconscientes e mecanóides, impulsivos, pois a predisposição para hostilizar a mulher já parece fazer parte do inconsciente coletivo masculino. Além, é claro, da violência doméstica que milhões de mulheres ainda sofrem mundo afora. Um mínimo de inteligência, raciocínio e observação pode demonstrar que, sem as mulheres, obviamente, não existiríamos, e o mundo seria extremamente monótono (como o monoteísmo), apático, sem sabor e com um denso e horrível cheiro de escroto.

Por outro lado, os pobrezinhos cristitas que aborrecem os outros e desrespeitam a mulher, possivelmente, são os que mais pensam em sexo e no Diabo, ardem de luxúria por debaixo da roupa. Tais temerosos e temerários, possivelmente onanistas enrustidos, raramente assumem a própria vida e as próprias responsabilidades, morrem de medo do Diabo, mas vivem com o fogo da luxúria entre as pernas e na cabeça. Por que não assumir sua crua e nua (a nudez é pecado) condição de seres bestiais, sexualizados e desequilibrados?

Pelo que precede, podemos ver que a mulher (e seu sexo) por muito tempo foi considerada pela sociedade monoteísta um ser inferior e, até mesmo, o próprio mal. Mas, ao longo da história humana até os dias de hoje, os maiores perpetradores do mal, da destruição, da guerra* e da violência sempre foram do gênero masculino, de modo geral, com seus desequilibrados impulsos marcianos, e não as mulheres. Com exceção de homens inteligentes, sensíveis e mais evoluídos, o gênero masculino parece ser a origem dos dogmas monoteístas misóginos e da violência destrutiva no mundo. É fácil constatar isso quando se analisa o passado do monoteísmo e suas barbaridades para conquistar poder, domínio sobre as massas e riqueza a todo custo.

Se não bastasse sua forçada condição inferior, a mulher também era vista como a consorte sexual do Diabo, chamado Satã pelos cristitas. E, se o sexo é o pecado original, então a maioria dos animais e muitas plantas (com sua polinização) são criaturas pecadoras, mas nem sabem disso. Apenas os seres assexuados são divinos e imaculados (amebas, planárias, etc). Os animais, por acaso, sabem que estão praticando algo “mau” e “pecaminoso”? As amebas assexuadas sabem que são seres puros e virtuosos e ficam proferindo sermões pseudomoralistas aos seres que praticam sexo?

* N.E.: Sugerimos a leitura de *Breve História da Segunda Guerra Mundial*, de Jesús Hernández, Madras Editora.

Esse mal tão enraizado, chamado Diabo, é a mais pura invenção monoteísta. Satã e Lúcifer, entre outros, nada têm a ver com tal aberração diabólica. Como tachar de mau ou maligno (Satã) algo que é tido como preexistente ao nosso mundo, já que nosso conceito de bem e mal não existia porque a raça humana ainda não havia sido criada? Esse conceito só existe entre os seres humanos. Pode-se concluir, então, que o mal e o Diabo são pré-humanos e que o próprio Deus os criou. Ou, então, não era o mal. Ou, que o próprio Deus é o Diabo disfarçado (para quem acredita no Diabo). Ou, talvez, Satã tenha surgido de algum outro lugar. Ou alguma outra coisa, que não seja Deus, o criou. Conclui-se também, que a maldade, a misoginia e o machismo hipócrita estão implícitos nesse Deus e que seu exemplo foi seguido por milhões de pessoas ao longo da história.

Na Bíblia, a mulher já é criada com proibições, ameaças e limitações. O plano traçado é de submissão e dominação, no qual o homem manda, e a mulher obedece, seja lá o que for. Todas as neuroses, recalques, angústias, medos, dissociações e disfunções psicosssexuais já foram previstos na Bíblia para se levar a cabo uma dominação baseada nas ideias de proibição, restrição, pecado, impureza, vergonha, punição, sofrimento e escravidão. Isso tudo está registrado nos textos bíblicos, pois Deus estende essas maldições a todos os descendentes do primeiro suposto casal humano, incluindo enfaticamente a dor do parto às mulheres, como já se sabe. É um plano que parece reduzir a mulher a um mero vaso de esperma e a uma serviçal doméstica, domesticada e temerosa. Essa ideia foi cultivada e estendida além da razão e do discernimento, chegando aos absurdos conceitos e comportamentos “religiosos”, como podemos ver nos exemplos citados e na própria história suja e sangrenta do monoteísmo. Aliás, essa própria ideia bíblica constitui uma irracionalidade e falta de bom senso, propagada por um Deus (ou Diabo?) sempre iracundo e vingativo quando contrariado, sempre irado com sua cria, dando com uma das mãos e tirando com a outra.

A Bíblia diz que a mulher foi tentada pelo mal (equivocadamente Satã, a Serpente, o Diabo) logo após sua criação a partir do homem (literalmente, um absurdo biológico). Mas pode-se entender que a primeira mulher (Eva) provavelmente já era maligna, pois caiu em tentação e arrastou Adão e toda a futura prole humana à desgraça. Podemos entender, então, que esse Deus bíblico misógino e iracundo criou a primeira mulher má. Sorte de Lilith, que escapou desse fardo. Assim a culpa toda recaiu sobre Eva (uma cópia da deusa sumeriana Ninti),

supostamente a primeira mulher má da face da Terra, a mulher que, por meio da malícia de Deus (e não da serpente), tornou complicada a existência de todas as mulheres! Com exceção de Lilith, a mulher não submissa, a mulher contestadora, que se defende, que revida, que faz escárnio das tolices de homens de testosterona pululante.

Lilith é um aspecto de Sofia, a sabedoria que os homens deveriam buscar e adorar, sendo as mulheres sábias e livres a sua encarnação. Ao contrário de Eva, que é a mulher temerária e reprimida e, por isso mesmo, violada pela agressão patriarcal, pela invasão da animalidade humana, pelo desprezo que a grande massa de homens incultos e perversos tem pela sabedoria mais arcana. Portanto, pode-se notar que Eva é a mulher sem vontade; Lilith é a mulher com desejos; Eva é a submissa; Lilith é a subversiva; Eva nasceu só para parir e criar filhos; Lilith nasceu para cuidar de si mesma; Eva é a puritana obediente; Lilith é a mulher fatal e sedutora; Eva é a insatisfeita e a recalcada; Lilith tem autoestima; Eva não tem autonomia; Lilith toma as próprias decisões, busca o que quer e não deseja criar herdeiros patriarcais nem propagar a espécie para satisfazer homem ou dogma algum. As lilitianas não precisam sofrer nem se lamentar pela prole de Eva, pelas gerações futuras, mecanoides e ineptas em sua maioria, em um mundo decaído, em um jardim vandalizado e degradado.

E muitos desses filhos de Eva barbarizam nesse terrível jardim de infância. Muitas crianças precisariam de uma educação e formação que não é tão acessível assim para a maioria das famílias, para ser adultos autoconscientes, sensíveis e em constante evolução. É verdade que muitas crianças têm sua beleza infantil, mas também muitas outras jamais chegam a ser tão inocentes ou ingênuas como se poderia pensar; são apenas frágeis fisicamente, apesar de ser, por vezes, capazes de incansáveis atos de vandalismo doméstico e escolar e de chantagens emocionais. É fato observável que, em suas intenções e impulsos agressivos, não há muito de benévolo nem de beleza, nem de inocente nem completamente ingênuo. Muitas crianças são agressivas com os outros e malvadas até mesmo entre elas, regozijando-se em fazer malvadezas com seus iguais, divertindo-se em prejudicar outras crianças, em humilhá-las, em fazê-las chorar... De fato, o que as crianças podem fazer em casa e na escola, sem uma adequada educação de pais conscientes e inteligentes, é o mesmo que muitos humanos adultos fazem no planeta, ou seja, criam um mundo que beira à insanidade e ao caos.

É curioso notar que muitas crianças melindrosas são geralmente filhos daquele tipo de mulher-padrão “exigido” pela sociedade igualmente padrão, ou seja, a mulher que nasceu simplesmente para reproduzir e cuidar dos filhos e do lar, e, lógico, um dia morrer depois dessa grande e nobre missão divina. Eva é a mulher que nasceu para ser submissa aos costumes em voga, a mulher sem muita vontade, sem autoestima, mas com um poderoso objetivo de procriar, com o “sacramento” do dogma religioso, é claro. Pode-se pensar que tais crianças, por vezes endiabradas, deveriam ser crias de Lilith, considerada a mulher-demônio, uma demonessa indomada e livre. Apesar disso tudo, muitas Evas podem seguir o exemplo de Lilith e mudar algo em suas vidas, mesmo tendo um ou dois filhos (afinal, por que ter mais que isso?).

No “desejo” de procriar, a mulher sofre logo na gravidez com todos os seus inconvenientes físicos e psíquicos, incluindo a depressão pós-parto que afeta em graus variáveis, muitas mulheres. Essa depressão pode atingir níveis extremos, em alguns casos, nos quais a mulher chega a rejeitar o próprio filho, quando não faz coisa pior. Tal comportamento patológico, de certo modo, pode ter origem em um forte ressentimento ou “vingança” inconsciente por ter seu corpo “violado” com um “intruso” que vampiriza a mulher por dentro; a mulher é literalmente vampirizada pelo feto, em uma relação mais mórbida que simbiótica. Eis uma manifestação atávica de um primitivo e violento aspecto lilitiano em mulheres do tipo Eva. Isso pode ser especialmente notável no caso de mulheres que não desejam a gravidez, ou no caso de mulheres muito jovens submetidas à procriação sem a devida maturidade. No parto, há também a dor e uma terrível consequência física que pode permanecer pelo resto da vida: a relativa alteração do corpo com o tal estica e puxa da gravidez e do parto. Com o rebento à luz, os tormentos podem continuar por longos anos. A mulher, mais que o homem, pode ficar presa a uma rotina banal e tediosa, com noites maldormidas, prazeres limitados, vontades limitadas, liberdade limitada, tempo limitado, dinheiro limitado... O casal com filhos, de certa forma, sobrevive para os rebentos que, possivelmente, o arrebenta. Muitas vezes, os filhos também prendem pelo resto da vida pessoas separadas que talvez até se odeiem.

O desejo de ter filhos pode ter diversas razões. A principal é, logicamente, a imposição socioreligiosa que incentiva a incessante reprodução da espécie (mesmo com a superpopulação e a fome), afinal, o Deus inconsequente disse, em seu dogma bíblico: “Crescei

e multiplicai-vos e enchei a Terra (...)”. Outras razões são a linhagem sanguínea e a hereditariedade das famílias, com preferência para rebentos machos, como assinalado ao longo daquela coleção de livros que parecem mal-intencionados chamada Bíblia. Nesse sentido, o objetivo de gerar filhos é ter uma futura garantia de sobrevivência da família e um arrimo para os pais já idosos e doentes. Tal pensamento, além de ser intrinsecamente egoísta, cria uma ilusão que mascara a realidade crua do envelhecimento e da morte. Os filhos também crescem e vão embora, “abandonando” os pais e deixando muitas mulheres com a síndrome do ninho vazio, temporária ou definitivamente. A suposta segurança e o egoísmo têm seu preço. Afinal, o velho anão Rumpelstiltskin um dia irá querer uma criança e nem mesmo o demônio Pazuzu poderá proteger as mulheres e seus filhos...

Muitos querem filhos incentivados por uma outra ilusão, a da autorrealização, com a ideia romântica de completar sua existência e de trazer uma vida ao mundo (e de projetar suas idiossincrasias em suas crias). Sim, porque muitos pais querem que seus filhos sejam do jeito deles. Os filhos servem também para preencher o vazio interior (de pessoas vazias), para compensar uma existência desolada e sem perspectiva. Nesse caso, os filhos são como bodes expiatórios que sofrem os erros, os desatinos e as frustrações dos pais, na tentativa de aliviar suas culpas ocultas, suas dores e compensar seus desejos irrealizados e irrealizáveis. É como uma redenção na qual os pais são salvos por meio dos filhos, em uma quase infinita sucessão hereditária...

Muitos pais fazem filhos também na época da juventude, com muita imaturidade, muito hormônio e pouca experiência e visão de mundo. Paridos os filhos, muitos pais depois, sutilmente ou não, tentam enxotá-los de casa, em uma relação patriarcal e autoritária, como podemos ver no exemplo do Deus bíblico enxotando Adão e Eva, etc. Muitos pais também fazem diferença com os filhos, preferindo um ou outro em detrimento dos demais, e ainda acham que prover teto e comida é o máximo da paternidade, o ápice da virtude, o primor do zelo e da boa educação dos filhos. É como se não soubessem que um ser humano necessita também de coisas que vão muito além de provisões materiais. Por causa de tudo isso, por que então “se amaram” desprevenidos? Por que muitos se surpreendem quando cresce a barriga da mulher? Ninguém é trazido pela cegonha nem nasce por esporos, mas sim por esporros supostamente consentidos, porém, muitas

vezes, por causa de impulsos sexuais descontrolados ou completamente irracionais e inconsequentes.

Por outro lado, existe atualmente uma espécie de culto e submissão à criança por parte de muitos pais moloides. Tal comportamento pode criar delinquentes arrogantes e sonsos que pensam ser os donos do mundo. Muitos pais, com públicas demonstrações de afeto relativamente arriscadas, exibem os nomes de suas crias em adesivos no carro, faltando apenas colocar idade, endereço, telefone, escola na qual a criança estuda, etc., para que supostos sequestradores de plantão saibam onde encontrar “fulaninho a bordo”.

Outro estímulo à reprodução humana vem das mídias de massa (como sempre), que criam um mundinho de fantasia infanto-juvenil altamente dispendioso para a maioria dos pais, com uma avalanche de coisas inúteis e caras que as crianças logo abandonam. Os sistemas de governo também parecem incentivar a reprodução quase desenfreada de seres humanos, principalmente entre os pobres ignorantes que não têm nem onde morar nem o que comer. E, com programas sociais para as famílias, mães e crianças, muitos não resistem em “amar” procriativamente. Na política, crianças servem para mostrar o quanto o político apoia (ou finge apoiar) a instituição chamada família, esse núcleo padrão da sociedade (também padrão) “intocável”; imagens de políticos com crianças estimulam a formação de famílias com filhos (pois, sem filhos, não há famílias, nem consumo, nem impostos). Não só um núcleo-padrão de (in)tolerância mútua muitas famílias podem ser, mas também um grande caldeirão no qual borbulha uma perigosa mistura de toda espécie de sentimentos pessoais (e interpessoais), ocultos ou manifestos, que se intrometem mutuamente, por vezes ao longo de gerações.

Mas o fato é que, quanto mais os humanos se reproduzem, maior é o consumo e mais impostos os governos podem “arrecadar”; quanto mais aumentam as taxas de natalidade, menor é a população de idosos e de aposentados que são mantidos pelo governo. E os impostos estão relacionados ao consumismo. O consumismo infanto-juvenil é um dos maiores negócios no mercado, tal é a grande variedade de produtos com versões exclusivas para crianças e adolescentes mimados e entojados. Mas pode-se dizer, esse consumismo contribui para a criação de empregos para uma crescente proliferação de seres humanos que são filhos dos filhos dos filhos...

Entretanto, crescente também é a produção de lixo, de porcarias e de resíduos (muitos dos quais não são recicláveis). Com o consumo

crescente, maiores também são os desastres ecológicos em razão das extrações excessivas dos recursos naturais para os sistemas de produção. Ou seja, fazer filhos atualmente é antiecológico, apesar de ser um bom negócio para os grandes homens de negócios e para os governos.

Por outro lado, lamentavelmente, quase todas as profissões e atividades que lidam arduamente com crianças e educação infanto-juvenil são mal remuneradas. Sem profissionais motivados para ensinar devidamente, a educação descamba, e o povo permanece na ignorância. Ignorância também no sentido de não saber discernir e selecionar aquilo que é vomitado pela TV, pela *internet*, etc. e que pode influenciar negativamente na formação das crianças. Com tanta má influência no atual mundo globalizado (pois até o que é ruim se globaliza), e por mais educação que se possa dar, as crianças ficam inevitavelmente expostas e predispostas a assimilar todo o lixo perigoso e, até mesmo, sujeitas ao envolvimento com a escória humana espalhada por toda parte. Eis mais um problema que as Sofias violadas têm na criação de filhos.

Outro pequeno problema, aparentemente inocente, é o baile de debutantes das filhas adolescentes de famílias relativamente abastadas. A maior parte das meninas não sabe, mas o objetivo dessas festinhas sempre foi o de apresentá-las, como um produto ou mercadoria, aos filhos de outras famílias ricas para que ocorra um futuro casamento arranjado e, conseqüentemente, uma união entre famílias que possa render bens por lei de herança. Assim, as pequenas Sofias inconscientes são logo encaminhadas para se tornarem Evas. Mas isso está longe dos pobres...

E, entre os literalmente pobres e miseráveis que procriam, o crime dos mal paridos na pobreza, nos grandes centros urbanos, também aumenta, pois eles não podem consumir nem o mínimo para a sua subsistência. Para piorar, esses mal nascidos também procriam, e seus filhos normalmente têm o mesmo destino: procriar na miséria. E é claro que os discursos inúteis e pseudomoralistas de assistentes sociais e sociólogos nada ajudam na prática; é um fato facilmente observável que as pessoas pobres continuam a procriar em péssimas condições de existência, sem que nada mude. E somente um impulso animalesco e completamente irracional pode levar miseráveis famintos e (semi)analfabetos, que moram embaixo de pontes na mais absoluta pobreza, a procriar sem parar. Tal situação talvez seja pior que a dos animais, pois estes procriam apenas em determinados períodos, no cio, e não o tempo todo.

De fato, a procriação humana pode ser uma opção ou não. Ter filhos não é um dever nem uma necessidade, mas, em geral, uma imposição da sociedade e de familiares supostamente religiosos e dogmáticos. Isso quando não passa de mera vaidade e egoísmo de futuros pais que depois podem sofrer nas mãos da própria cria, ou que fazem a própria cria sofrer.

Mas, como é uma opção da mulher, ela também pode querer abortar, no início da gestação, em caso de estupro. O estupro é uma criminoso e cruel violação da mulher, em todos os seus aspectos, físicos, emocionais e mentais. Se o aborto é considerado crime, assim é também o estupro. E ninguém é obrigado a ter filhos, principalmente se for o fruto indesejado de uma semente degenerada, de um gene corrompido, patológico e maligno. Quem terá de conviver e sofrer com isso pelo resto da vida é a mulher vitimada e não aqueles que esbravejam em seu comodismo confortável e seguro, não aqueles que defendem a “moral cristita” sem ter passado por um horror semelhante, não aqueles que adoram e defendem “leis” inúteis. Em uma sociedade patriarcal, machista e monoteísta (como sempre), que parece ignorar o estuprador (por ser um homem), obviamente que muitas mulheres são obrigadas a lutar por certos direitos, o que inclui o aborto em certos casos (afinal, não são os machões pseudomoralistas as vítimas). Se a vida é um dom divino, como alegam os espiritualistas e os cristitas da “boa lei”, o resultado do estupro é um presente maligno de um ser diabolicamente cristão, já que a mulher teve a sua vida violada e desrespeitada em sua totalidade (física, mental, emocional e espiritual). Enquanto muitas mulheres podem ser condenadas por causa do aborto, estupradores, criminosos perigosos e políticos corruptos estão livres ou têm suas penas abrandadas pela “lei” ou pelas brechas na lei.

A mulher, o ser que mais sofre nesse negócio todo, pode, sem qualquer receio, decidir não ter filhos, pode jogar para o inferno cristita a opressiva tradição de Eva. Como mencionado, os grilhões dogmáticos sociorreligiosos estão mais frouxos e não há qualquer necessidade de se submeter ao sofrimento da procriação que atualmente apenas faz aumentar as mazelas globais e individuais. O problema está nos excessos da procriação descontrolada em um mundo superpopuloso e com muitos problemas socioeconômicos; o controle de natalidade praticamente não existe em muitas partes do globo. O fato é que ninguém necessita procriar tanto, nenhuma mulher precisa passar a maior parte de sua vida nessa puericultura doméstica forçada (desde o parto).

Assim, nos dias de hoje, procriar parece antiecológico, anties-tético, antiprazeroso, antissaúdável, antieconômico...

Pelo que precede, percebe-se a origem da continuidade da maioria das famílias comuns (e desajustadas) e das muitas mulheres cristitas que já nascem em um ambiente repleto de imposições, proibições (mascaradas), coerções sutis, ameaças, falsos moralismos, etc. Além de muitas delas conviverem desde o nascimento com as ideias de pecado, Diabo e inferno, e, em muitos casos, em um ambiente quase ditatorial.

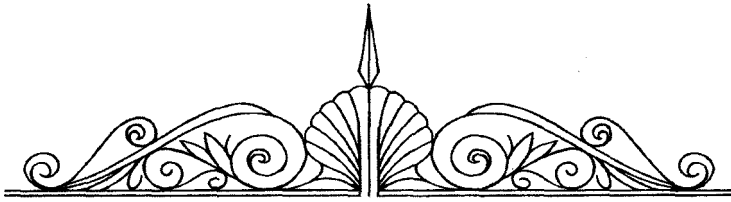
Sabe-se que as mulheres agora são especialmente “bem-vindas” na cristandade porque, paradoxalmente, são elas quem possuem o poder de levar o restante da família, e até seus parentes, para a prisão doentia do monoteísmo. Mas, nos dias de hoje, não há mais o porquê de ser assim. As mulheres, que tanto querem igualdade (e com razão), não precisam submeter-se ao patriarcalismo hipócrita que se infiltra em todos os aspectos da sociedade. Elas podem ser livres, seguir uma filosofia mais condizente com a liberdade de expressão, com o respeito ao feminino, com o respeito à natureza e com o sagrado dentro de cada uma delas. Podem, sem medo de repressão, adotar uma vida psicologicamente mais saudável, prazerosa, alegre, sem as ideias de pecado, impureza, condenação e sofrimento, sem os recalques causados pelo monoteísmo e seus dogmas perniciosos disfarçados de santos. E, se no mundo existisse apenas o monoteísmo, seria extremamente monótono...

Isso tudo parece não ser tão evidente para as grandes massas. Contudo, a mulher ainda sofre discriminação, violência (física e moral), desigualdades e é tratada com um certo menosprezo na sociedade, inclusive no trabalho e no próprio lar (cristão, como dizem). Afinal, essas e outras diretrizes já foram “receitadas” na Bíblia e em outros textos do gênero. Tal é a herança cultural e social que temos hoje. A civilização ocidental está condicionada aos paradigmas há muito impostos pelo decadente monoteísmo patriarcal misógino. A sociedade realmente não tem consciência da nefasta influência do monoteísmo fundamentalista no cotidiano, na vida como um todo e no próprio planeta, pois a natureza e a Terra (Sofia planetária) são constantemente violadas. Afinal, o comodismo é sempre bem-vindo, pois é mais fácil engolir dogmas e costumes prontos e enlatados sem precisar raciocinar, sem precisar esforçar-se para mudar o rumo, a mentalidade, as crenças...

Entretanto, apenas as mulheres fortes e obstinadas conseguem mudar seus paradigmas psicomentais e atingir a emancipação. Senso comum, comportamento de rebanho e debilidade e moral de escravo são coisas para as massas, como têm sido há milênios.

Agora, após tudo o que precede, vamos enaltecer a mulher apenas com uma frase, eloquente o suficiente para dispensar comentários:

“A terra insultada vingá-se dando flores.” (Rabindranath Tagore, escritor, poeta e músico indiano).



VII

O Jardim dos Sentidos

Jardins floridos belos e luxuriantes são verdadeiras obras de arte. Pode-se dizer que são também as moradas de Sofia em todas as suas formas e aspectos. Jardins são pequenos mundos de paz ataraxica, de prazeres epicuristas, de sensações físicas e psicomentais que interagem e que podem levar o ser humano sensível ao conhecimento interior pelo simples fato de estar lá ou por meio do contato com uma miríade de plantas aromáticas, saborosas, às vezes, perigosas e também “proibidas”. Qualquer pessoa com sensibilidade pode sentir a poderosa força vital que preenche os grandes jardins e bosques férteis. É essa força que atrai os indivíduos e os inspira ao prazer e ao amor pela natureza, coisas não muito em conta para uma sociedade monoteísta, materialista e mecanicista.

Desde a “proibida” Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, muitas outras plantas tornaram-se conhecidas por “invadir” e “subverter” a mente humana. Mas o Jardim do Éden não é o primeiro nem o único jardim a ser “invadido” por deuses e demônios na história subliminar da humanidade. E, de maneira geral, o feminino sempre esteve associado às plantas, árvores, etc. Talvez os jardins “artificiais” mais conhecidos da Antiguidade sejam os Jardins Suspensos da Babilônia, criados em virtude da vontade de uma mulher: a esposa do rei Nabucodonosor. Na Grécia, há o Jardim das Hespérides, guardado por três mulheres, as ninfas do entardecer, que zelam pelas árvores de pomos dourados, “proibidos” aos mortais comuns, ou seja, um jardim de sabedoria hermética. Como regentes do entardecer, ou

seja, a transição entre o dia e a noite, as Hespérides simbolizam o estado entre a vigília e o sono, entre o consciente e o subconsciente (onde tudo aquilo que é “proibido” acontece). Na mitologia grega, há a ninfa e deusa da natureza Dafne, que foi transformada em loureiro, tornando-se a planta sagrada de Apolo. Ainda na Grécia, a mitologia consagra a oliveira como a árvore da deusa Palas Atena e a papoula opiácea, da deusa Perséfone, Senhora do Submundo, que foi raptada por Hades enquanto ela colhia flores de papoula. Na Roma Antiga, a deusa Pomona guarda e cuida de seu jardim repleto de árvores frutíferas, e a deusa Flora é a senhora das flores, dos jardins e da juventude. Entre os celtas, Blodewedd era a deusa das flores. Na Escandinávia, a mitologia fala sobre Iduna, a deusa guardiã do pomar cujos frutos de ouro concediam juventude e imortalidade aos deuses de Asgard. Ainda na mitologia nórdica, existe a árvore gigante Yggdrasil, guardada pelas três Nornas e proibida aos humanos comuns, cujos frutos podem curar e proporcionar sabedoria. Para os maias, Xochiquetzal era a deusa das flores, das artes e da beleza, e a planta do milho era a origem da espécie humana, além de sua Árvore do Mundo que liga o Submundo (Xibalba) ao Céu. Para os astecas, a jovem virgem Xilonen era a deusa do milho. Na mitologia inca, Cocamama era a deusa da planta da coca que brotou pela primeira vez de seu próprio corpo e cujas folhas qualquer homem podia mascar somente depois de dar prazer à sua mulher. Na Antiga China, o pessegueiro estava associado ao feminino, e o pêsego era um símbolo do órgão genital da mulher, além do bambu, que era associado à deusa Kuan-Yin. Na Suméria (3000 a.C.), a deusa Ninmah faz brotar plantas “esquisitas” em um jardim primitivo. E, na mitologia da epopeia de Gilgamesh, a deusa sumeriana Inanna resgata um salgueiro de uma tempestade para plantá-lo em seu jardim.

Segundo diversos relatos “mitológicos”, as mulheres, musas ou deusas do prazer e da sabedoria em potencial têm uma forte ligação com a natureza e com a flora e são consideradas como aprendizes de antigos seres (Grigori, Vigilantes, Djinn, Asuras, Anunnakis, Eons, Extraterrestres, etc., já mencionados), que as ensinaram a arte da jardinagem, da floricultura e da manipulação de ervas. Convém lembrar também que jardins, fontes, etc., sempre foram templos naturais dedicados às deusas Vênus e Afrodite (manifestações arquetípicas de Sofia). Assim, os jardins estão intimamente associados às mulheres, à beleza, aos prazeres físicos e mentais, à imaginação e à criatividade e, logicamente, ao perigo da natureza e de certas plantas

que “perturbam” a mente. De fato, esses jardins paradisíacos podem expandir a consciência, as emoções e os prazeres sobre-humanos.

Grandes gênios das artes e das letras têm caminhado com algumas dessas donas do jardim em seus passeios, usufruindo néctares e venenos. Muitos indivíduos têm sido encantados (como em um encantamento mágico) por tais damas, algumas de saia branca e com olhos muito brilhantes, e buscado nelas sensações estranhas, incomuns. Outros buscam conhecimento, inspiração poética, alguma espécie de ócio filosófico ou de paz atarácica; ou as querem simplesmente porque vivem uma existência tediosa, enfadonha ou dolorosa. Adentram no jardim e vivem na companhia dessas deusas anti-heroínas “perigosas” e acabam, por vezes, em uma insanidade tóxica, caso sejam fracos e temerários, e cativos nesse jardim “demoníaco” cheio de gramas e de ervas, onde somente os gritos lancinantes da terrível Mãe Drágora e os sons de trombetas de anjos podem ser ouvidos. Por outro lado, elas podem conduzir o indivíduo à revelação de si mesmo, seja em um paraíso simbolista no qual o artista cria a arte pela arte, baseando-se em visões metafóricas subjetivas, ou no inferno subliminar da própria psique repleta de “demônios” criados por si mesmo. Porém, muitas vezes, as musas aparecem para inspirar os artistas, os poetas e os filósofos livres e revelar-lhes os segredos e a sabedoria de suas almas, em meio às rosas luciferianas e filosóficas do Jardim dos Sentidos.

Está claro que essas deusas do jardim são aspectos de Sofia. Na natureza, ela possui muitas facetas “proibidas” e perigosas e muitos nomes, tais como Glória da Manhã, Lili, Lobelina, Diana, Ártemis, Alvina, Jurema, Mimoso, Amanita, Dami Ana, Maria Joana, Maria Pastora, Salvinória, Solana, Átropos, Senhora da Floresta, Rainha, etc. Uma delas, a inocente e luxuriante Maria Joana, pode conduzir o indivíduo a uma experiência bizarra pelo jardim dos sentidos, se sua companhia for longa, e talvez levá-lo ao deus hindu Shiva.

Mas a Maria Pastora e a Salvinória podem levá-lo mais além. Com elas, a pessoa pode ficar muito sensível emocionalmente, a ponto de até mesmo chorar. Pode-se também sofrer alguma psicose, distorção da personalidade, desorientação, distorção de tempo, espaço e forma, sensações sinestésicas, expansão da mente. O batimento cardíaco e a respiração também aumentam. Mas o indivíduo mais autoconsciente, que conhece bem a si mesmo, pode ser conduzido à visão de seu verdadeiro Ser, de sua Essência. E experiências sinestésicas, nas quais alguns sentidos são confundidos ou percebidos no

lugar de outros, como por exemplo ver ou tatear um som, ouvir ou saborear uma cor, etc., são alguns dos encantos dessa dama. Com ela, uma música nesse jardim pode ser sentida dentro de si, dentro do próprio corpo, ou fundir-se ao corpo, ao mesmo tempo em que se pode sentir fisicamente imerso nas ondas sonoras, como se a música fosse um órgão do próprio corpo. Os sons literalmente ganham cores vivas e brilho, além de se poder “ver” o som de cada instrumento e nota separadamente. As notas ganham vida e consciência inteligente, transformando-se em criaturas que pululam no jardim, e as melodias instrumentais tornam-se, literalmente, palavras inteligíveis significativas e compreensíveis. As percepções interiores podem ficar mais sutis, abrindo assim o entendimento das coisas, desencadeando lampejos intuitivos e levando a uma compreensão da essência dos objetos de tais experiências *in loco*, porém consciente da companhia da deusa e de si. É possível ver a “realidade” por detrás das formas e das aparências. Sensações estranhas, como se alguma entidade exterior estivesse pensando por meio do indivíduo, podem ocorrer também. Ela mostra então o jardim com imagens surreais, com seres nativos desse mundo paradisíaco e seres “alienígenas”, e conduz o indivíduo às alturas das nuvens flutuantes com seus chumaços macios e fagocitantes.

Estar imerso na viçosidade vegetal da Senhora da Floresta também transforma o indivíduo que é levado pelo “cipó das almas”, o psicopompo que guia o psiconauta, a um outro estado de consciência e vibração emocional. Pode-se experimentar e vivenciar no próprio Ser, de maneira holística, a intensa força “estranha” e “misteriosa” dessa Senhora do Vegetal. Um prazer emocional, mental e físico extremamente intenso pode ser sentido, enquanto se manifesta uma paz extremamente profunda e um intenso sentimento de amor sobrenatural e impessoal (para definir o indefinível); é a manifestação de um dos muitos aspectos da verdadeira filosofia, a deusa da sabedoria e do amor (Sofia, Vênus, Astarté, Shekinah, Shakti, etc.) vivenciada e experimentada no Ser individual. Com toda essa força “estranha” e “misteriosa” fluindo no Ser, o indivíduo pode chorar e rir prazerosamente sem qualquer razão lógica ou aparente, de maneira espontânea e incontida, sentindo intensa e fisicamente as transformações faciais dessas emoções que subitamente podem se alternar. Pode-se sentir o corpo flutuar e se expandir, pode-se ouvir sons alienígenas, pode-se ver rostos sutis e formas fractais em expansão. Mas a Senhora da Floresta também purga o indivíduo, proporcionando-lhe

uma purificação fisiológica dolorosa, podendo até mesmo provocar uma abolição total da consciência por alguns breves momentos. E, enquanto a força “estranha” vai deixando o Ser, enquanto o psicopompo natural, o “cipó das almas”, traz o indivíduo vulnerável de volta, a venerável Rainha Sofia da Floresta vai sombreando-o lentamente em um “mundo” gélido de tormento psicofísico até o renascimento em um estado de paz atarácica, bem-estar e sabedoria interior no Jardim Filosofal...

O simples fato de estar nesse jardim maravilhoso e rico já é o suficiente para sentir seu poder. O tempo é relativo, e o que é um segundo lá pode ser uma hora fora dele. Pode-se ouvir mensagens estranhas vindas do “nada” e, talvez, sentir alguma alegria, melancolia ou tristeza inexplicáveis na presença de certas deusas do jardim. Assim como a alegria, essa tristeza não é a tristeza da vida mundana, da vida comum, dos problemas do cotidiano, das mazelas da existência. Pode-se dizer que seja uma tristeza transcendental, não a falsa tristeza sentimentalóide do ego humano, da personalidade mundana, mas a essência da verdadeira tristeza existente no Universo, uma espécie de nostalgia com relação às origens mais remotas e metafísicas do ser humano. É uma tristeza pura e simples, sem temor, sem desespero, sem sofrimento, sem angústia, sem rancor, apenas uma sensação melancólica bela e sobre-humana sem qualquer causa aparente.

Por vezes, essas estranhas damas da natureza podem mostrar o outro lado da existência, conduzindo a pessoa em experiências de transição, de morte. Pode-se passar pelo processo da morte, o sono e o despertar para “outra vida”, em nível psicomental. É claro que não é uma morte física, do corpo de carne e osso, mas experiências internas nos muros do Jardim dos Sentidos. Apesar de ser um tabu para as pessoas ignorantes e temerárias, tais experiências podem transmitir sensações de paz, conforto e alegria durante essa morte psíquica, esse desenlace e renascimento para uma vida melhor e relativamente superior. Pode-se tocar o véu do “outro mundo”, vislumbrar outro plano de realidade, sentindo a agradável e nostálgica sensação da transição, da passagem, sensação que está além deste mundo comum. Por vezes, é possível até mesmo ver literalmente esse estado de consciência. Porém, tudo logo se desvanece, e as deusas abandonam o indivíduo de volta neste mundo grosseiro, “real” e cru, fora do jardim, restando-se apenas a lembrança e o contraste acentuado reminiscente na consciência de como é estar nesse mundo comum e de como é vislumbrar “outros mundos”, mais sutis, mais sensíveis e surreais.

Mas, no jardim, também moram outras senhoras, menos simpáticas e menos agradáveis, mais agressivas, mais violentas, mais perigosas, realmente terríveis. O incauto que se aventura em suas companhias pode enlouquecer temporária ou definitivamente. Ou pode ainda ficar cativo nos reinos tenebrosos dessas donas, belas, porém cruéis. A não ser que o indivíduo queira transformar-se em um zumbi, em um sonâmbulo ou em um equizofrênico, aquelas de saia branca, a Jurema e a bela dona Átropos, entre outras, são algumas das damas cujas companhias deve-se evitar, ao contrário da divina Salvinória. Essas princesas tenebrosas do jardim geralmente só podem trazer sofrimento e loucura. Com elas, perde-se parte da consciência, da lucidez e da saúde, o corpo sofre, as pernas tremem intensamente, não suportam o peso corporal, e a locomoção é rastejante. O indivíduo engole seco, a garganta parece parcialmente estrangulada, os olhos arregalam-se, a fala fica balbuciante, confusa e incompreensível, e ele perde a completa noção de tempo e espaço. Espasmos atormentam o corpo, e a respiração e o coração aceleram violentamente a ponto de se poder sentir o corpo todo pulsar como um enorme coração. Então, sobrevêm o esgotamento físico e a prostração. Nesse ponto, Átropos e o “unguento das bruxas” conduzem o pobre indivíduo às experiências aterradoras, insanas e delirantes. Os mundos se misturam, a realidade se confunde com o irreal, o mundo dos vivos com o mundo dos mortos e de outros seres tenebrosos. Nessa outra face do jardim, o ambiente é extremamente opressor, sombrio e sinistro, talvez mais que qualquer sensação que possa manifestar-se no prosaico mundo cotidiano. Um medo supremo e um desespero maldito assolam a alma cativa pela senhora Átropos, em um ambiente escuro, às vezes vazio, como uma caverna profunda, mas com uma maligna sensação opressiva. Vozes gemendo de dor e de angústia são ouvidas, ecoando ao longe; são ouvidas também vozes dizendo nomes e coisas incompreensíveis, vozes agudas de aves raptoras e grunhidos animais ameaçadoramente malévolos e ruídos de correntes e outros objetos metálicos arrastando-se ominosamente. A visão também contempla tormentos que não cessam nem de olhos fechados, tais como sombras e criaturas vermiformes, seres não humanos aparentemente malévolos, rostos humanoides, objetos em locais onde não deveriam estar, símbolos bizarros sendo desenhados no ar nítida e luminosamente, feixes de luzes e relâmpagos surgindo de todas as direções. Pode-se até mesmo ver a senhora bela e branca, ao longe, acenando para o sujeito cativo desse reino pavoroso.

E, até que ela decida libertar o pobre miserável, não se pode fazer nada, apenas acreditar em uma morte lenta, horrível e alucinante no “inferno”, com uma débil e vacilante consciência semiconsciente...

Livre desse jardim “acolhedor”, ainda vivo, o indivíduo busca sua recuperação lentamente, pois alguns efeitos podem ser sentidos. Dias após a visita no jardim daquela bela dona violenta, ainda se pode sentir uma hipersensibilidade dos nervos, sonolência, fraqueza, espasmos musculares, tonturas, abatimento, visão confusa, pânico e paranoia. Depois de tudo, o que sobra é uma dura lição, tão bem ensinada pela deusa cruel, da qual se compreende o verdadeiro estado de insanidade de alguns coitados de hospício. Aprende-se também sobre a essência do medo sobrenatural, do desespero e do mal inumano. Esse medo insano talvez seja o mais incompreensível e destrutivo dos sentimentos, superando outras emoções, tais como a essência da solidão imotivada e irracional, da tristeza primitiva, da ira cósmica e do amor sobrenatural.

Contudo, no Jardim dos Sentidos, outras experiências são proporcionadas por outras deusas, às vezes, muito palpáveis ou não, que, de longe ou de perto, podem proporcionar prazer (condenado pelos falsos puritanos e carolas da hipocrisia). Com a presença real de uma dessas divas, como companheira, ou com sua imagem mental na solidão do jardim eletromagnético, pode-se atingir um êxtase psicofísico altamente potencializado. Ela pode conduzir o prazer com carícias por horas, sem a necessidade de extravazamento e liberação extática, nesse jardim afrodisíaco.

Despojado das vestes do pudor e empunhando apenas a flecha de Cupido, é possível ser adorado pela inefável fêmea venérea, a qual se pode adorar mais ainda. De seus lábios voluptuosos, que emolduram sua voz melodiosa e instigante, o ser ouve o canto de suas adocicadas notas de prazer. Sussurros e gemidos abalam o ar perfumado de desejo e exaltam os sentidos de maneira sobrenatural. O pensamento funciona com muita dificuldade e não é possível mais resistir. A alegria e o prazer deliciosos, por entre sedas, pétalas e pele de veludo eriçada, tornam-se perigosamente intensos. E, de súbito e também de júbilo, o ser precipita-se para o leito maravilhoso. Maravilhado, sente-se o próprio deus erótico com sua flecha retesada, como se estivesse sob o potente efeito de alguma espécie de afrodisíaco narcótico, adormecendo o cérebro racional e despertando o serpentino atavismo animal. No início, a deusa do jardim acaricia e estimula suavemente as zonas perigosas, mas

depois aumenta a intensidade e cessa quando se aproxima a explosão. O corpo estremece. Um calor vulcânico arrepia as escamas da serpente. Nesses momentos, a beldade efervescente pode oferecer duas peras venustas irresistivelmente belas e macias. Quem poderia conter-se e negar-se a atender ao seu chamado de sereia lasciva, provando seus frutos carnudos que repousam nos beiços tremidos? Então, ela recomeça e novamente cessa, para recomeçar de novo, indefinidamente, por horas. Quando o “escolhido” já não suporta mais esse vaivém de carícias, ela cessa de vez. Afinal, são horas protelando a explosão extática efêmera provocada pela fêmea. E, com uma das mãos suadas, o ser tenta segurar a flecha; com a outra, acalmar o desesperado coração frenético. É perigoso ser demasiado impetuoso, mas é quase impossível acalmar a extrema volúpia impulsiva e salvar toda a libido, impedindo de jorrá-la e evitando a inundação desse jardim venusiano. E não é qualquer mísero ser que resiste a tais carícias de uma dama caridosa, que parecem infinitas, sem extinguir parte de sua “vida”. É preciso muita força de vontade para subjugar a força do desejo que vive em tal jardim das delícias.

Mas, nesse intervalo de certa calma, sem as carícias da deusa, começa-se a sentir, então, uma impressionante hipersensibilidade erotomental (fruto “proibido” de Afrodite). Agora sem carícias, sem toques, sem estímulos quaisquer, a sensibilidade cresce por si mesma, seja em pé, sentado ou deitado, e a única maneira de lidar com tal sensibilidade extrema é a imobilidade extrema, física e mental. A flecha de Cupido, pungente como os espinhos da rosa de sua mãe Vênus, vibra de modo eletrizante, como uma vida independente que quer ser arremessada para a morte. A corrente eletrofluídica permanece em seu veio sem desaguar, mantendo o ser em um estado de êxtase permanente que pode aumentar apenas com um leve pensamento. É grande o esforço mental para conter a corrente eletrofluídica no duto fluvial desse jardim dos prazeres, pois o mais leve “sopro” tátil pode causar uma inundação. Nesse ponto, com a boca seca, o coração já pulsa aceleradamente, a respiração fica ofegante e uma forte e estranha sensação de “frio” e de arrepio é sentida no ventre e na espinha de serpente. Sobrevêm então uma angústia e um desespero inexplicáveis misturados com prazer e êxtase que somente podem ser dissipados com a explosão dessa carga eletrofluídica. Mas, sem descarregar toda essa energia abundante e “viva”, as reações provocadas pela deusa mãe de Eros vão deixando a viril e forte criatura lentamente, apaziguada pela suave mobilidade psicofísica do alento ritmado.

Quando tudo acaba, de volta à normalidade, mesmo após alguns dias, é possível sentir resquícios daquela hipersensibilidade, e, portanto, qualquer pensamento voltado à deusa do jardim libidinoso é “proibido” temporariamente... Mas a proibição não é suficiente. Os pensamentos voltam, e imagens erotomentais fomentam o fogo do desejo que afoga a vontade. Já quase em erupção, com a lava eletrosseminal de volta ao duto fluvial, a voltagem aumenta e não há resistência. Por fim, com uma flechada rija, o ser traspassa a imagem erotomental da criatura terrivelmente bela quando seus gemidos exprimidos diante do artefato viril ofertam sua taça úmida de amor licoroso. A deusa sublime então se deleita enquanto a haste belicosa é mergulhada na copa em seu colo.

É o deleite! De leite e mel é o licor do amor! Amor destilado, consumado e consumido no cálice fertilizado do jardim, no cálice sagrado, sangrando leite espumado, agitado pela flecha divina, levando o ser ao supremo enlevo, sob a tênue luz da Vésper Matutina...

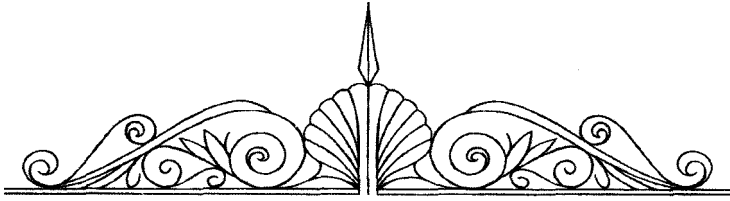
Mas, fora do jardim repleto de rosas luciferianas, para além das realidades subjetivas, no mundo comum e corrente, algumas dessas damas da natureza são perseguidas e banidas da sociedade clichê e “normal” pelas mídias e por diversas leis criadas muitas vezes por pessoas rançosas e empedernidas que buscam apenas controle, dominação e dinheiro. Assim, lendas e tabus têm sido forjados para confundir e condicionar as massas às ideias equivocadas e preconceituosas e para controlar e reprimir minorias (ou majorias), mesmo que não haja realmente qualquer malignidade extrínseca, como se acredita, pois existem coisas muito piores e verdadeiramente nocivas que as pessoas comuns não enxergam e as leis permitem. Tais perseguições foram criadas pela sociedade monoteísta, pelo sistema sociopolítico e comercial e por fanáticos religiosos materialistas e semialcoólatras que condenam qualquer forma de prazer fora de seus dogmas. A própria sociedade com suas “leis” muitas vezes cria as psicoses, as neuroses e todas as doenças psicomentais sociais modernas, o que pode trazer lucros para muitos. E, onde quer que haja interesses políticos, econômicos e religiosos, haverá sempre deturpações, distorções, manipulações e ganhos possivelmente indevidos.

Talvez um dia as recompensas dessas antigas e primitivas damas do jardim sejam possíveis sem suas trágicas consequências para os débeis e desequilibrados. Recompensas ilusórias, mas muito reais subjetivamente, pois uma das facetas de Sofia no nosso mundo é

Maya, a Ilusão. Aliás, o real e o irreal são irmãos gêmeos, ou melhor, são exatamente a mesma coisa. O que muda é nossa capacidade de percepção e grau de consciência com relação aos níveis de densidade dessa mesma coisa; tudo pode ser considerado ilusão. E a incapacidade e a inconsciência humanas para perceber isso é que tornam os indivíduos adormecidos, criaturas biomecânicas, escravos e prisioneiros das ilusões viciantes, verdadeiros zumbis modernos de centros urbanoides, que devoram a mente, a consciência e a vontade própria.

Talvez este exato momento, em que o leitor lê estas linhas, seja uma ilusão, um momento irreal... Se for possível manter constantemente esse pensamento, essa ideia de que, a todo momento, todos estão vivendo uma ilusão, um sonho, a consciência de cada um poderá aumentar, a percepção da realidade ou da irrealidade poderá tornar-se algo natural e contribuirá para a evolução individual e para a compreensão das coisas, dentro e fora do Jardim dos Sentidos.

Mas cuidado com o perigoso e permitido álcool de Baco... Ou de boteco...



VIII

Bestas e Homens

Nem mesmo escapam dos tabus sociorreligiosos os inocentes animais. Além do sexo feminino, determinadas “criaturas demoníacas” foram perseguidas e exterminadas pela fanática ignorância humana, subsistindo ainda algum preconceito e cisma. Pessoas que adoravam animais também eram perseguidas pela cristandade, que as via como servidores do Diabo. Por meio de superstições forjadas, as massas ainda temem quase tudo o que não é para se temer; temem tudo o que lhes parece sobrenatural, esquisito ou diabólico (pois assim a cristandade o fez). Animais que não têm absolutamente consciência das superstições, das malícias e das maldades humanas são relativamente temidos e odiados sem qualquer fundamento consciente ou inteligente. E isso ainda ocorre nos dias de hoje, em menor grau, mas facilmente notável, com relação a determinados animais. Contudo, os animais simplesmente são o que são; o que os tornam “bons” ou “maus”, “puros” ou “imundos” são a mentalidade e as atitudes humanas (ou desumanas) com relação a eles. Afinal, as bestas estão em “nosso” planeta há muito mais tempo que o ser humano e vivem ao seu modo, naturalmente, sem qualquer distinção moral de bem ou mal, isentas de responsabilidades e inocentes.

Com a demonização de quase tudo e de quase todos pela cristandade e pela superstição, certos animais e pessoas afeiçoadas aos animais foram amaldiçoados, perseguidos e exterminados, deixando para o presente irracionais superstições e tabus. Corujas, corvos, sapos, cobras, aranhas, bodes, lobos e mariposas são alguns

dos “temíveis” bichos que assombram a demência humana. E, infelizmente, até inofensivos animais de estimação, como o gato preto, causam uma certa aversão supersticiosa em muitas pessoas, o que é uma herança da violenta e irracional perseguição “religiosa” medieval. Mas é conveniente lembrar que, no Antigo Egito, os gatos eram criaturas sagradas e consagradas à deusa Bast, arquétipo mitológico da maternidade, da fertilidade, da saúde e dos mistérios. Os gatos (e os cães) também são associados à deusa romana Diana, um aspecto de Sofia e personificação da natureza silvestre, dos animais selvagens e domésticos e da pureza (como um mero bichano poderia ser diabólico?!). Na cultura mitológica escandinava, dois gatos pretos puxam a biga da deusa Freya, a personificação da beleza, do amor, da fertilidade e da natureza. Além disso, o gato visivelmente representa, em nível humano, a liberdade, o individualismo, o prazer, o asseio, a paz atarácica, a beleza e a alegria, coisas sempre indesejáveis para os hipócritas e repressores sistemas sociorreligiosos.

Mas a hipocrisia bestial humana, parece sempre visar ao lucro extremo em detrimento de qualquer outra coisa, como no caso de animais que podem sofrer doenças genéticas por causa da ditadura do *pedigree*. *Pedigree* é uma palavra chique e bonita para um preconceito animal que somente os chamados humanos “inteligentes” possuem. O animal é vítima da obsessão humana pela aparência que nem sequer é importante para o próprio animal, mas somente para a vaidosa besta humana, que quer se exibir e lucrar explorando cruelmente animais inofensivos e indefesos. Seja vira-lata ou de raça, o animal é inocente e absolutamente não tem consciência de seu suposto valor monetário que o homem-besta lhe atribui. O *pedigree* o torna valioso aos olhos gananciosos dos humanos, mas ele é só mais um bicho que precisa de cuidados como tantos outros “sem raça definida” (o que também é uma definição hipócrita) que são abandonados, maltratados e, por vezes, felizmente, resgatados e doados gratuitamente para aqueles que realmente gostam dos animais como eles são, e não de estúpidos conceitos padronizados de raça e *pedigree*. Os humanos podem ser criticados por seus supostos preconceitos com relação a outros humanos ou maneiras de pensar (o que é um disfarce para a censura), mas não por preconceitos reais e cruéis com relação aos animais domésticos? Quer dizer, os animais podem sofrer discriminação racial? E aqueles que são “sem raça definida” devem sofrer as misérias do abandono e do descaso porque

não têm o *pedigree* que envaidece tanto seus donos perdulários que financiam esse mercado bestial? É claro que, além disso, há também atrocidades tais como rodeios, farras do boi, touradas, brigas de galo e de cães, caças esportivas, abatedouros e outras sandices bestificantes do gênero. Portanto, em tais contextos, bestialidade pode ser algo relativo; xingar um ser humano de animal ou de besta pode ser uma ofensa aos animais. E muitas “ovelhas dóceis” possuem um cruel espírito de porco...

Mas, fora dos ambientes domésticos, outra besta mamífera temida e vítima de preconceitos e de tabus infundados é o morcego, que também não sabe o que é *pedigree* e é associado aos “terríveis” vampiros* bebedores de sangue. Apesar de raramente transmitirem a raiva aos humanos, como quaisquer outros animais, os morcegos são criaturas praticamente inofensivas e benéficas. Contribuem para a reprodução de espécies vegetais, incluindo árvores, deixando cair sementes e depositando suas fezes fertilizantes em muitas regiões. Também controlam a população de insetos e são modelos naturais para o estudo e desenvolvimento científico de sonares. Ao contrário do que muitos pensam temerosamente, nem todos os morcegos são hematófagos, mas somente três espécies no mundo. Tais morcegos se alimentam apenas de uma quantidade mínima de sangue que é lambido de uma pequena ferida indolor em animais como cavalos, bois, porcos e aves, que muitas vezes não sentem a presença do morcego e continuam suas vidas até o dia do abate pelas mãos de feras civilizadas. Portanto, os morcegos não são mais vampirescos que os educados e finos cidadãos urbanoídes que comem chouriços, mortelas, carne crua, molho pardo e, até mesmo, bebem sangue quente de bovinos, caprinos e suínos (em alguns lugares, sangue de cobras peçonhentas com bile).

Que vampiro há para se temer, então? E se o vampirismo é coisa do Diabo, como sempre disse a cristandade, logo todos os cristãos que comem carne e sangue são vampiros diabólicos que pecam contra seu Deus (que também é bastante sanguinário e sanguessuga). Sendo assim, até mesmo o monoteísmo cristão pode ser considerado uma religião vampiresca, tendo como vampiro-mor o próprio Jesus, que, em seu sacrifício sangrento, bebe e compartilha seu próprio sangue em um ritual que parece bastante hematofágico e

* N.E.: Sugerimos a leitura de *O Universo dos Vampiros*, de Jonathan Maberry, Madras Editora.

canibalista (será que Jesus estaria em boa companhia tendo Bathory como sua consorte?).

Contudo, sacrifícios sangrentos sempre ocorrem ao redor do mundo, do Oriente às Américas, entre muitos povos antigos e também modernos, entre religiosos e profanos. Por que, então, o povo ocidental “educado” se horroriza com os cruentos sacrifícios praticados por povos extintos e por algumas tribos e cultos que ainda existem em muitos lugares do planeta? Por que considerar o sacrifício sangrento dos outros como práticas pecaminosas e coisas do Diabo, quando a própria “civilização” moderna tortura e sacrifica cruelmente milhares de animais de maneira sistemática em abatedouros industriais ou em abates religiosos? Certamente, nem o Diabo nem Deus têm qualquer coisa a ver com isso tudo (pois ambos os dogmas não existem), mas apenas o paladar, a fome e os sistemas e tabus religiosos.

Mas, voltando aos inocentes morcegos, felizmente, para muitos humanos, eles não gostam de gente. Contudo, sempre foram considerados seres diabólicos, encarnações de vampiros demoníacos e animais impuros pelo dogma (pseudo) religioso. Mas, simbolicamente, como um arquétipo atávico do subconsciente humano, o morcego expressa simplesmente os mistérios da noite, o próprio subconsciente, o primitivo, o desconhecido, o oculto, aquilo que pode ser perigoso e proibido (aos olhos dos temerários e dos temerosos), além de simbolizar renascimento, iniciação e o sobrenatural.

As aranhas também são temidas e consideradas criaturas do mal por muitas pessoas supersticiosas. Algumas são perigosas de fato, mas raramente causam danos a humanos. O medo em geral é atávico, inexplicável e inconsciente com o reforço da superstição religiosa de que aranhas são associadas às trevas, à morte e às bruxas serviçais do Diabo. Uma das mais temidas inconscientemente é a tarântula, ou caranguejeira, talvez por causa do seu aspecto impressionante que aparenta um “modelo” ideal e perfeito de aracnídeo. Mas a tarântula não apresenta perigo à perigosa espécie humana e possivelmente não transmite doenças. Aqueles que não a temem e que se encantam por ela contribuem para a sua extinção, pois querem criá-la em cativeiro como animal de estimação. E aqueles que a temem também contribuem para a sua extinção porque buscam matá-la deliberadamente, apesar de que esse tipo de confronto seja raro. O medo embota a razão, e o aracnofóbico não compreende sua importância nem seu simbolismo em nível humano. A aranha, especialmente a

tarântula com sua perfeição aracnídea “clássica”, é um dos símbolos zoológicos do individualismo, em razão da convergência de si mesma para o centro de sua teia, que é seu universo, no qual ela é a senhora da vida e da morte, da criação e da destruição. A aranha com sua teia expressa também beleza, perfeição, criatividade e organização e simboliza a duração da vida, o mistério da noite, o subconsciente desconhecido (para a maioria), a introspecção e o recolhimento interior. Na mitologia grega, o maior exemplo é a deusa Aracne, a primorosa e artista tecelã. Mas há também as Moiras, as três fiandeiras da vida, especialmente Cloto, a irmã que tece o fio da vida.

Entre as aves consideradas de “mau agouro” está o corvo. O tabu associa o corvo ao sobrenatural, ao mal e à morte. É uma ave necrófaga que pode fazer um bom trabalho de faxina na natureza. Mas o ser humano também é um necrófago que come cadáveres pré-torturados comprados nos fétidos açougues, apesar dos processos industriais de conservação. Entretanto, o corvo é uma das aves mais inteligentes e sensíveis (e, como se sabe, os ignorantes insensíveis temem a inteligência e as capacidades alheias). Isso é alegorizado na mitologia nórdica, na qual dois corvos, Hugin (“Pensamento”) e Munin (“Memória”), são os companheiros e os “informantes” do sábio deus Odin. Na alquimia, o corvo representa a iniciação, assim como a transformação e o negrume (*nigredo*) da matéria que se dispersa e dá lugar à purificação (*albedo*), dando continuidade ao processo alquímico (*citritas* e *rubedo*, o último estágio, a sabedoria do Eu Superior). Ou seja, em nível psicamental significa a destruição e dispersão da personalidade efêmera, que é um agregado egoico, dando lugar ao surgimento da autoconsciência do Eu Superior. O corvo também simboliza a Sombra da Individualidade humana e a matéria escura do espaço.

De preconceito também é vítima a coruja, considerada uma criatura impura pela religião bíblica, apesar de que ela esteja um pouco longe da realidade cotidiana da maioria dos humanos. Mas a coruja sempre foi uma realidade muito próxima à deusa grega Atena, a bela e sábia conselheira, guerreira e artista, e associada à deusa Lilith, a mulher inteligente não submissa. Está claro que Atena personifica um dos aspectos de Sofia, sendo, portanto, a coruja um símbolo da filosofia (e das letras) há séculos, jamais condizendo com os tabus religiosos inventados por mentes monoteístas obtusas. A coruja é uma ave solitária e noturna, que voa ao entardecer, expressando assim o recolhimento individual do filósofo. A propósito, os períodos da tarde e

da noite são considerados os mais favoráveis às reflexões filosóficas, o que nos leva à Via Noturna.

De todos, o animal mais irracionalmente demonizado talvez seja a cobra, ou serpente, simplesmente por causa de um episódio bíblico popularmente conhecido. Mas, sobre tal criatura, já tem sido dito o bastante. É importante, porém, enfatizar que a serpente jamais foi uma criatura do mal (como elas poderiam ter alguma consciência moral sobre isso?) antes da disseminação de simplórias ideias bíblicas. Serpentes peçonhentas são perigosas, mas seu veneno também serve para fabricar o antídoto que pode curar. Aliás, a espécie humana de modo geral, com sua maldade e sede de poder, guerra e destruição, sempre foi muito mais perigosa que qualquer animal em seu *habitat* natural. Entretanto, como símbolo arquetípico, a serpente expressa transformação e regeneração cíclica da vida, além de representar um indivíduo sábio e iniciado nos mistérios da natureza e de si mesmo. Simboliza também a gnose, ou seja, o conhecimento oculto, “proibido” e “perigoso” que as pessoas comuns e correntes temem porque Deus “proibiu”.

Assim como a serpente, outra besta considerada como a encarnação do mal, entre o povo da cristandade, é o dragão. Fora o dragão-de-komodo, que é uma realidade biológica e criptozoológica, o dragão é considerado um ser mítico que só existe na iconografia filosófica, alquímica, hermética, religiosa, mitológica e artística, porém, ainda assim, é perseguido pela ignorância fundamentalista ocidental. Infelizmente, o dragão adquiriu a má fama, forjada por humanos infames, de ser inimigo de Deus e do “povo escolhido” e de ser a representação dos pecados e dos povos pagãos, como uma das (muitas) personificações de um Diabo que não existe. Contudo, em nível supra-humano, o dragão é o mais poderoso símbolo arquetípico da totalidade individual e do Eu Superior. Filosoficamente, todos os aspectos humanos têm suas correspondências e podem ser sintetizados na figura do dragão: o corpo físico humano, com todos os seus sentidos de percepção, é simbolizado pelo aspecto terrestre do dragão, que se locomove sobre quatro patas na terra; o inconsciente, a imaginação criativa, as emoções e os sentimentos humanos estão relacionados ao aspecto aquático do dragão, que possui escamas, barbatanas e é capaz de nadar; a mente, o pensamento, a inteligência e o raciocínio são simbolizados pelo aspecto aéreo e expansivo do dragão, que possui asas e é capaz de voar; a força de vontade, o impulso de progresso individual, o ímpeto de agressão,

de autodefesa e o instinto sexual estão relacionados ao aspecto ígneo do dragão, que possui a capacidade de cuspir fogo violentamente; e a autoconsciência superior, a Individualidade, o Eu Superior, o Logos individual são representados pelos tesouros que são guardados pelo dragão em profundas cavernas (o subconsciente, o *nigredo*, com toda a sua sabedoria).

Mas, apesar da má fama demoníaca da serpente e do dragão, o bode é a vítima imunda que realmente sofria por muitos monoteístas que acreditavam no Diabo. Transformado em uma besta de expiação, o animal inocente recebia todos os pecados e impurezas do povo (pois assim, acreditava-se, ficaria livre de suas culpas) e era banido para o deserto para morrer nas garras do suposto demônio Azazel. Tal atitude desse povo contribuiu para a criação artificiosa do Diabo dogmático monoteísta. Na filosofia oculta, o suposto Diabo é Baphomet (“batismo de sabedoria”, em grego), um ser híbrido de fauno com uma cabeça de bode meio canina e busto humano com seios de mulher. Mas tal ser bizarro de fato não é o Diabo (pois este não existe), mas sim um símbolo hermético-alquímico (isto é, se não for resquício ou memória de primitivas e terríveis ocorrências teratológicas, o que pode ser um absurdo ou não).

Manifestações teratológicas têm ocorrido ao longo dos tempos, até mesmo antes do surgimento da moderna teratologia, denominação científica para o estudo das deformações monstruosas nos seres vivos. Na mitologia de todos os povos, podem-se ver casos teratológicos em linguagem literária e fantástica. Deuses, bestas, demônios e híbridos retratados nas diversas mitologias do mundo podem ser considerados ecos de criaturas nascidas com terríveis deformações. Humanos que se assemelham a bestas, animais com duas cabeças, pessoas com dois rostos, duas cabeças ou dois corpos (gêmeos siameses e gêmeos parasitas), hermafroditas, seres humanos de rosto animalesco, pessoas com membros avantajados demais ou atrofiados demais, etc. são reais em nosso mundo. Criaturas híbridas de humanos com animais (como nas mitologias grega, egípcia e sumeriana), demônios bicéfalos, macrocéfalos, microcéfalos ou acéfalos, gigantes, anões, seres ciclópicos (como os da mitologia grega), deuses com múltiplos membros (como os deuses hindus), etc. são também coisas reais na mitologia universal, porém retratam muito bem a existência de seres teratológicos que sempre existiram e continuam a existir de fato, mesmo que sejam raros. Contudo, a indiferença que a

natureza tem com relação ao sofrimento de suas aberrações vivas, de suas crias humanas bestiais, não é nada rara ou humanamente ideal.

A teratologia significa literalmente o “estudo dos monstros”, ou o estudo de monstruosidades, e é um ramo da medicina que busca estudar as malformações fetais e as anomalias morfológicas dos seres vivos. Assim, pode-se dizer que a medicina estuda criaturas “mitológicas” reais, porém raras, assim como a criptozoologia também estuda animais raros, extintos ou considerados lendas até ser descobertos, tais como a lula-gigante, a lula-colossal, a lula-vampiro, o dragão-de-komodo, o lagarto-monitor, o celacanto, o tubarão-cobra, o ornitorrinco, etc.

Na Idade Média, tais seres teratológicos e criptoides eram vistos como criaturas do Diabo. Com o passar do tempo, os personagens mitológicos, os quais a religião e as pessoas tomavam conhecimento, também eram considerados seres diabólicos, incluindo, entre muitos outros, o deus grego híbrido Pã e, conseqüentemente, o já mencionado Baphomet.

Mas, em filosofia oculta, Baphomet representa a humanidade materializada com seus instintos animais e com sua inteligência humana, bem como as forças criativas da natureza, entre outros significados alquímicos. Além disso, o semicaprino deus grego Pã também passou a ser associado ao Diabo, quer dizer, a um títere horroroso e patético forjado para destruir os cultos politeístas mais antigos que o dogma judaico-cristão. Pã é o sátiro grego que, como o suposto Diabo, é satírico e sarcástico. Sarcástico com o Deus dos holocaustos (“tudo queimado”) que queimam toda a carne de caprinos em altares de crueldade. Assim, a carne queimada em tributo a Deus é o motivo de sarcasmo do Demônio que sabe que todos, de fato, desejam pecaminosamente a carne ardente, a carne *sarcástica* (*sarkós* em grego é “carne”; *kaustikós* é o “que queima”). Mas Pã significa “tudo” e personifica literalmente tudo o que a natureza contém, todas as potencialidades criadoras da vida, incluindo o desejo sexual da “carne ardente”. O bode, em nível humano, expressa a alegria pela vida, a exaltação, a fertilidade, a criatividade e o crescimento individual para uma autossuperação. Assim, nunca houve nada de diabólico nem de pecaminoso em qualquer caprino que seja, ou em qualquer outro animal; a imundície está apenas na limitada e suja mentalidade humana.

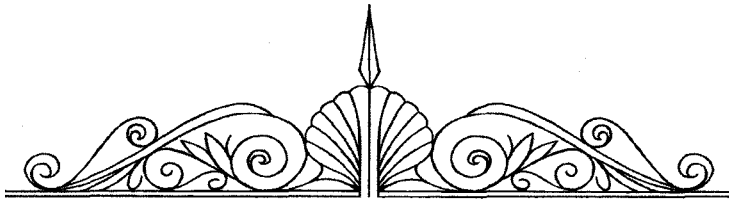
Como se pode ver, diversos animais foram vistos como impuros e imundos pelos dogmas religiosos, apesar de que “Deus criou os animais selvagens, segundo suas espécies, e os animais domésticos e todos os répteis” e “viu que isso era bom”. Eis outra grande contradição.

É interessante notar que vários desses tais “animais impuros”, e até mesmo animais domésticos como o cachorro, são pratos finos e exóticos em alguns países do Oriente, sem qualquer restrição ou proibição dogmática ou moral; apenas prevalecem o apetite grosseiro e a gratificação do paladar. É interessante notar também que alguns “animais puros” como os bovinos, que são largamente devorados pelos ocidentais (causando grandes desequilíbrios ecológicos), são animais sagrados e intocáveis na religião hindu (mais antiga que a judaico-cristã), como a vaca, por exemplo, que não deve ser maltratada, nem morta, nem comida. Os profanos monoteístas comedores de bife seriam vitimados pelas maldições de Govinda (o azulado avatar protetor de vacas), de Nandi (o touro branco de Shiva) e, até mesmo, de Hathor (a deusa-vaca egípcia) e do cretense Minotauro.

Assim, o Deus bíblico é apenas uma divindade local (com todo tipo de atributo vicioso humano) que difere dos deuses de outros povos e de outros lugares do mundo, bem como de seus costumes e “leis”. Cada dogma, supostamente divino, de uma religião ou de um povo pode ser considerado apenas o reflexo dos desejos, apetites e anseios desse povo, uns melhores que outros, uns piores que outros, segundo a visão de cada um. E cada povo é o “escolhido”, segundo seu próprio Deus em sua própria cultura, apesar da presunção de determinado “povo escolhido” considerar outros povos como “animais impuros” e de achar que eles não merecem respeito.

Dizer que um animal é imundo pode significar que esse animal seja o mais sagrado e o mais adorado para determinado povo ou grupo, difundindo assim a ideia de que ele não deve ser maltratado nem morto (mas todos os animais são dignos de respeito); é o “brasão” ou totem animal de determinados grupos, famílias ou indivíduos, secretamente cultuado como um ancestral guardião e como um poder encarnado da natureza. Animais que são tabus (tabu também no sentido de “sagrado”), tais como os que foram mencionados aqui, são muito significativos em seu simbolismo filosófico oculto e deveriam ser tratados com respeito e deixados em paz. Tal respeito merecem também os animais “puros” que lamentavelmente são consumidos

vorazmente pela civilização ocidental monoteísta. Mas, por outro lado, os animais “imundos” são os mais sortudos, já que eles podem não ser comidos pelas grandes massas necrófagas tão “civilizadas”.



IX

O Vale da Morte

Na cíclica e eterna dança macabra dos seres humanos, compreender a morte é de vital (e letal) importância para a vida, já que ela é inevitável, para se evitar sofrimentos desnecessários. O conceito maçônico mozartiano ensina que, ao contrário de ser assustadora, a imagem subjetiva da morte pode trazer tranquilidade e paz no fim de tudo. Porém, antes do fim, e mais importante do que o evento da morte em si, o que realmente importa é como se vive. Porque a transformação do indivíduo e da Individualidade ocorre na vida, e esse desenvolvimento se dá no decorrer dos anos até a chegada da “temida” morte (anunciada pela rainha anciã do submundo, Banshee). E, no fim da vida, são inúteis os arrependimentos tardios e coisas do gênero quando se está no leito de morte, pois, de fato, tal indivíduo pode em nada ter mudado, não melhorou a si mesmo nem se desenvolveu psicologicamente, continuando a ser a mesma criatura que foi durante toda a vida, caso realmente sua autoconsciência subsista à morte (afinal, a morte não nivela ninguém, não pode existir tal igualdade). Pessoas assim apenas querem tirar algum peso da consciência (quando têm consciência) para que sejam aceitas por Deus, temendo qualquer condenação eterna por seus atos estúpidos e inépcias de toda espécie.

Todos os povos do mundo antigo e moderno têm sua maneira de encarar a morte, mas é o povo ocidental judaico-cristão que padece terrivelmente da enfermidade do tabu e da superstição, apesar de ser um fenômeno natural e muito discutido nos meios científicos, religiosos,

filosóficos e artísticos. Os materialistas acreditam que a morte é uma extinção absoluta, que a vida simplesmente acaba, e nada mais existe para o defunto, o que pode tornar a essência da vida e seus acontecimentos, alegrias, tristezas, injustiças, desigualdades, sofrimentos, fatalidades, etc., inexplicáveis e desprovidos de sentido. Porém, muitos materialistas se esquecem que, enquanto há vida em um corpo, ele já está em processo de morte; as células estão constantemente morrendo, inclusive pela oxidação que causa o envelhecimento (o oxigênio do ar nos remete às asas de Tântatos, o deus grego da morte). Talvez não saibam também que, na própria putrefação do cadáver, há atividade que o faz decompor-se; a vida surge da putrefação da morte porque a putrefação em si é atividade e, por pior que possa parecer, é vida manifestando-se na natureza que a reabsorve em seus elementos decompostos.

Os religiosos fundamentalistas acreditam que depois da morte existe o céu eterno junto a Deus ou o inferno, também eterno, junto ao Diabo (ideia certamente antifilosófica). Os espiritualistas e alguns filósofos acreditam que a consciência (ou o espírito) continua a existir depois da morte e que é preexistente à vida material, ao corpo físico (que é um veículo da consciência intangível e invisível). Isso faz mais sentido se considerarmos ainda as ideias filosóficas pré-socráticas e as doutrinas de povos como os antigos egípcios, sumérios, gregos, etc., repletas de mitologias que transmitem ensinamentos que podem nos levar à conclusão de que a vida e a morte não são coisas tão simples como parecem.

A vida é gerada pelo amor (sexual), ou Eros; a morte é trazida por Tântatos. Mas a morte também surge do amor que gera a vida, pois o sexo, em essência, é a origem da morte; tudo o que nasce contempla a morte inevitável no futuro. Viver já é o processo do morrer. E, quando se morre fisicamente, a consciência se liberta e continua sua existência em outro nível, mais sutil, mais expansivo. A morte, na realidade, não existe. Morte é apenas um nome para um dos processos da existência conhecido como transição, ou seja, uma mudança de uma forma de vida para outra, uma mudança de um estado para outro, de uma condição para outra, uma transformação da vida. A vida em sua essência é matéria/energia densa e sutil cujos elementos separam-se nessa transformação, ficando o denso a desintegrar-se e deixando o sutil livre dos condicionamentos grosseiros da matéria física. O que não serve mais como veículo da consciência

é descartado, mas a vida (que inclui a morte) não cessa e continua a assimilar experiências.

Mas aqueles que temem mudanças necessárias e significativas na vida também temem aprender novas coisas, temem crescer, evoluir e responsabilizar-se pela própria vida, atribuindo tudo a Deus ou ao Diabo, simplesmente porque não buscam o conhecimento, mas apenas o comodismo fácil, porém doloroso. Por isso, a grande maioria das pessoas definitivamente sente medo do desconhecido, teme o processo da morte, doloroso ou não, e o que pode acontecer depois (provavelmente, algum castigo divino ou tormento diabólico). Para a maioria das pessoas, a morte se resume a esses simplórios (pré) conceitos, e o pavor quase patológico impede qualquer tentativa de compreender tal fenômeno; o simples fato de falar sobre o assunto já é um tabu que arrepia qualquer sujeito de mente condicionada e embotada. E, de todo esse pavor, sobrevêm sofrimentos desnecessários, tristezas irracionais, insegurança e preocupações excessivas com a morte isentas de informação elucidativa. Esse medo absurdo torna-se, assim, apenas mais uma causa de estresse oxidativo que provoca o tão indesejável envelhecimento e a consequente morte por decrepitude e idade avançada. Mas os seres mais evoluídos são capazes de compreender as transformações e as mudanças e buscam por si mesmos mudar algo em suas vidas, sejam ideias, conceitos, crenças, paradigmas, comportamentos, costumes, etc.

Tabu também é o suicídio, obviamente por causa dos dogmas falaciosos da religião ocidental fundamentalista que infeccionam as mentes já debilitadas. Como se não deveriam ser (e parecem não ser) grandes tabus o homicídio, o latrocínio, o estupro, a coerção, a exploração, a guerra, a lavagem de dinheiro, a violação de direitos individuais, as brechas na lei, etc., etc., etc... Teoricamente, sendo a vida um direito do indivíduo, ele também dispõe da própria morte, conforme sua vontade, desde que não cause dano a outros. Se a vida é de cada um, a decisão de viver ou morrer é uma responsabilidade e um direito individual, isento de falsos moralismos, dogmas condicionantes e preconceitos sociais. Aliás, quando o suicida consegue seu intento, sua família é quem sofre o preconceito da sociedade (intrínseca e hipocritamente cristita).

O suicídio ocorre por diversos motivos, mas somente o suicida sabe o que o motiva, e ninguém mais poderá saber ou sentir o que ele vive, por mais que se faça apelos morais e discursos piegas religiosos ou condenatórios. Somente a própria pessoa pode mudar sua

ideia e o que ela sente, buscando sair de tal condição e assim evitar a morte pelas próprias mãos. Por ignorância, desinteresse e comodismo, é muito fácil julgar quando se está sentado no próprio rabo confortavelmente, quando “sérios” e “respeitáveis” cidadãos cheios de moralismo cristita parecem não sofrer de fato o que muitos sofrem desesperadamente e, até mesmo, em silêncio; é fácil estufar o peito e vomitar verborragias de discursos intermináveis sobre moral, virtude e coragem de que muitos desses cidadãos realmente nem são dotados.

A medicina possivelmente relaciona o suicídio a fatores de ordem neuroquímica e cerebral e ao sofrimento físico (o que pode levar ao desejo pela eutanásia, em alguns casos); a psicologia diz que o suicida sofre de perturbações psíquicas, depressão profunda (o que, paradoxalmente, pode causar uma desmotivação de qualquer ato), fracassos, humilhações, desonra, etc.; a sociologia hipócrita pode limitar-se a dizer que são meros fatores sociais (pressão, estresse, insatisfação, tédio, pobreza, violência), problemas que o indivíduo simplesmente não quer enfrentar, tornando-se mera estatística nesse contexto; a religião simploriamente diz que é pecado contra Deus e, por isso, proibido (como quase tudo); e o futuro suicida diz que é puro e simples desejo de morrer para livrar-se de seu sofrimento que parece não ter fim, seja lá qual for, preferindo o vale da morte ao vale de lágrimas no qual ele padece.

Mas o sofrimento pode nublar a razão e a consciência e levar o indivíduo a matar-se por meios fisicamente dolorosos ou sujeitos ao fracasso, deixando-o ainda vivo e com mais sofrimento que antes. E, quando consegue consumir o suicídio, segundo alguns espiritualistas, ele acaba por traumatizar a alma com tal morte violenta. Contudo, depois da consumação total da morte, a alma pode cair em um profundo sono anestésico (Hipnos, irmão de Tânatos) até que parte de sua consciência desperte sem o corpo físico.

Os espiritualistas dizem também que cada ser humano carrega apenas aquilo que pode suportar na vida e não mais, e que seu sofrimento é uma reação simplesmente cármica. Então, por que muitos carregam dentro de si a ideia, ou sentimento, pessimista de que a melhor coisa para ele seria nunca ter nascido? Por que muitas pessoas se matam se elas carregam apenas o que podem suportar? Por que os suicidas não suportam seu sofrimento? Há uma contradição nessa teoria...

Ironicamente, os suicidas parecem ter algo dos poetas e prosadores ultrarromânticos, com seu pessimismo atroz, com sua dor egocêntrica, com seu sentimentalismo depressivo, com seu culto exaltado à morte e com seu escapismo. Talvez pensem (e sintam) como os maias,* que cultuavam a deusa da morte suicida Ixtab e acreditavam que o suicídio fosse um meio para se livrar desse mundo e chegar ao paraíso de maneira honrosa. Mas a maioria dos suicidas em potencial está ainda muito aquém das genialidades literárias ou artísticas, da compreensão das coisas e do processo evolutivo individual. E são raros aqueles que possuem suficiente consciência e razão e que se livram da vida de maneira socrática. Entretanto, a maneira adequada, ou melhor, o modo natural de morrer é dormindo, em profundo e tranquilo sono na paz de Hipnos, quando a hora chegar.

Mas, para amenizar o sofrimento dos pessimistas e potenciais suicidas, pode-se tentar contemplar as coisas belas da vida (mas a beleza pode ser relativa), contemplar tudo ao redor como se fosse a primeira vez, olhar a vida como se fosse a última e pensar em si como se fosse o centro do Universo (o que pode ser relativamente narcisista). Isso pode ajudar a relaxar e a evitar uma possível tentativa de suicídio. Buscar a arte, contemplá-la, visitar jardins botânicos ou temáticos, escutar música estimulante de valor artístico, etc., também ajudam a esquecer do suicídio irracional, pois tudo isso pode elevar o nível de energia psicomental, e o indivíduo, assim, experimenta um pouco que seja de motivação, de prazer e de êxtase, se for capaz. É importante também que o indivíduo questione profundamente sobre quem ele é, sobre o que ele é, por que nasceu, para que serve sua vida, o que ele deve fazer, o que ele deve ser, encontrar uma razão para a própria existência, um caminho, uma missão para si. O senso de humor, apesar de difícil em meio aos problemas e ao desespero, pode ajudar a amenizar o peso do sofrimento e das dificuldades. Senso de humor em meio ao convívio com gente difícil também não é fácil, mas se pode tentar levar os problemas e a vida não muito a sério. O humor, a risada e a gargalhada podem ajudar a libertar-se temporariamente das dificuldades da vida e das preocupações e tornar a mente mais clara e o pensamento mais organizado. Se fosse possível ver a vida, suas dificuldades, seus problemas, como algo irreal, as pessoas estariam quase sempre de bom humor e rindo das tragédias (o que é praticamente impossível), exceto pelo tédio que

* N.E.: Sugerimos a leitura de *O Código Maia*, de Barbara Hand Clow, Madras Editora.

não proporciona bom humor, porém, também pode ser risível. Mas antes fosse apenas uma tragédia grega que não afetasse diretamente a vida das pessoas. Parece esquisito, e muito difícil, mas pode ser de boa ajuda rir sempre que possível em meio a todas as adversidades, mesmo com o mundo desabando sob os pés. É certo que é difícil rir em meio a muitos e profundos sofrimentos, restando-se então a purgação pelo choro.

Infelizmente, a sociedade ainda é incapaz de lidar com esse fenômeno humano do suicídio. É incapaz de cuidar de seus suicidas potenciais muitas vezes criados ou despertados por essa mesma sociedade inepta, indiferente, preconceituosa, condicionada e brutal. Entretanto, quando a morte bate à porta de qualquer cidadão “normal”, ele também se desespera, sofre pelos entes queridos e, muitas vezes, não aceita até mesmo a morte natural, não violenta, a “boa morte” de Tântatos, a eutanásia praticada pela natureza.

O medo de Tântatos (irmão de Hipnos, o deus do sono) faz com que as pessoas ignorem o fato de que não são meros corpos desprovidos de inteligência e essência, mas sim criaturas com sentimentos, pensamentos, vontades, criaturas sencientes em todos os aspectos de seu Ser. Limitar os indivíduos como meras máquinas de carne e osso torna a sociedade de consumo obcecada por conservar o corpo sinteticamente, prestando cultos à aparência e à juventude que, inevitavelmente, um dia desaparecem.

Mas, paradoxalmente, as pessoas mantêm péssimos hábitos com relação à saúde, péssimos comportamentos e atitudes mentais, levando-as ao sofrimento em diversos níveis (físico, mental, emocional) e, por fim, acelerando os processos da morte de maneira dolorosa. Quando a morte bate as asas e vem ceifar a vida, as pessoas se desesperam, choram desequilibradamente pelos entes queridos, apesar de ser natural a purgação pelo choro e a saudade (consciente) do ente que se foi; chorar é essencial nessa fase da vida quando as pessoas separam-se pela morte. E, com a morte, por vezes, muitas pessoas fazem esforços para investir consideráveis somas com “epitáfios” dignos de reis, mesmo que sejam plebeus, alimentando assim rentáveis negócios “macabros” que vivem da morte alheia.

As pessoas vão também a cemitérios, por vezes, repletos de árvores do Hades, como um jardim funéreo de belos, verdes e longevos ciprestes. Visitam artísticos túmulos empoeirados, cobram exigências (e pagam por elas), fazem o possível para que o morto seja lembrado, mas ninguém quer levar a ossada velha consigo. Se

alguém quer lembrar sempre do ente querido que se foi, nada mais adequado que manter boas recordações em casa, tais como fotos, vídeos, etc. Mas, se isso não é o suficiente e alguém considera os ossos do finado tão importantes que não podem ficar em um ossário qualquer, que os leve então para casa, coloque o crânio na estante para enfeitar, contemplar e lembrar de quem era aquela cabeça descarnada, ou, talvez, para filosofar um pouco sobre a vida e a morte. Ou ainda faça uma bela taça com o crânio do morto para celebrar a vida e brindar à saúde de maneira poética e romântica (e para sempre lembrar que um dia sua hora chegará, que a dança macabra irá conduzi-lo para a tumba, pois *memento mori...*). Mas não enlouqueça! Afinal, “ser ou não ser”?

Se alguém não é como Hamlet, ou como Baron Samedhi, ou Kali, ou um *aghori*, ou Mictlantecuhtli, ou como um arqueólogo, ou como um temerário metido a trevosos, então esqueça os ossos, deixe-os nos ossários e não perturbe os vivos com melindres e burocracias funerárias tão rígidas quanto o *rigor mortis*. Que procure algo menos macabro para ocupar sua cabeça que ainda mantém um cérebro funcionando repleto de tabus e superstições, até chegar sua hora... Ou vá ter uma *overdose* de ossos mortos na capela de Sedlec, na República Tcheca, com cerca de 70 mil esqueletos humanos formando lindas mobílias e objetos decorativos e religiosos (eis um grande exemplo de que nada se perde, tudo se transforma). Macabro? Pode-se então apreciar a morte em estilo megalomaniaco no plácido, frio, belo e “caiado” Taj Mahal...

Tradicionalmente a morte é representada por um esqueleto ou por um crânio, apesar do tabu que as massas têm com relação a tais imagens. O crânio (e o esqueleto como um todo) é apenas um símbolo de transição, de transformação e de perduração das formas essenciais da vida (sim, da vida) no decorrer das mudanças, das fases de existência, dos processos vitais da natureza e dos processos de construção e destruição daquilo que é grosseiro e efêmero. Mas, ao mesmo tempo em que é um símbolo da essência da vida que não perece, o crânio é também símbolo da transitoriedade das coisas em nosso mundo fenomenal. É um símbolo tão antigo quanto a própria humanidade e está presente em muitas culturas ao redor do mundo. No Ocidente (e talvez mundialmente), a imagem mais conhecida é a de um esqueleto vestindo uma túnica negra com capuz e portando uma foice, sendo conhecido também por Ceifador. No sincretismo mexicano, o Ceifador tem sua versão feminina chamada

Santa Muerte, para quem os devotos pedem proteção, entre outros benefícios de ordem material. No simbolismo maçônico, a caveira com os ossos cruzados significa mortalidade e transitoriedade, e na alquimia representa putrefação da escória, do denso, da matéria grosseira, para que ocorra a sutilização, bem como o resíduo do que não é volátil, ou seja, daquilo que permanece como é. Para os celtas, o crânio era considerado sagrado e sede do espírito e era colocado na entrada de seus templos. Algumas tribos primitivas do mundo usam crânios humanos como taças, inclusive crânios de inimigos, e, no Tibete, alguns instrumentos musicais e ritualísticos são feitos de ossos humanos, incluindo as taças que representam impermanência e transição. Na filosofia oculta, o crânio é um dos símbolos da inteligência superior, da autoconsciência individual, da autorreflexão, do conhecimento iniciático e dos mistérios.

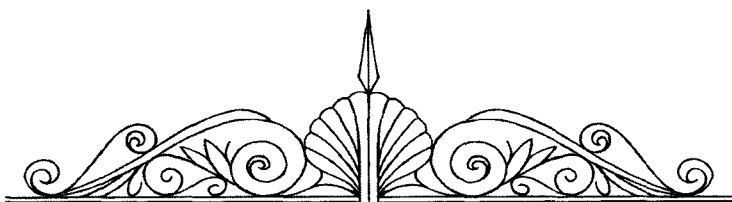
O Ceifador nos remete a Saturno (Cronos) e sua foice, símbolo da colheita e do tempo necessário para plantar, crescer e ceifar a vida. A vida ceifada, ou colhida pela natureza, não diz respeito apenas à morte física do corpo, mas também à morte do ego vicioso e transitório, da personalidade condicionada comum e corrente, para que se manifeste a Individualidade autoconsciente, o Eu Superior. Processos interiores ocorrem, e fases psíquicas indesejáveis “morrem” para dar nascimento à consciência iluminada, esclarecida, superior, destruindo também as ilusões da existência material passageira. A ilusão “morre” e dá lugar à compreensão da vida, com uma nova perspectiva, em um outro nível evolutivo. Esses tais processos da “morte” o indivíduo pode buscar deliberadamente, por si mesmo, por meio de uma concentrada auto-observação, da autoanálise e da eliminação daquilo que não presta, da eliminação de defeitos psicomentais e de vícios embotadores da evolução.

Mas é claro que nada disso é fácil como se poderia supor; exige disciplina, atenção constante sobre si e força de vontade. Como a grande maioria das pessoas se apega exageradamente às banalidades da vida e são desequilibradas e descontroladas em quase tudo, há forte resistência a essa “dissolução da morte”, ao abandono ou destruição da tão paparicada personalidade instável, no sentido de conscientização e evolução. O falso amor às mediocridades da vida material ilude, e uma transformação radical e sadia do Ser interno torna-se, então, impossível para essas pessoas.

Assim, o que vale a pena neste vale de lágrimas da morte chamado mundo é aprender a viver. Porque depois apenas restarão corpos

putrefatos e ossos velhos e empoeirados sempre reivindicados pelos vivos temerários que preferem pagar o que não vale para que outros os guardem, já que eles mesmos não os recolhem em seus próprios lares. Afinal, a exploração política, os negócios, a burocracia, a ganância, o materialismo e o mecanicismo estão presentes até na hora da morte.

Mas, no “fim”, o terrível e macabro barqueiro Caronte também irá cobrar seu óbolo... E aqueles que embarcam deixam atrás de si apenas cadáveres, cinzas e ossos que serviriam de “brinquedos” para os adeptos da sinistra seita dos *aghoris*. Contudo, aqueles que esperam para embarcar podem se “divertir” e filosofar nos verdejantes jardins cemiteriais em meio às belas estátuas sensuais de “deusas” aladas seminuas...



X

Triângulo Amoroso dos Filósofos

O ser humano está sempre vivendo um triângulo amoroso, mas em geral não tem consciência disso. O ser humano, em seu processo evolutivo, de fato precisa de três amores para que seja um ser (quase) completo. Completo como um ente único manifestando três aspectos do amor, em três esferas ou centros do todo humano, ou seja, o cérebro, o coração e a genitália. Fazendo uma outra analogia, no ser humano temos a cabeça (Filos), o coração (Ágape) e os genitais (Eros) unidos em um sistema cérebro-cardio-genital que deve funcionar em harmonia. O ser humano deveria se esforçar para unir em si esses três amores para que haja satisfação sadia em suas inter-relações, cada qual no lugar certo e na medida certa, evitando a degeneração em seus vícios opostos (paixonite grosseira, obsessão egoísta e depravação sexual). Tal corrupção dos três amores pode causar uma perda da própria Individualidade e seu conseqüente sofrimento, como podemos facilmente observar ao redor do mundo com sua lastimável “civilização” vivendo em um inferno onde o amor se perde em um caos de emoções desordenadas e, muitas vezes, contaminadas por sentimentos baixos.

Assim, Ágape, Filos e Eros são fundamentais na vida de qualquer indivíduo e manifestam-se em três níveis que interagem. Ágape é o amor em nível espiritual e universal; Filos, em nível psicomental

e intelectual; e Eros, em nível material e sexual. Essas formas de amor funcionam no ser humano como um sistema ternário, sendo que cada uma delas se manifesta em maior ou menor grau. No humano mais evoluído, que busca sua evolução deliberadamente, esses três amores atingem o equilíbrio. Esses amores se complementam e são transferidos para os próprios objetos desses amores, levando o indivíduo a uma interação com outros seres. Todo aquele que tem consciência disso deve desenvolver essas três formas do amor e saber aproveitá-las com discernimento.

Ágape é o amor fraternal e espiritual entre amigos, irmãos e irmãs, entre a família, entre casais e seus filhos, isto é, quando de fato existe esse sentimento fraternal e não uma mera convenção social de fachada. Ágape é a relação íntima entre dois seres, entre homem e mulher, mas é também o amor afetivo entre qualquer pessoa, isento de conotações sexuais, de malícia, de segundas intenções, de conotações cristitas, de obsessão passional, de paixõite grosseira e de interesses pessoais. Sendo Ágape o amor de afeição, é também amor de satisfação, pois, em uma fraternidade, quer seja entre irmãos de sangue ou não, quer seja entre esposo e esposa, etc., esse amor satisfaz porque é compartilhado e tem resposta entre todos aqueles que se reúnem para formar uma fraternidade de homens e mulheres.

De outra forma, tais relacionamentos ou uniões não passam de meras aparências. E, entre homens e mulheres, não pode haver evolução mútua, amorosa e fraternal baseada apenas em aparências. Com o desequilíbrio em todos os níveis do ser (pensamento, sentimento e vontade), surgem as diferenças gritantes, as brigas, desenvolvem-se a antipatia e a aversão que podem chegar ao ódio, muitas vezes calado e passivo, e não há mais atração, diálogo, objetivos nobres na união, apenas estagnação, como se pode ver em muitos casamentos fracassados, porém “unidos” até que a morte os separe. Uniões formadas apenas por conveniência ou interesse são uma das principais causas de tanta infelicidade em muitos lares (que de lar, doce lar, não têm nada). O fim disso, por vezes, é o adultério e o crime passional irracional. Certamente, não há Ágape, nem Filos nem Eros em tais uniões lastimáveis, mas apenas insatisfação e desgosto. Somente é possível existir o amor em pessoas evoluídas, sensíveis, inteligentes, que sabem equilibrá-lo em todas as três formas e usufruir o prazer que gratifica, satisfaz e enriquece o ser.

A satisfação de Ágape é uma manifestação jupiteriana e venusiana sadia e benéfica que também se refere ao prazer por banquetes com

boa comida, ou simples refeições, geralmente alegres e partilhados por pessoas fraternas que se respeitam. Em antigos textos clássicos gregos, como a obra homérica *A Odisseia*, Ágape expressa essa satisfação, esse prazer de compartilhar refeições em uma fraternidade, em um grupo, seja de homens, mulheres, crianças, etc. Ao longo do referido poema épico, Ágape pode ser claramente percebido nas ações de seus personagens, especialmente entre Odisseus e seus companheiros, bem como entre Odisseus e sua esposa, Penélope, entre Odisseus e seu filho Telêmaco, entre Odisseus e seus empregados, o que é manifestado com notável respeito e admiração. Podemos ver também a satisfação entre esses atos fraternos associados às refeições em diversas circunstâncias descritas ao longo da epopeia homérica. Outro exemplo da manifestação de Ágape é a atitude de Prometeu (uma forma de Lú-cifer), que desce dos Céus com sua vontade e amor titânicos, trazendo o fogo para a humanidade na Terra.

Assim, em razão de seu profundo significado e importância, Ágape também existe, em menor ou maior grau, no interior de ordens maçônicas, ordens ocultas e sociedades verdadeiramente filosóficas e fraternais.

Entretanto, de modo geral, a civilização moderna tem corrompido o significado de Ágape. É mesmo tedioso e deprimente ver as pessoas reunirem-se por comodismos e convenções, com aquele ar de “obrigação” e hipocrisia. É triste ver essas pessoas à mesa (ou fora dela) bebendo sem parar e falando asneiras. Geralmente, nesses casos, aos poucos, vai se instalando uma histeria em um ambiente que torna propício o surgimento de discussões exaltadas. Muitos acabam ficando irritados, nervosos, hostis e, ainda assim, continuam a beber e a falar sandices. E tudo isso ocorre quase sempre em terríveis épocas de festas que são um pretexto para bebedeiras, comilanças exacerbadas, ruídos desnecessários, etc. (mas nada de Ágape). Tudo por nada, pois nada de fato muda após tais “confraternizações”, ou seja lá o que for. De nada adianta as passagens festivas, as mudanças marcadas por tais “confraternizações”, se as pessoas não mudam um mínimo que seja, permanecendo com as mesmas atitudes e comportamentos estúpidos, estagnantes e limitados. Ninguém se dá ao trabalho nem sequer de melhorar a si mesmo nos próximos dias ou anos. Afinal, que tipo de confraternização pode existir em meio ao caos, ao barulho, ao tumulto, à fofoca, à histeria, ao consumismo desenfreado, ao cansaço e ao fastio? Por que não se reunir para uns bons momentos de paz, silêncio e interiorização, livre dessas

manifestações de desequilíbrios psicomentais pessoais? Por que não se reunir para um boa conversa pacífica, interessante, edificante, sem exaltações estúpidas de ânimos ou agressões? As pessoas, em geral, são vazias e estão perdidas, mas querem que outros sejam igualmente perdidos, que compartilhem dessa perdição patética que degrada o verdadeiro Ágape. Confraternizações verdadeiras estão longe dessas tolices, desses excessos de bebedeiras, glotonarias e besteiro em clima de hostilidade, competição e fingimento, sem qualquer sentimento realmente fraternal e honesto.

Filos (ou *phileo*, *philia*), em certo sentido, é também o amor fraternal, manifestado por lealdade, igualdade e mútuo benefício, um amor de dedicação ao objeto amado. Contudo, Filos vai além dessas definições, e a “dedicação” desse amor pode chegar a ser mental, o que pode ser considerado um nível abaixo do espiritual e acima do emocional, visando também a uma utilidade prática para o crescimento individual. É o caso do amor pela sabedoria (o objeto amado), ou seja, a filosofia. Esta pode ser um meio de engrandecimento mental, intelectual e cultural, de busca pela verdade das coisas, bem como todo um modo de vida que se adota e que se ama profunda e conscientemente. Filos como amor, dedicação e apreciação pode manifestar-se como inquietudes interiores que impulsionam o ser humano à busca da sabedoria que irá torná-lo maior, mais nobre, mais digno de ser amado e mais capaz de amar conscientemente. Pode ainda se manifestar como prazer mental, intelectual e cultural, como prazer e sede por conhecimento e cultura útil, estimulante e construtiva. O benefício mútuo que existe em Filos é o benefício que se tem quando se vai adquirindo sabedoria ao longo da vida, pois, quando se ama a sabedoria (Sofia, a deusa provedora de virtudes), ela própria nos devolve mais sabedoria em troca de dedicação e adoração.

E amar a sabedoria também implica o amor literalmente sexual, ou o amor por Sofia, um outro nome para a deusa Vênus (Afrodite), que é representada pela mulher, pelo gênero feminino, na Terra (Shekinah, a sabedoria que “habita” no plano físico). O sexo com a mulher que “encarna” Sofia significa a união sagrada com o objetivo de auto-conhecimento e aquisição de sabedoria, em um contexto ritualístico, filosófico e secreto. Secreto como as secreções secretadas pelas glândulas secretas, ou escondidas, no interior do corpo de Sofia (a mulher) e de seu esposo; secreto como um rito sacro (o que inclui o “ritual do osso sacro”, um osso na região pélvica em que estão os órgãos sexuais) que visa à sabedoria contida no êxtase que expande

a consciência. Esse é o segredo e o significado primitivo da “filosofia”, ou seja, “amar Sofia”, ser amante de Sofia. Ser amante é fazer amor com a mulher escolhida para representar o aspecto feminino da Criação, do Universo e do Logos humano (ou Daemon), sendo ela a Shakti (poder) do homem (o aspecto masculino). Tal é o hierogamos, o casamento sagrado, que começa na união sexual, porém a transcende atingindo a gnosis (o conhecimento com compreensão, Sofia). Esse amor verdadeiramente filosófico é o meio de união entre filósofos legítimos encarnados como homens e mulheres evoluídos, e é representado pelo filho dessa união, conhecido como Eros ou Cupido. Casamento esse que constitui um autêntico sacrifício, quer dizer, o sacro ofício do amor que une duas forças para gerar uma terceira.

O terceiro amor, Eros, é, portanto, o resultado da união com Sofia e o meio para conhecê-la (gnosis) em êxtase erotofilosófico. Além disso, em geral, Eros expressa o amor sexual, sensual, carnal, de atração física com a consumação do prazer, e manifesta o instinto de união e de reprodução. Sendo filho de Afrodite, Eros (Cupido) manifesta o amor em seu nível psicofísico, no mundo material, com o estímulo dos cinco sentidos físicos e sua gratificação com prazer. Afrodite é Vênus, a deusa da beleza, do amor, do sexo e dos prazeres, um aspecto de Sofia, sendo Eros a manifestação do amor que evoca a beleza, o prazer pela beleza e a perigosa obsessão pelo objeto amado e pelo prazer que ele traz. Mas é também o amor essencial da natureza, a força primitiva da procriação de tudo o que vive, o amor theriônico, bestial (e de abestalhados que procriam sem parar), de instinto sexual e de preservação da espécie.

Eros deve unir-se com Ágape para gerar a beleza do amor romântico e sensual, a princípio, que evolui para o amor de reciprocidade e de desejo mútuo um pelo outro, fluindo em trocas de energias polarizadas entre o homem e a mulher. Tal troca de energias ocorre por meio do sexo, em determinado nível, e por meio das afinidades mentais e filosóficas quando desenvolvido em amor completo (Ágape-Filos-Eros).

Entretanto, Eros representa o amor mais perigoso dos três, pois traz prazer e dor, se não for devidamente administrado, assimilado e combinado com Ágape e também com Filos. Eros sozinho sufoca e deteriora Ágape e Filos, conduzindo o indivíduo à obsessão e ao inferno vicioso pessoal e coletivo. Eros é o amor mais perseguido pelos pseudocastos cristãos que também amaldiçoaram Dionísio e seus festins de amor, apesar dos atuais carnavais vulgares (de origem pagã)

endossados pela cristandade e repletos de irresponsabilidade, de perversão, de promiscuidade e de enfermidades. Contudo, quando combinado com *Ágape* e *Filos*, o prazer erótico é essencial para a saúde do corpo e para a saúde do amor romântico (sem vulgarização), entre o homem e a mulher.

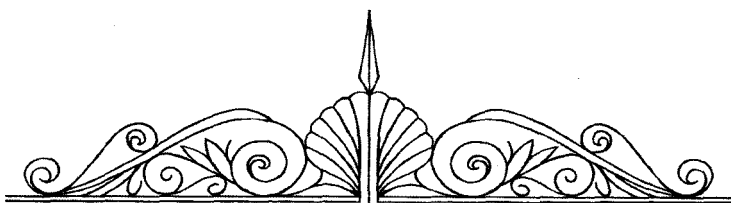
Para amar de maneira saudável no inferno onde a humanidade se acotovela, *Eros*, *Filos* e *Ágape* devem funcionar em conjunto e em harmonia na constituição humana. Essa união amorosa e equilibrada prepara o ser humano para fazer uma outra união que é com um ser humano do sexo oposto, formando um vínculo ideal no qual o casal interage em um fluxo e refluxo de prazer físico, emocional e espiritual. É inquestionável que o ato amoroso seja uma verdadeira consumação dos sentimentos no limite de suas manifestações físicas, uma “fusão” de corpos no fogo amoroso e na luz de *Lúcifer* e *Sofia*.

Mas esses prazeres devem ser buscados com o discernimento de epicuristas sensíveis e em franca evolução, pois é um direito da raça humana, um bem de todos aqueles que o merecem. Deve-se buscar os prazeres sadios que enriquecem, que confortam e que não degradam o espírito (*Ágape*), a mente (*Filos*) e o corpo (*Eros*), de maneira que o esforço para obtê-los não seja maior que seu desfrute. A obsessão e o vício doentios não são um prazer, mas somente dor que leva à própria destruição do ser como um todo, o que não contribui em nada para a evolução. Amar não é sucumbir à debilidade, à submissão aos vícios, e não é escravidão, nem decadência, nem degradação. Amar também nada tem a ver com a tal “liberdade” sexual dos moderninhos e *cools* que apenas querem opor-se, de maneira equivocada, ao falso puritanismo cristita, rotulando de liberalismo suas práticas promíscuas, insalubres e patológicas pelas quais somente podem viver paixonites grosseiras. Tal promiscuidade e banalidade “liberal” decididamente não podem ser chamadas de amor, seja lá em que forma. Trata-se apenas de escravidão passional e sexual, fraqueza e embotamento da consciência, com uniões efêmeras, desequilibradas e doentias.

Assim, para nascer uma união ideal ou (quase) perfeita, é preciso de: *Eros*, atração física e desejo de maneira recíproca; *Filos*, afinidade mental e cultural, mais ou menos o mesmo nível intelectual; *Ágape*, simpatia e afeto recíprocos, afinidade de ideais filosóficos e de modo de vida. Dessa maneira, se forma o triângulo amoroso dos verdadeiros filósofos, a unidade ternária do amor criativo e criador, a inspiração e o estímulo para a senda da evolução. Amar nessas três

formas não é sofrer, mas sim atingir a paz ataráxica de Sofia, quer dizer, a paz interior impertubável do espírito autoconsciente, do espírito sábio, desfrutando o prazer sadio e natural da alma, da mente e do corpo.

Mas cuidado com a perigosa e infame arte ovidiana! Ou talvez você prefira aquele famoso manual indiano, o libidinoso *Kama Sutra*, ao cair da noite...



XI

Noite e Dia

Luz e trevas, dia e noite, são, em sentido filosófico e metafísico, manifestação e não manifestação e expressam as naturezas humanas que podem ser definidas como consciência e subconsciência, razão e emoção, inteligência e imaginação, etc. O simbolismo filosófico oculto abarca a luz e as trevas e é de fundamental importância, além de ser matéria básica em qualquer instrução ou filosofia séria que abranja o trabalho interativo dos opostos em toda a sua significação relevante.

Não existe o mal na escuridão nem o bem absoluto na luz, apenas a ignorância cega de indivíduos cegos por alguma luz total. A verdadeira escuridão maligna e perigosa é aquela da fé que não pode ver, da fé cega nas religiões da falsa luz que buscam enganar, conspirar e escravizar as massas. A verdadeira luz benévola é aquela que brilha na consciência desenvolvida por esforço próprio na verdadeira autoiniciação interior. E, para aqueles que ainda não compreendem, a luz jamais pode existir sem o contraste essencial e necessário das trevas, porque ambos são dois aspectos de tudo no Universo manifestado. Para que a luz possa iluminar qualquer coisa, a escuridão é necessária, pois somente assim a luz realmente pode existir e ser percebida; somente assim podemos enxergar, por causa dessa interação entre a luz e as trevas.

A luz interage e alterna-se com a escuridão, do mesmo modo que o dia e a noite intercalam-se na manifestação do tempo. Luz também significa atividade, intelecto, mente clara; e trevas significa inatividade, repouso, descanso, acolhimento, introspecção, reflexão

intuitiva. Ao contrário do que muitos possam acreditar, as trevas não são o mal nem a luz não é o bem. Essa dicotomia absoluta não existe, pois a luz e as trevas significam gradações de uma mesma coisa, graus de manifestação da vida que também se alterna com a morte, ou transição. A escuridão simboliza aquilo que é secreto, que é oculto, “proibido”, misterioso, escondido como um tesouro. Portanto, explorar as trevas é muito mais importante que os ensinamentos superficiais e enganosos da (falsa) luz.

Astronomicamente, no Universo, as trevas são a própria imensidão escura e misteriosa do espaço sideral (e quem poderá dizer que isso é algo maligno ou diabólico?); no nosso mundo, as trevas são a noite que nos traz sua beleza, acolhimento, descanso do corpo físico e a atividade do subconsciente nos sonhos, após a vigília do dia; na natureza, as trevas são as profundezas da terra na qual germina toda a vida que vem à luz; e no ser humano, as trevas são seu próprio subconsciente repleto de forças desconhecidas e primais que podem trazer experiências e sabedoria. Tal escuridão, essa no ser humano, é chamada de arquétipo da sombra na psicologia junguiana, sendo considerado o mais poderoso e primordial de todos os arquétipos. Portanto, tudo nasce das trevas. Mais alguns exemplos e analogias podem ser interessantes: o Cosmos nasce da escuridão do caos; as estrelas nascem no negro espaço cósmico e incrustam a escuridão infinita e aparentemente “serena”; os seres vivos nascem da escuridão do útero de suas mães e retornam para as trevas de seus túmulos e da terra; as plantas brotam do interior escuro da terra e os minerais e pedras preciosas ali também se formam; a autoconsciência superior nasce na subconsciência primitiva que abriga toda a nossa herança cósmica que carregamos ao longo das existências sem perceber. Por esses poucos exemplos, podemos considerar filosoficamente as trevas a Mãe do Universo, ou, em outras palavras, Nox, Nyx, Nuit-Nout, Noite, Nought, Nada, porque do Nada viemos e para o Nada voltaremos, o Nada, que é Tudo em latência. A Mãe do Universo é, assim, a força primordial da criação, o polo feminino que contém em si o polo masculino como semente sempre a se desenvolver no Grande Útero, manifestando a vida em todas as suas formas.

Esse é o ensinamento da Filosofia Noturna, que de maligno e diabólico não tem nada e que se faz valer também da ciência (e da “pseudociência”), da religião (não institucionalizada) e da arte para empreender seus trabalhos, sem as restrições dogmáticas absurdas e perniciosas impostas pela falsa “luz”. É a filosofia da verdadeira

gnose, ou seja, o conhecimento internalizado, experimentado na consciência (luz) e buscado na subconsciência (trevas). Assim, a luz e a escuridão, unidas, tipificam a deusa gnóstica Sofia (Shakti, Shekinah), a própria Sabedoria na Terra, que é somente acessível por meio dessa gnose, dessa imersão que o filósofo iniciado faz em si mesmo, buscando aquilo que está oculto pela ignorância até então e que, aos poucos, vai sendo descoberto.

Se às vezes se fala por metáforas, ou talvez algo aparentemente óbvio para alguns, é para ilustrar e fazer analogias, pois estas visam a esclarecer, a tornar compreensíveis os raciocínios relativamente abstratos ou aparentemente não evidentes para muitos.

De maneira sintética, o leitor verá o que é a supostamente temida e controversa Filosofia das Sombras, ou Via Noturna, e suas diferenças fundamentais entre as chamadas religiões da “luz”, tão na moda atualmente, talvez até mais que no passado, em virtude de sua divulgação e propagação pelas grandes mídias de massa e pela globalização. Entenda-se por espiritualidade da “luz”, ou religiões da “luz”, o monoteísmo fundamentalista e suas várias ramificações modernas espalhadas pelo mundo e que atacam direta ou indiretamente tudo o que não faz parte de seus rebanhos. E, para aqueles ainda muito aferrados aos conceitos dicotômicos e equivocados herdados dos sistemas sociorreligiosos dogmáticos, pode-se dizer que, na Filosofia Noturna, o indivíduo busca sua sabedoria oculta interior e o conhecimento da Individualidade, representada muitas vezes pelos inúmeros arquétipos do dragão e de diversos deuses de muitos panteões. Daemon, Logos, Eu Superior (com sua Sombra), etc., são outras referências a esse Deus/a interior individual, à Verdadeira Vontade.

Acompanhando o encadeamento de ideias a seguir, tudo fica mais evidente e manifesto, claro como a luz revelada após a cegueira e como as estrelas que se destacam na noite. A relação entre as ideias seguintes ajudará o leitor inteligente a assimilar melhor o que é exposto aqui. É possível mostrar a evidente diferença entre a Filosofia Noturna (que abarca a luz) e a espiritualidade da “luz” (que abarca apenas a falsa luz, a luz total). Somente observando a civilização, a sociedade e a vida como um todo podemos nos conscientizar e constatar essas diferenças gritantes em nosso mundo e a realidade lamentável das religiões da “luz” que rotulam as outras religiões, crenças e filosofias como “cultos do Demônio”. Mas, afinal, as massas não sabem que os sistemas sociorreligiosos escravagistas exploradores e

opressores disfarçam-se de santidade; o verdadeiro mal pode querer aparentar o bem, o bom e o belo.

É essencial que se compreenda a inter-relação das ideias e seu contexto, e não como uma mera comparação de opostos.

Filosofia Noturna	Religiões da "luz"
metafísica holística	materialismo egoístico
politeísmo (pluralidade de forças)	monoteísmo (exclusividade à força)
politização	politicagem
idealismo prático	conformismo apático
senso crítico	senso comum
conscientização e experimentação	zumbificação e alienação
o ser psicobiológico senciante	o ser psicomecanoide indiferente
o humano integrado à natureza	o humano desintegrando a natureza
preservação/transformação	extinção/estagnação
equilíbrio/polaridade	desequilíbrio/unilateralidade
valorização da mulher	inferiorização da mulher
sexo responsável	procriação irresponsável
prazeres sadios	dores desnecessárias
indulgência	culpa
fruição/gratificação	obsessão/punição
vontade livre	desejo restrito
reconhecimento dos próprios erros	negação dos próprios erros
o Diabo não existe	o Diabo subsiste
o amor ao Deus/a interior	o temor a um Deus exterior
a busca pela verdade	a imposição pela mentira
conhecimento	ignorância
desilusão	ilusão

O crescimento psicamental e a evolução pessoal obviamente também fazem parte da busca individual na Filosofia Noturna, enquanto se trabalha com as forças polarizadas do ser humano e do

Universo (negativo e positivo, feminino e masculino, trevas e luz) por meio da aplicação prática. Nessa Via Noturna Draconiana, presta-se cultos (ocultos) ao feminino e seu complemento masculino, bem como se visa a acessar as profundezas da subconsciência humana (trevas) e atingir as alturas da consciência individual (luz). Cultos no sentido de cultivar aquilo que é belo, harmonioso, prazeroso, estimulante, dentro de uma certa relatividade, útil para o desenvolvimento psicamental e para a saúde física. A Via Noturna não é, portanto, de forma alguma, o culto ao Diabo nem ao mal, e seria muito equivocado atribuir-lhe tal conotação pejorativa e muito difundida. De fato, e curiosamente, a Filosofia das Sombras abarca também a luz, que é a iluminação e o êxtase. Trata-se do renascimento do verdadeiro filósofo interior com sua verdadeira luz da consciência manifestada e perceptível justamente porque ilumina as trevas da subconsciência (onde estão os tesouros). É o indivíduo como o Portador da Luz, Lúcifer, lúcido, luminoso, iluminando o véu negro (a escuridão) que oculta o conhecimento e a sabedoria (o véu de Ísis, de Sofia).

O filósofo da Via Noturna, o pensador de ideais práticos, faz submersão em seu próprio deus/a interior, em sua essência individual, enquanto o “povo da luz” faz submissão a um impróprio Deus exterior pessoal e a um “intermediário” humano presunçoso e cheio de defeitos incorrigíveis. O adepto da Filosofia Noturna busca estudar, aprender, crescer deliberadamente, ajudar os que realmente querem ser ajudados, ser livre para perseguir seus objetivos e praticar sua filosofia de vida sem ser incomodado pelos fanáticos da “luz” que cega tal qual a luz hostil refletida pela neve dos Andes ou dos círculos polares.

Nenhuma religião pode monopolizar a espécie humana, a não ser que cada indivíduo, irresponsável por si mesmo, permita ser assim escravizado e aterrorizado por dogmas enganosos. Afinal, as pessoas têm o livre-arbítrio e devem arcar com suas próprias escolhas e decisões, seja com consciência e conhecimento ou não. A escolha é de cada um, seja inteligente ou ignorante, de entregar-se à escravidão, pois as religiões, em sua maioria, são os meios para a dominação das massas. Tais religiões, que ainda persistem, bem como suas guerras e atrocidades, são provas de que as massas da espécie humana ainda não avançaram na evolução e deixam muito a desejar...

Apesar de tudo, infelizmente, a grande maioria das pessoas não compreende a escuridão (nem a luz) e a considera como algo maligno, diabólico, aterrorizante ou depressivo, e não se dá conta de que

as chamadas religiões de “Deus” e da “luz” parecem ser a verdadeira raiz de quase todos os males que assolam as pessoas, como já demonstrado ao longo desta obra. E somente os fanáticos religiosos, os fundamentalistas, os conspiradores e os hipócritas materialistas não compreenderão o que se pretende demonstrar aqui nem poderão vislumbrar os fatos óbvios por pura cegueira, “vista grossa” ou, até mesmo, por uma vaidade intelectual cética e estéril.

A origem dos problemas que afligem o mundo está na crença unilateral e ilógica das sofismáticas religiões da “luz” que são monoteístas fundamentalistas e, conseqüentemente, materialistas, teocráticas e autoritárias. Seguem as “instruções” de um Deus egoísta, arrogante, caprichoso, machista e igualmente materialista, como se pode ler em seus textos “sagrados” (espalhados pelo mundo e possivelmente com inúmeras deturpações) que tiveram uma horrível, maligna, cruel e hipócrita continuação, o *Malleus Maleficarum*, obra hoje esquecida graças à luz da razão, mas cujos efeitos na sombria inconsciência humana ainda podem ser sentidos.

Nisso tudo está a origem da dominação religiosa que estendeu seu materialismo violento e voraz em todas as áreas da vida humana e em muitas partes do mundo, desde seu surgimento. Essa influência nefasta não é percebida pela grande maioria, pelas massas, mas faz parte da civilização moderna e doentia e está nas ruas, nas famílias ricas e pobres, nas escolas, nos negócios, nas mídias, nas comunidades religiosas, etc. Um exemplo disso é a grande maioria de monoteístas na população da América do Norte, muitos deles possivelmente fanáticos, que podem constituir um dos povos mais materialistas, egoístas e dominadores do mundo. Mas aqui não se fala do materialismo como um mero capitalismo, pois seu contexto é mais abrangente. Tampouco se fala de socialismo, ou comunismo, ou qualquer outra corrente política, pois não se intenta pregar formas de governo aqui, como alguns poderiam pensar equivocadamente.

Assim, como resultado do monoteísmo materialista, das religiões da “luz”, temos uma civilização vazia, enferma, cheia de recalques, repressões, dissociações psicológicas, condicionada, consumista e insatisfeita, que não consegue ter paz, que sofre e faz sofrer, em um ciclo aparentemente sem fim nem sentido. Os sofredores e os sofridos, em suas mazelas, não buscam o sentido da própria existência, mas, de maneira acomodada, acreditam em um Deus que muitos supõem ser perfeito.

Entretanto, é fato inegável que, na vida humana como a conhecemos, não existe a tal perfeição. Se o Deus da luz é perfeito, tudo o que procede dele (como dizem) deveria ser perfeito. Mas não há perfeição. Logo, o Deus monoteísta não é perfeito, já que sua criação não é perfeita. Ou seria possível existir um Deus perfeito que também quisesse criar a imperfeição? Se Deus criou a perfeição que se tornou imperfeita, logo esse Deus não é perfeito porque se tornou imperfeito no ato da criação. Então, Deus pode ser o responsável pelas desgraças do mundo. Ou o Diabo cristão? Ou a própria humanidade? Mas a humanidade não é uma criação de Deus? O Diabo também? Esse Diabo poderia existir por si só? Ele não foi criado por algo ou alguém com poder para tal? Não foi o Deus cristão o criador do Diabo cristão que busca levar o povo cristão à tentação e à destruição? Então, que Deus é esse? Que Diabo é esse? Que Deus “perfeito” é esse que cria a imperfeição e assim faz sofrer a humanidade? Pois, se ele é tão perfeito, onisciente, onipotente e onipresente, então ele sabe que uma raça humana imperfeita não deveria ser criada, porque sucederia intermináveis atos de imperfeição e sofrimento que até hoje não foram sanados por esse Deus supostamente perfeito, mas muito defeituoso. Os seres humanos sofrem porque foi criada a imperfeição e pagam as “próprias” imperfeições inseridas na espécie pelo próprio Deus imperfeito. Se esse Deus é origem de tudo (como dizem), ele é também a origem de toda imperfeição, de todo erro e mal que prejudica sua própria criação. Agora, a humanidade sofre e se acotovela em um círculo vicioso de imperfeição e erro criado por um Deus absurdo e contraditório que simplesmente não existe como é frequentemente pintado, exceto nas mentes débeis e limitadas de religiosos imperfeitos.

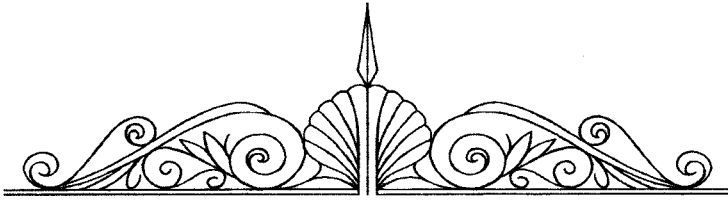
O que são, então, essas religiões da “luz”? Na verdade, uma ausência de espiritualidade e de luz que leva a raça humana à própria zumbificação mecanoide, à fascinação e à submissão ao falso Deus da “luz” (e ao materialismo obsessivo). Mas, muitas vezes, ao mesmo tempo, temendo o Diabo, um artifício que serve para dar mais poder a um Deus igualmente artificioso. Esse Deus (e o Diabo) é a propaganda principal e infalível das inúmeras religiões da “luz” atualmente, que lesam os ignorantes que querem continuar na ignorância. Seus dirigentes, sendo um reflexo quase idêntico de seu Deus ignóbil e nada divino, seguem seu exemplo arrebanhando fiéis e ansiando gananciosamente por riquezas materiais e pelo controle mundial do povo que os sustenta.

Mas cada um é “livre” para acreditar no que lhe for conveniente. Contudo, pode-se respeitar o indivíduo, mas discordar de seus dogmas (pseudo) religiosos. Entretanto, religião não é a mesma coisa que espiritualidade (autoconsciência e sabedoria) e vice-versa. Espiritualidade nasce com o indivíduo; ou ele tem ou não tem, independentemente de religião. Religião é uma coisa inventada, deficiente e imperfeita, criada exteriormente, e que pode ser adotada livremente ou imposta por diversos meios artificiais contra a vontade, independentemente da verdadeira espiritualidade, sensibilidade e grau evolutivo de cada um, quando isso de fato existe no indivíduo.

Qual é, então, o objetivo e o significado verdadeiro da religião? Esse “povo da luz” realmente é do bem? Realmente quer ver o bem-estar da humanidade, sua liberdade, sua saúde, sua evolução consciente?

Muitos indivíduos podem não entender o que se expõe aqui, talvez por estarem ainda condicionados, de alguma maneira, aos ditames dogmáticos monoteístas. Outros, por má vontade, desdém ou preguiça mental, podem preferir não compreender, pois, para enxergar além do comum e corrente, além da cultura de massa, é necessário ter visão e mente aberta, sensibilidade e capacidade de assimilar outros conhecimentos, conceitos, ideias. Há também, lamentavelmente, cientistas ocultos e filósofos limitados que viveram (ou ainda vivem) sob uma forte influência judaico-cristã, até mesmo “imperceptíveis” em suas vidas individuais, o que os tornou tendenciosos e dicotômicos no que diz respeito ao que é “da luz” e ao que é “das trevas”. De fato, pode-se observar que muitos deles, sempre com alarde, maldizem tudo o que parece ser “trevoso” sem muitas vezes buscar saber a verdade ou a origem remota de tais coisas, ou estudar seriamente sobre tais assuntos, sem preconceitos. Há um certo recalque dogmático nesses temerosos e temerários que não são capazes de imergir em suas próprias trevas interiores, de assimilar os elementos de seu subconsciente primitivo e sair de lá com a verdadeira luz da sabedoria e da iniciação sem se perder.

Contudo, muitos outros poderão sentir-se estimulados a buscar conhecimentos alternativos, vislumbrar algo que não tinham percebido (ou talvez o tenham) e sentir afinidade com as ideias e ideais filosóficos apresentados nesta obra, clareando suas noites misteriosas que ocultam segredos...



XII

O Portador do Archote

A escuridão significa o oculto, o secreto, o mistério, o “proibido”, e sua iniciação é a mais importante; o Mistério das Trevas é mais secreto e sagrado que os ensinamentos superficiais da luz. A escuridão oculta o conhecimento que é revelado pela luz àquele que se faz merecedor pela coragem, pela inteligência e pela dignidade inata. Na escuridão, o indivíduo se recolhe para descobrir o que está oculto, para desvendar conhecimentos “proibidos” para os temerosos e temerários. Nesse contexto, o grau de introspecção psicamental de alguém pode ser, por vezes, proporcional ao grau de autoconhecimento e autoconsciência. Essa introspecção é extremamente saturnina, já que Saturno (o guardião do Oculto) representa o silêncio introspectivo e indica uma força altamente concentrada e centralizada no indivíduo. Não obtendo o conhecimento de si, do Eu, por meio da introspecção (às vezes inata, às vezes deliberada), o indivíduo não é capaz de confrontar os elementos mais profundos de sua subconsciência (trevas) e trazê-los para a consciência (luz), assimilando-os e adquirindo conhecimentos. Esse trabalho interativo entre a escuridão e a luz também faz parte da Filosofia Noturna, ou seja, o amor pela sabedoria resgatada da escuridão subconsciente e iluminada pela luz da consciência individual. Não há nada de diabólico nem de maligno em tal filosofia, como querem fazer pensar os fundamentalistas e os fanáticos da cristandade pouco esclarecidos.

Contudo, seguir essa filosofia é algo que já está no indivíduo, porém, precisa ser despertado, desenvolvido e profundamente

compreendido, em alguns casos. Aqueles que não nascem sob o raio draconiano jamais irão compreender o que ele é, jamais sentirão qualquer afinidade ou interesse, pois é algo que se carrega na constituição psicomental e na Individualidade, no Eu de cada um. Nessa via, apenas se desenvolve algo que já existe no próprio indivíduo de maneira muito evidente. Uma pessoa assim geralmente sabe o que é melhor e o que é certo para si, pois já vivenciou muitas experiências internas e externas, crises (inclusive com outras pessoas), atritos e conflitos, críticas, e desenvolveu certa imunidade aos costumes inúteis e limitantes, às massas, às pessoas comuns e às correntes que se debatem e se acotovelam inconscientemente em seu cotidiano insípido. Assim, uma relativa solidão psicomental é uma das tônicas, pois a Via Noturna não é para as massas, para as mentes de rebanho, para condicionamentos sociais, para temerários preconceituosos sem conhecimento. Consequentemente, o indivíduo pode sentir-se um pouco deslocado na sociedade fútil e vulgar, que é predominante.

Um Ser desse raio sente-se completamente à vontade em seu caminho filosófico e em tudo o que ele abrange, compreendendo as trevas e assimilando a verdadeira luz (da consciência, da inteligência, da razão, da Individualidade, etc.). A Filosofia Noturna, ou Draconiana, pode ser a ideal somente para aqueles que têm consciência do que ela significa e do que ela representa, somente para aqueles que se sentem completamente à vontade consigo mesmos, sem medo, sem receios, livres de tabus religiosos e sociais, mas com discernimento de visão e de ideias. Por isso, o filósofo draconiano não pode ter receios de ser criticado ou repreendido por membros da sociedade, da família, das religiões, por membros de qualquer grupo ao qual esteja associado ou por quem quer que seja. A maioria dos filósofos draconianos sérios acaba por romper com determinadas sociedades justamente por não encontrar nelas algo satisfatório e um devido acolhimento por parte de seus membros. Mas sempre há pessoas que sentem afinidade com a Filosofia Noturna, com a Via Draconiana, porém um grande número de indivíduos, é verdade, ainda é muito “cru” para isso, e muitos outros nascem (e continuarão a nascer) em seu comodismo sociorreligioso hipócrita, em seus tabus e preconceitos, sem qualquer fundamentação consciente.

Se cada um seguir seu caminho e sentir-se à vontade, então ninguém poderá dizer não, nem impedi-lo. Se um determinado grupo

ou sistema não serve aos propósitos de alguém, se não o faz sentir-se bem, se não o satisfaz, então deve retirar-se dele. As forças do subconsciente guiam cada indivíduo para o que ele realmente quer. Quando alguém se coloca em busca, quando mantém uma continuidade de propósitos, estudando e praticando, compreendendo seu próprio caminho, então o que está oculto nas trevas começa a ser revelado pelo Portador do Archote.

A verdadeira iniciação filosfal draconiana se dá nos planos sutis, nas esferas da subconsciência e da supraconsciência, nas trevas e nas luzes psicomentais, e não em falsos templos de vaidade e pompa com falsos mestres vazios, sem conhecimentos internalizados, sem a sabedoria vivenciada e experimentada. Um indivíduo do raio draconiano saberá que obteve a iniciação legítima quando sentir que passou por experiências verdadeiras em outros níveis de consciência e de existência, que passou por transformações em sua psique, em seu Ser, em sua compreensão das coisas e de si mesmo. Em tal iniciação, a sabedoria desce no indivíduo para criar um ser superior, ou seja, Sofia desce ao nosso mundo para unir-se ao Logos individual, desce para ser assimilada pelo Logos (Lúcifer) de cada filósofo iniciado. Sofia, a *Sapientia*, alimenta seus amantes com seu leite e mel; em outras palavras, a filosofia nutre os filósofos com sabedoria e autoconsciência. É união do conhecimento (Lúcifer) com a compreensão que gera a sabedoria, ou seja, Lúcifer-Sofia (Lúcifer-Vênus, Lúcifer-Diana, Lúcifer-Lilith, etc.). O raio draconiano e a luz de Sofia somente podem iluminar o buscador sério, com verdadeiras inquietudes internas, que conhece a si mesmo, que conhece suas angústias e suas mais profundas ânsias por evolução e por conhecimento. Aquele que conhece a si mesmo sabe que está sempre se aperfeiçoando e progredindo. Esse é o caminho iniciático iluminado pela luz verde-esmeralda que brilha na coroa de todos os filósofos draconianos autoconscientes.

Fósforos, Hésperos, Luzbel, Lumiel, Luciftias, Lasifarus, Heyl-el, Drakon, Kukulcan, Quetzalcoatl, Melek Taus, Dianus ou simplesmente Lúcifer, o “Portador da Luz”, a luz do conhecimento, a estrela da inteligência e da sabedoria, a estrela da manhã, da aurora da Individualidade de cada um, o despertar da consciência superior. Longe de ser um Diabo criado pelas religiões que cultivam a ignorância, Lúcifer é o verdadeiro Eu Superior gnóstico, cósmico e individual; é aquele que inicia cada indivíduo preparado para tal, que “unge” e “batiza” com a sabedoria (Baphomet). Lúcifer é o eremita com sua lanterna na escuridão do deserto, a luz do primitivo abismo insondável. É o deus oculto na subconsciência (trevas) humana, o Eu

Superior que pode surgir dessas trevas, que pode deixar de ser oculto e se manifestar na autoconsciência individual. Lúcifer é, portanto, o verdadeiro Deus interior, o Logos, a Individualidade consciente e iluminada, a força psicamental superior de cada indivíduo que assim se torna. Porque o objetivo da existência é cumprir os ciclos da própria evolução, expandindo a consciência e conquistando Sofia (a Deusa); é tornar-se um Deus autoconsciente, e não simplesmente unir-se (ou temer) a um Deus exterior masculino antropomórfico, nem adorar um Diabo dogmático inventado. Não existe o mal nem o bem absolutos, nem essa dicotomia inútil e perniciosa entre luz e trevas, mas apenas consciência e inconsciência, inteligência e ignorância. Não existe o Diabo senão o próprio homem que ignora a si mesmo, que permanece estagnado, embotado e cometendo os mais estúpidos desatinos e crueldades gratuitas consigo mesmo, com os outros e com o planeta em que vive. Como o Diabo não existe, Lúcifer e Satã jamais poderiam ser considerados como tal, como coisas diabólicas ou malignas, pois o mal, como é visto e simploriamente considerado, está na mente do ser humano que destrói a si mesmo e o mundo em que vive, que sofre e causa sofrimento.

Satã é apenas mais um arquétipo mitológico como diversos outros, apenas mais um nome como diversos outros, tais como Shaitan, Set, Saturno e Shiva, o destruidor das ilusões do mundo comum e corrente. Ele é o “adversário” das ilusões, do comodismo, da hipocrisia, das massas condicionadas e inconscientes no mundo prosaico, presas aos dogmatismos ilusórios e na estagnação. Satã tipifica a força impetuosa que impulsiona o indivíduo a crescer, transpondo as barreiras que impedem a evolução. Satã é a força agressiva para se defender e enfrentar as dificuldades da complicada existência material. Satã é a força de todos os instintos (de sobrevivência, de fome, de reprodução, de busca pelo prazer, etc.) para que o ser humano possa vivenciar todos os tipos e graus de experiências que são assimiladas pela Individualidade, pelo Eu de cada um. Por tudo isso, mesmo sem qualquer existência objetiva na forma do Diabo dogmático, ele é detestado pelas massas ignorantes e pelos fundamentalistas que buscam o domínio sobre essas próprias massas.

Assim como o Diabo, o inferno também não existe da maneira que pensam as mentes torpemente férteis (ou existe, para quem quer acreditar em outra ilusão). “Inferno” significa “o que está embaixo”, “inferior”, e nada mais. E o que é inferior depende muito do ponto de vista e do referencial de cada um, com suas (in)devidas justificativas

e idiossincrasias. O inferno pode ser este mundo quando se vivencia aqui experiências consideradas inferiores, tais como dor, sofrimento, enfermidades de todo tipo, desgostos, desprazeres, tédio, tristeza profunda, estresse extremo e constante, etc. Mas o paraíso também pode ser este mundo quando se vivencia experiências consideradas superiores, prazerosas, gratificantes, etc., não importando os dogmas, os fundamentalismos e as limitações alheias. Nesse sentido, o céu de alguém (ou de uma religião ou dogma) pode ser o inferno para outra pessoa, e os deuses magníficos e benévolos de um povo são diabos para o inimigo desse povo sempre constituído pelas massas “acéfalas” guiadas por alguma “inteligência” dominadora, conduzidas a muitos equívocos e a muitas inversões de valores.

Mas, como uma exceção entre as massas, o indivíduo inteligente, livre de tabus e preconceitos, o ser pensante e o filósofo autêntico buscam sempre o conhecimento e a expansão psicamental, explorando as trevas com sua própria luz individual. Assim, o filósofo oculto com sua luz imerge no oceano de trevas sob a noite, ou seja, mergulha na sua própria subconsciência primitiva (que todos possuem, mas ignoram ou negam). Porque é nas trevas que a luz (conhecimento, gnosis) se encontra; a sabedoria das Eras, a origem da vida, do homem e dos deuses arquetípicos jazem na escuridão esquecida de cada um. A luz, ou seja, a sabedoria, somente é possível por meio dessa gnose, dessa imersão em si mesmo, naquilo que está oculto pela ignorância.

Essa gnose luciferiana, ou draconiana, pode ser considerada uma filosofia que possui vários aspectos: a busca pela “Sabedoria do Portador da Luz”, a verdadeira luz logoica individual, a sabedoria interior trazida para a consciência; o estudo da Palavra do Portador da Luz”, referindo-se ao autoestudo e ao autoconhecimento; a “Lei do Portador da Luz” (o Eu Superior), o que nos remete à palavra “autonomia”, cujo significado é “lei própria” ou “regra de si mesmo”, sempre na medida do possível e respeitando o livre-arbítrio como “lei” universal, como já abordado em capítulos anteriores.

A sabedoria gnóstica é o tesouro brilhante da coroa de Lúcifer, bem como é Sofia, irmã e esposa de Lúcifer. A sabedoria possui muitas faces e maneiras de se manifestar, podendo mesmo as inúmeras deusas ser consideradas aspectos e desdobramentos dessa sabedoria: Sofia, Vênus, Afrodite, Astarté, Astaroth, Asherah, Ishtar, Inanna, Ninmah, Nintu, Anat, Baalat, Ártemis, Aradia, Diana, Perséfone, Hécate, as Hespérides, as Musas, as Graças, Iduna, Freya, Frigga, Hathor, Lilith,

Kali, Parvati, Nerto, Hel, Ereshkigal, Erzulie, Shakti, Shekinah, etc. Todas são esposas e irmãs de Lúcifer (e seus muitos aspectos), com muitos nomes, manifestados no Universo, no mundo, na natureza e no ser humano em evolução consciente. Lúcifer é uma força inteligente que se manifesta como atividade criativa, como beleza, como amor, etc. É uma força inerente aos verdadeiros filósofos, emanada e infundida no universo material, pairando e penetrando toda a vida, possibilitando o desenvolvimento e o crescimento.

Lúcifer é, assim, o iniciador do espírito humano nos mistérios do Universo, da natureza e do homem. É o gerador de *insights* que pode nos levar para além da mediocridade cotidiana, para além da existência comum e corrente. Ele nos entrega a tocha da sabedoria (assim como o titã Prometeu), iluminando nossa mente, potencializando o intelecto, estimulando a vontade pelo conhecimento e o prazer por experiências. Lúcifer é o arquétipo/força do progresso individual, da evolução psicomental, do amor filosófico, do amor filantrópico, do amor conjugal e do amor sexual, livres de tabus e de degradação. Lúcifer representa tudo o que o ser humano possa conquistar de bom para si, com inteligência, com sabedoria e experiência, sem desgraçar pessoas e coisas inocentes. Lúcifer é vida e morte (como transições e fases da existência holística), é amor e prazer, é alegria e melancolia (como um sentimento nostálgico das próprias origens primitivas). Lúcifer é iluminação humana e sobre-humana e é a lanterna apagada na escuridão reconfortante quando precisamos de pausa e descanso...

O caráter luminoso de Lúcifer pode ser indicado em seu próprio nome e em outros similares: Lúcifer, lucífero (Portador da Luz, Fósforo); luciferário (portadores de luzes em procissões); luciferina (substância luminescente dos vaga-lumes e de outros animais); luciferase (enzima que ativa a luciferina transformando-a em luz); lucímetro (medidor de intensidade luminosa, fotômetro); lúcido; lucidez; etc. Phosphoros, em grego, é também o elemento químico fósforo, descoberto por um alquimista alemão no século XVII e que nutre bioquimicamente o cérebro humano, o órgão físico da mente, e contribui para o desenvolvimento da inteligência e da memória. Portanto, Lúcifer pode ser encontrado até mesmo na química da natureza e na fisiologia humana.

Assim, Lúcifer é a luz da inteligência, da criatividade e da mente desenvolvida. É a luz que somente pode ser vista sobre o fundo negro das trevas, em contraste, pois a luz não pode contrastar com ela mesma. E a escuridão é apenas o abrigo protetor e repousante e

o fundamento e esteio da luz; as trevas são a caverna escura onde jaz o tesouro, a joia brilhante que é a luz da sabedoria e da autoconsciência.

Aqueles que negam e rechaçam as trevas estão negando a própria luz, pois não a buscam, não adentram nas profundezas de si mesmos para adquirir a gnose, não despertam nem expandem sua consciência. Mas poucos são os que entendem isso e que aprendem o caminho para a autossuperação psicamental; poucos são os que aceitam intimamente essa iniciação à gnose, à verdadeira filosofia com sua beleza e ideais. Ideais que se assemelham, porém vão além, ao ético-estético do classicismo e ao do seu supostamente oposto, o goticismo, sintetizados nos arquétipos venusianos e luciferianos, com suas belezas encantadoras e bizarras. Mas também há beleza (e perigo) na animalidade da natureza, nas suas bizarras faunas (e faunos), nas forças primitivas tipificadas por formas theriônicas, por monstros arquétípicos mitológicos que expressam elementos da subconsciência humana.

Toda essa tradição filosófica luciferiana, ou draconiana, é o elo perdido do homem com seu Eu Superior ou Deus interior. O draconismo é a forma essencial da iniciação, do verdadeiro contato individual com o Deus oculto no ser humano. Tanto a luz quanto as trevas são elementos fundamentais desse processo iniciático interior. Em uma época em que não existia a perniciosa dicotomia nem a falácia da separação entre o humano e o divino, entre o bestial e o humano e entre o divino e o bestial, os filósofos iniciados assimilavam sua verdadeira natureza (animalesca, humana e divina) e a subjugavam ao seu Daemon, ao seu Eu Superior, ao seu Dragão-Serpente arquétípico, ou seja, Lúcifer, a Luz de Sofia.

Lúcifer, sob diversos nomes, é também um dos arquétipos/forças mais antigos do mundo, e mais antigo que a própria raça humana como a conhecemos. A grande massa da humanidade atual é uma mera sombra de antigos iniciados, de verdadeiros sábios superiores. Entretanto, podemos nos elevar ao nível desses antigos seres por meio da tradição filosófica draconiana, da iniciação luciferiana, imergindo nas trevas metafísicas e conquistando a luz logoica do espírito individual, da Individualidade autoconsciente e adquirindo sabedoria.

E a experiência individual, buscada deliberadamente, é o que realmente importa. Ao contrário do que muitos pensam, supostas provas não são importantes, pois somente é válida a experiência individual e pessoal de seja lá o que for; as provas são pessoais. E isso

é válido em qualquer área ou campo do conhecimento e da experiência humana. Porém, o método de buscar provas é simples (mas não é fácil): colocar em prática aquilo que é possível, as teorias, os exercícios, para se obter algum resultado, seja em nível físico, emocional ou mental. Assim, é possível acreditar naquilo que se obtém como resultado e experiência para chegar às próprias conclusões. Entretanto, os resultados podem ser diferentes para cada pessoa, dependendo da predisposição mental, do humor, do nível intelectual, do grau de compreensão das coisas, etc. É uma questão de praticar, ver e sentir, e não uma questão de simples fé. Só podemos acreditar naquilo que vivenciamos e experimentamos, seja lá como for. Como muitas coisas não são provadas, cada um decide buscar ou não essas provas, essas experiências e vivências.

Porém, nessa busca por provas, há as diversas interpretações do que acontece no ser humano, em sua mente e seu cérebro. As interpretações não importam para propósitos práticos individuais. Cientistas, céticos, crentes, religiosos, espiritualistas, xamãs, *hippies*, psicóticos, etc. interpretam de maneiras diferentes, mas é fato comprovado que determinados efeitos ocorrem na individualidade psicamental sob certas práticas, exercícios e substâncias, e é isso o que importa. O que vale é apenas a experiência individual com o próprio cérebro e com a própria consciência; o que importa é que as pessoas possam ter a experiência em seus cérebros e mentes. Porém, cada um a interpreta da maneira que achar melhor, sem a necessidade de ser a verdade universal. Assim o indivíduo pode estar livre da “ditadura da verdade” imposta por outros. Pode experimentar e interpretar as coisas e o mundo (exterior e interior) à sua própria maneira, mas com consciência, inteligência e discernimento. Interpretações variam conforme o sistema de crença de cada um, mas é importante também não se limitar e não se acomodar.

Um sistema de crença não é verdade absoluta. E um sistema de crença em particular jamais será a verdade universal, destinada a todo e qualquer ser humano, mas apenas uma verdade para uma ou mais pessoas que vivem nesse sistema de crença ou de universo pessoal. Os sistemas de crença podem mudar ou não, mas nunca serão a verdade absoluta para todos. Há pessoas que já tiveram vários sistemas de crença (céticos, religiosos, ocultistas, filosóficos, artísticos, científicos, políticos, etc.), sempre mudando, adaptando e combinando conforme suas experiências, e não conforme interpretações específicas alheias e imutáveis. É importante compreender que

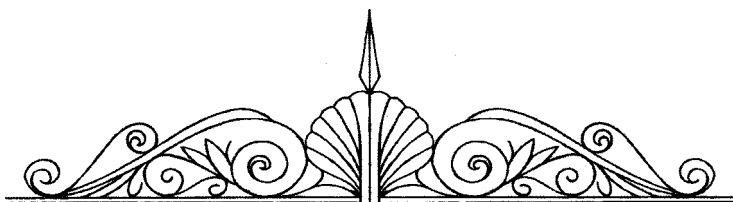
um indivíduo pode sempre mudar de sistemas em vez de estar prisioneiro em um único sistema “eternamente”, como muitos crentes limitados fanáticos e como muitos acadêmicos também fanáticos e limitados. Interpretações são apenas interpretações; fatos e realidades são apenas aquilo que as pessoas experimentam e interpretam à sua maneira. Afinal, quem pode dizer com certeza absoluta o que é verdade ou não?

Assim, as provas são válidas apenas para a própria pessoa, pois é ela quem experimenta, sente e vê aquilo que busca. Ninguém pode entender isso sem experimentar. É como se alguém não soubesse que o fogo queima mesmo que se dissesse que queima e dói; a pessoa só vai entender se ela sentir, se ela tiver a experiência da dor provocada pelo contato com o fogo. Mas não convém ser totalmente crédulo nem cético, pois ser unilateral é ser desequilibrado. E, como se busca o equilíbrio, não se pode ir aos extremos do ceticismo nem da credulidade. Se algo não pode ser provado, então não faz qualquer sentido em acreditar que existe ou não. É melhor deixar em aberto, como possibilidade, pois aquele que não acredita é quem tem o ônus da prova, já que afirma que tal coisa não existe sem ter experimentado. E, se acredita, o ônus da prova não é de ninguém, pois deveríamos acreditar nas nossas próprias experiências e vivências. O que vale é a experiência de cada um, que pode ou não ser compartilhada com outros, dependendo do interesse e das afinidades.

Toda experiência, seja em que nível for, contribui para a evolução de alguém dentro de certos direcionamentos. Mas uma coisa é fato: a humanidade de modo geral não está tão evoluída ainda, como muitos pensam, pois há misérias, desequilíbrios, desarmonias, maldades, guerras, etc. Quem poderia achar que isso tudo é muito evoluído? Há níveis e níveis de evolução individual. Independentemente da crença de alguém, sabe-se que existem pessoas ignorantes e pessoas inteligentes em todas as camadas sociais. Pode-se ver isso todos os dias, mundo afora... Mas nada disso irá mudar tão breve. Evolução requer mudança, e pode-se ver que as massas parecem não mudar. O mundo é complicado porque as pessoas que vivem nele são assim e tornam a vida um problema. Logo, as pessoas não evoluem para uma harmonia global. A sociedade é um conjunto de indivíduos que são nivelados por baixo, fora algumas exceções. E isso tem a ver simplesmente com qualidade de caráter, com nível intelectual e com experiências individuais

assimiladas por cada um à sua maneira. É simplesmente um fato, nada abstrato nem puramente metafísico. E as experiências tornam a vida menos tediosa, menos prosaica e mais estimulante. A filosofia enriquece a mente e o espírito, impulsiona o indivíduo a evoluir, a buscar a sabedoria, por vontade e por prazer.

Somente assim o indivíduo saberá quem ele é. Somente por meio do conhecimento internalizado, da filosofia vivenciada, experimentada na consciência, no mundo interno, ou seja, a verdadeira gnose iluminadora que torna cada qual um Portador da Luz com sua própria tocha iluminando o Jardim Filosofal, no qual está a “temível” Oficina do Diabo...



XIII

A Oficina do Diabo

A busca pelo conhecimento, o aprimoramento intelectual e a aquisição de cultura já foram, e talvez ainda sejam, em menor grau, consideradas coisas “perigosas”, proibidas, indesejáveis e desprezíveis para a cristandade que sempre foi favorável ao obscurantismo. Muitos pensadores, filósofos, artistas e cientistas foram perseguidos, presos e executados de maneiras terríveis simplesmente por causa de suas descobertas e invenções, de suas ideias e opiniões, e muitos livros foram proibidos e queimados em praças públicas. Contudo, faz parte da constante busca pelo autoaperfeiçoamento, pelo autoconhecimento e pela liberdade psicomental a educação da vontade, o exercício do livre-pensar, a psiconáutica e a criação visionária.

Assim, o indivíduo consciente procura englobar em sua bagagem cultural as ciências arcanas e os quatro grandes ramos da Árvore do Conhecimento: a saber: ciência, religião (não dogmática), filosofia e arte em seus aspectos mais ocultos, criativos, práticos e prazerosos para a experiência da consciência individual.

Mas todo o conhecimento adquirido deve ser profundamente compreendido e internalizado para que se torne sabedoria (para que Sofia apareça). É importante “filtrar” com discernimento a cultura, o conhecimento, as informações que se adquire, pois todo e qualquer conhecimento pode ser néctar ou veneno. O néctar proporciona clareza de pensamento, organização intelectual e consciência iluminada (*Luxfero*); o veneno se espalha na constituição humana, dispersando e confundindo todo o conhecimento não

compreendido e não assimilado, distorcendo a realidade, o entendimento e podendo causar algum nível de insanidade, mania ou até mesmo algum delírio quixotesco. Contudo, é preferível arcar com os resultados do conhecimento do que com as consequências da ignorância. E, de ignorância, o mundo já está repleto, principalmente em países atrasados, de terceiro mundo, nos quais muitas pessoas acham que ninguém precisa ler ou estudar, onde indivíduos nem sequer conseguem ler um único livro de capa a capa durante o ano. É fato evidente que a maioria das pessoas parece ter dó colossal de meter a mão no bolso e comprar livros, investir em conhecimento e, conseqüentemente, em cultura pessoal.

Também não se deve crer que todo o conhecimento do mundo esteja apenas em universidades (ou em igrejas, como muitos pensam), pois isso seria uma indicação de limitação e estagnação individual, já que os sistemas tradicionais de ensino não transmitem tudo o que se quer ou tudo o que se precisa aprender. As grades curriculares são predeterminadas também de acordo com o sistema e com as convenções sociais e educacionais e não dispõem de toda a sabedoria do mundo, como se pode observar no exemplo de muitos “pangarés”, ou seja, pessoas relativamente ignorantes, grosseiras e estagnadas que possuem diplomas, mas nenhuma sabedoria, discernimento ou inteligência verdadeiramente expandida. Nesse caso, os diplomas servem apenas como fachada para esconder a própria ignorância e inépcia, apesar de haver exceções, logicamente. Mas há também aqueles que atuam como vampiros psíquicos teóricos (principalmente nos ambientes da *internet*), que adoram discussões longas, inúteis e desgastantes sem qualquer embasamento na experiência própria, na vivência ou na prática de suas (ou dos outros) alardeadas teorias; teorizam demais, com suas verborragias intelectuais estéreis, sobre coisas que não conhecem por meio da experiência e da vivência, desperdiçando tempo e energia.

Entretanto, a cultura pessoal de cada indivíduo autoconsciente deveria ser relativamente ampla e abrangente, dentro do possível. Mas não é o que ocorre. Há pessoas, ou grupos, com matéria mental ainda muito crua e rudimentar, mesmo na atualidade com tecnologia e informação acessíveis para muitos. Por outro lado, há também aqueles de inteligência mediana muito específica, condicionada, um tipo bastante comum de “inteligência de ofício”, útil somente para a atividade profissional estritamente mundana, apesar de que muitos estendem essas características culturais “do trabalho profissional”

para todas as esferas da vida, em todos os momentos e lugares, o que é muito chato, maçante e entediante para os outros.

O verdadeiro influxo mental expandido desce dos planos sutis e invisíveis (pode-se ver a mente?) e manifesta-se como avançada compreensão interior naqueles que são naturalmente receptivos graças ao seu próprio grau evolutivo individual. Pessoas tais possuem inquietudes e vontade pelo saber, capacidade de descobrir as coisas por si mesmas e sede por conhecimentos. Essa arte de descobrir, de adquirir conhecimento e experiência, de solucionar problemas, etc., é o que se chama de heurística, seja na ciência, na religião (não dogmática), na filosofia ou na arte. A heurística também pode levar o indivíduo a ter *insights* de criatividade, já que a criatividade e a originalidade de alguém não podem surgir simplesmente do nada nem existem por si mesmas confinadas na constituição individual. Se alguma ideia criativa ou aparentemente original surge é porque ela possivelmente já existe “pairando no ar”. O que acontece é que as pessoas mais receptivas às ideias criativas captam inconscientemente essas ideias existentes no Universo. E é claro que duas ou mais pessoas, vivendo muito longe umas das outras, podem captar uma mesma ideia, sendo o mérito daquele que a coloca em prática, manifestando-a sob forma criativa e visível no mundo físico.

Assim, os quatro grandes ramos da Árvore do Conhecimento oferecem seus frutos “proibidos” durante o festim “demoníaco”, ou ágape filosófico, para todos aqueles que trabalham livremente na grande Oficina do Diabo. Porque os demônios dessa oficina no meio do paraíso são os verdadeiros mediadores do conhecimento que um suposto Deus e seus seguidores sempre vetaram.

Essa oficina também é sustentada por 12 colunas. Imagine uma oficina ao ar livre, com belos jardins, uma grande árvore no meio e 12 enormes pilares ao redor, com bases na terra e sustentando o céu. Cada pilar do conhecimento pode ser representado por uma coluna dórica (força), uma jônica (sabedoria) e uma coríntia (beleza). Assim, temos a ciência, a religião, a filosofia e a arte sustentadas por quatro colunas dóricas, expressando a força desses conhecimentos que os sustenta, fundamentando seu desenvolvimento, fortalecendo a mente, as inquietudes filosóficas, a imaginação e as emoções humanas. Esses conhecimentos são também sustentados por quatro colunas jônicas, mostrando-nos que a ciência, a religião, a filosofia e a arte podem nos levar à sabedoria internalizada, ou gnose. Da mesma maneira, esses conhecimentos estão fundamentados em quatro colunas coríntias, indicando que

deve existir harmonia, e, conseqüentemente, beleza, na ciência, religião, filosofia e arte, pois são os principais ramos de todo o saber da humanidade que se complementam, que são interdependentes, que se interferem mutuamente e nos dão sentido e prazer à existência e à evolução individual. Assim, podemos ver inseridas essas colunas no simbolismo do conhecimento humano.

Veremos o que mais se estuda nessa oficina “demoníaca” e em sua Árvore do Conhecimento com suas inúmeras *logias* e *ismos*. Os demônios no paraíso estão trabalhando para expandir o conhecimento, a sabedoria e a inteligência por meio de uma infinidade de *ismos* e *logias*. Logicamente. E parece lógico que as *logias* constituem a maior parte dos discursos e estudos científicos, religiosos, filosóficos e artísticos de modo geral, porque, de cada um dos quatro grandes ramos do conhecimento, há muitos outros ramos de estudo e pesquisa, ou seja, muitas *logias* e *ismos*. Sem *logias*, não há estudo, não há conhecimento que se possa definir, referir, especificar e desenvolver. De uma *logia* muito desenvolvida, surgem novas *logias*, que, separadamente, originam outras *logias*, em miríades que continuam a crescer. E assim sucessivamente, multiplicando o conhecimento humano. As *logias* podem ser também o estudo do próprio estudo, ou o discurso do estudo, ou ainda o estudo do discurso, ou o estudo do conhecimento e de sua aquisição, que surgem dos processos do pensamento e dão origem às ciências, às religiões (não dogmáticas), às artes, à filosofia, aos sistemas de pensamento, aos modos de vida, etc.

Nesse emaranhado de *logias* que pululam com o desenvolvimento humano, encontram-se os *ismos*, que também pululam em um caos organizado de sistemas, métodos e estudos que interagem, porém mantendo algo de suas próprias características. Os *ismos* são os diversos sistemas de pensamento, doutrinas, modos de pensar, modos de viver, etc. Fazem parte do progresso humano e do desenvolvimento pessoal, sendo até mesmo inevitável, pois sempre, é lógico, o indivíduo adotará algum *ismo* em sua vida, mesmo que não tenha plena consciência disso. “Adotará” até mesmo alguma doença, pois muitos dos *ismos* também indicam certos distúrbios psíquicos e físicos patológicos com variados graus de danos. E, a propósito, não será o monoteísmo fundamentalista em todas as suas formas, como sempre o conhecemos, uma enfermidade perigosa, nociva, que destrói corpos, mentes, almas e bolsos, além de intentar boicotar a difusão do conhecimento?

Em todos os ramos do conhecimento disponível, há todo tipo de literatura. Os livros que prestam contribuem para o crescimento intelectual e para o aperfeiçoamento humano, instruindo e entretendo de maneira sadia. Contudo, considera-se aqui as obras sérias que acrescentam algo útil, instrutivo e interessante, ignorando-se as obras vulgares, descartáveis, imprestáveis e sensacionalistas que contribuem para a degradação de uma sociedade já predisposta ao erro, aos vícios e à perversidade (e os demônios nada têm a ver com isso).

Assim, existe aquilo que parece ser evidentemente superior e de bom gosto e aquilo que é inferior, de mau gosto e pernicioso. O estudo de literatura séria, em qualquer área do conhecimento, e a aquisição de uma cultura relativamente ampla e útil fazem parte da busca pelo conhecimento. Mas os seguidores do Demônio, seres inteligentes, pensantes, questionadores e criativos sabem discernir, sabem aproveitar o que lhes serve e descartar o que é imprestável; sabem descartar a fruta podre e saborear a fruta fresca da grande Árvore do Conhecimento.

Na Árvore, há o ramo da ciência. Essa ciência pode ser considerada o fundamento intelectual com a experiência direta das causas e efeitos das coisas, vivenciando as próprias verdades. Teoricamente, a ciência é um conjunto de conhecimentos organizados e coordenados entre si acerca de determinadas coisas, e, geralmente, considerada como o conhecimento intelectual individual. Mas é também o autoconhecimento (Gnosis), o estudo de si mesmo pela contínua e concentrada auto-observação, para além do mero cientificismo “desumano”, mecanóide e materialista. Para os pupilos do deus Hermes, a ciência significa a mente elevada, o pensamento livre e esclarecido, a capacidade de expressão e o discernimento racional para a aquisição de cultura superior e de conhecimento científico útil e prático para o próprio indivíduo.

Mas a ciência também cria viciados em tecnologia e computadores, como se fossem doentes terminais que precisassem estar ligados o tempo todo a uma máquina para sobreviver. E cria indivíduos com o lado esquerdo do cérebro muito avantajado, unicamente racionais, demasiadamente mecânicos e insensíveis, semelhantes às máquinas que eles tanto cultuam e que, possivelmente, no futuro, dominarão e escravizarão mais ainda esses seres humanos. E há também aqueles que se gabam da tecnologia crescente que os fará de vítimas e servos miseráveis em um mundo em conflito entre humanos débeis e máquinas poderosas.

Hermes também está associado às letras e matérias afins, como mencionado anteriormente. Porém, muitos daqueles que têm medo de demônios e passam longe da Oficina do Diabo parecem estar involuindo na entropia linguística com a ajuda da *internet*.

Surgido nos ambientes virtuais, o internetês parece estar indo além da simples e rápida comunicação virtual para a expressão escrita e, às vezes, verbal. É um fenômeno linguístico que se tornou um vício de linguagem que deturpa a língua e que pode atrasar ou bloquear a capacidade de se expressar corretamente por meio da escrita. Parece ser uma nova forma de semianalfabetismo na qual o indivíduo não precisa escrever corretamente. O internetês, podendo equivocadamente ser considerado um novo dialeto ou uma linguagem codificada, é antiestético e de mau gosto e desvirtua a expressão escrita, não devendo ser considerado sequer uma língua artificial, nem uma forma de neologismo, nem uma nova gíria, mas, em alguns poucos casos, apenas uma linguagem criptográfica. Podemos também considerá-lo como um modismo linguístico comodista e decadente da atual globalização virtual. É também um pretexto para escrever de qualquer jeito, para disfarçar a própria ignorância e preguiça e para ignorar a importância dos livros impressos (que são muitos), já que a grande maioria dos internautas não sabe escrever e falar corretamente nem tem o hábito da leitura. Além disso, há aqueles que acreditam, sem fundamento, que o internetês dominará as línguas e que os livros desaparecerão. Será que esses indivíduos realmente já entraram em uma livraria ou em uma biblioteca? Será que eles já viram um dicionário com mais de 200 mil palavras? Seria absurdo e simplório pensar que o internetês possa substituir tantos verbetes, verbos, todas as classes de palavras, todas as figuras de linguagem, todos os significados, todas as definições, todo o conhecimento humano acadêmico e não acadêmico, etc. Os ignorantes e limitados que pensam assim infelizmente parecem menosprezar o trabalho de milhões de profissionais que se esforçam para tornar o mundo mais inteligente, mais sábio, mais evoluído e mais consciente, que se esforçam para ensinar, para educar e para difundir o conhecimento e a cultura.

Ainda sob a influência de Hermes-Thoth, a ciência se desenvolve para o bem (o que é o mínimo) da humanidade e do progresso mundial. Porém, há seu lado tecnológico para fins malévolos (o que é o máximo), sob os auspícios de Éris. A ciência realmente parece ser avançada, e parte de sua tecnologia assimilada pelas massas torna

a própria civilização artificial, mecanoide e atrofiada psicometricamente (por vezes até fisicamente). As facilidades e o conforto proporcionados pela tecnologia estão atrofiando a sociedade iludida pelas Três Marias, desumanizando-a e dispersando-a de coisas mais importantes. Assim, o que se vê disseminado pelo mundo é sofrimento de toda espécie e grau.

A ciência também parece estar destruindo o planeta, exaurindo seus recursos naturais, provocando desequilíbrios, catástrofes, epidemias e semeando a desgraça, além de, possivelmente, criar doenças modernas que somente podem ser “curadas” com medicamentos alopatícos criados com o único objetivo de lucro. Esse lucro científico também é vorazmente perseguido pela tecnologia bélica que necessita sempre de guerras para lucrar continuamente e para dominar. Para aqueles que sabem observar, é visível a existência de guerras tecnológicas e de disseminação de discórdias e conflitos por meios informatizados, a exemplo da terrível deusa Éris e seu douro pomo da discórdia. Enfim, busca-se destruir para lucrar. Mas os grandes senhores sentados em seus rabos, acomodados em seu conforto, talvez não sintam (muito) esses efeitos desastrosos, a princípio...

A ciência parece estar sempre evoluindo bastante em todas as áreas, mas ainda seus interesses são essencialmente materialistas, financeiros e de dominação, pois está subordinada aos governos e a possíveis interesses que podem não beneficiar a humanidade. A ciência possivelmente busca divulgar apenas parte de todas as descobertas e progressos, por vezes de maneira “distorcida” para as massas. Questões importantes como a verdadeira origem, evolução e razão da existência humana continuam sem respostas satisfatórias, pois o que interessa é o acúmulo, o lucro extremo e a satisfação brutal dos sentidos, em detrimento de seja lá o que for. Afinal, uma civilização vazia e sem sentido precisa de todo tipo de porcarias embotadoras da consciência para existir debilmente. E, apesar de materialista, a ciência não consegue (ou não quer) solucionar os principais e graves problemas da humanidade de nosso mundo material. Mas parece continuar imolando milhões de seres humanos e de animais em seus altares tecnológicos para servir ao Diabo chamado homem, literalmente imagem e semelhança do Deus bíblico.

Mas nem só de ciência tecnológica vive a humanidade. Há também os altares religiosos que proporcionam outras experiências. O ramo da religião (não dogmática, como deveria ser) pode representar

a experiência direta de um tipo de emoção superior consciente, algo apenas vivenciado no interior de cada um. É a união do espírito individual com a essência do Universo (obviamente, algo que parece muito subjetivo). A legítima religião do espírito (supra) humano é individual e não institucional, e significa o verdadeiro amor devocional por si mesmo enquanto entidade espiritual autoconsciente. Trata-se de uma experiência supranormal e extremamente marcante vivida e provada para si mesmo e mais ninguém (o que os psicólogos materialistas, e também problemáticos, podem chamar de delírio ou neurose). Teoricamente, a religião pode ser considerada também um sistema das relações entre os seres humanos e os seres não humanos de qualquer categoria (incluindo os chamados *daemons*), no qual se buscam uniões, inter-relações e experiências.

Em uma “religião” verdadeira e digna (novamente, algo muito pessoal e internalizado), buscam-se sempre a limpeza do corpo e da mente, a autopurificação, eliminando as escórias físicas e psíquicas que embotam o despertar da consciência e a evolução interior. Essa religião, do verdadeiro Ágape, certamente, não é a religião das massas ignorantes; não é a religião do Je\$u\$ (\$alva seu dinheiro) que cobra caro por seus “serviços de salvação”; não é a religião de um deus moribundo, agonizante, que instila dor, sofrimento, tristeza e confusão mental em seus cegos cordeirinhos de abate; não é a religião da enfermidade da alma, da estagnação psicamental e da acídia, ou seja, da preguiça e desolação do espírito. A religião pode ser entendida como a viagem interior individual, um mergulho nas próprias emoções primitivas que jazem no fundo microcósmico de cada um. Pois a única e verdadeira revelação é aquela que o próprio indivíduo experimenta e vivencia. Nada mais.

No Jardim Filosofal, onde demônios pululam e incitam nossas mentes ao progresso e à evolução, pode-se conseguir tais experiências e conquistar a deusa Sabedoria (Sofia).

O ramo da filosofia representa a busca pela verdade individual que só tem fundamento e valor para o próprio buscador, assim como no ramo da religião. A filosofia é a busca pela realização do ideal fundamental latente no espírito e também pode ser considerada um sistema que estuda a natureza de todas as coisas e suas inter-relações. Por meio de reflexões, de questionamentos, de especulações e de análises, estuda os processos do pensamento e de sua manifestação. E, ao contrário de muitos filósofos demasiadamente cartesianos e materialistas estéreis, aprisionados em seus labirintos intelectuais,

o verdadeiro filósofo pragmático emprega meios tais como sistemas metafísicos funcionais, entre outros, para a experiência da consciência e para a aquisição de sabedoria acerca de si e do Universo, na medida em que isso seja possível.

O verdadeiro filósofo é aquele que possui a vivência individual do conhecimento (Gnosis) com compreensão (Sofia); é aquele que voa com as asas de Dédalo para além do labirinto da intelectualidade improdutiva; é aquele que é um questionador nato livre de grilhões limitantes que, muitas vezes, servem apenas para as questões profissionais do ganha-pão (o que é também necessário à sobrevivência). De fato, ninguém deveria precisar de certificado somente para atestar sua inteligência, seu talento ou capacidade; não deveria precisar de um título pomposo para filosofar livremente e sem as barreiras institucionais. Todo aquele que é capaz de pensar por si mesmo, de refletir sobre o mundo ao seu redor, de questionar e contestar o senso comum onde quer que seja e de subverter o “plácido” estado de coisas (normalmente indesejável) pode ser considerado um filósofo, em seu sentido comum.

Assim, a deusa Sofia pode conduzir todos os seres pensantes, livres e amantes da sabedoria à paz atarácica, impertubável, do espírito, ao bem-estar, à alegria, à satisfação, às dádivas do ideal que busca realizar-se, inclusive por meio das diversas formas de arte (perseguidas pela cristandade), muitas consideradas coisas do Demônio pelas pessoas ignorantes. Afinal, essa é a Oficina do Diabo.

O ramo da arte representa o vislumbre dos ideais, o fundamento das ideias intuitivas, da vontade criadora, do espírito individual criativo e realizador; vai além do comum e corrente, além da mera e corriqueira inteligência de ofício. A arte só pode expressar a criatividade se houver verdadeira vontade, impulso e ousadia, livre de limitações impostas e oriundas de diversas fontes, tais como as repressões sociorreligiosas. Arte é a capacidade de realizar a obra da criação sobre si mesmo, de aperfeiçoá-la com vontade forte. Teoricamente, arte é o conjunto de conhecimentos, capacidades e talentos para concretizar ideias, sentimentos e visões de maneira estética e “viva” por meio de imagens (desenho, pintura, escultura), sons (música) e palavras (literatura).

Para entender a arte, é preciso se transportar para a arte, para a manifestação ou forma artística. É preciso senti-la; é preciso estar imerso. Não basta simplesmente dizer gostar disso ou daquilo com meras opiniões vagas. Isso não é assimilar a arte. A arte só pode ser bela

(e isso é relativo) se o indivíduo for capaz de apreciá-la profundamente, entendê-la e experimentá-la em seu Ser, psicamentalmente, vivenciando sensações emocionais e mentais e obtendo prazer intenso, bem-estar e conhecimento.

A verdadeira arte realizada por meio da Vontade (*Thelema*) está muito longe da pseudoarte intelectualoide, moderninha, tecnicamente grosseira, sem criatividade, antiestética, de mau gosto e desonesta que “artistas” estereotipados produzem sem nenhuma inspiração autêntica. Nem é também a arte popularesca, que empobrece e deprime os ambientes, com suas reproduções toscas do cotidiano banal, vulgar e medíocre, sem estética, sem inspiração, sem imaginação e sem técnica apurada. Ao contrário, as artes clássicas (greco-romanas), a arte gótica, a arte egípcia, hindu, celta, maia, etc., as artes neoclássicas, a arte visionária, o surrealismo e o realismo fantástico são formas de arte visual que podem ser consideradas superiores e extremamente estimulantes.

Muitas dessas formas de arte estão presentes também na tatuagem, que atualmente está muito desenvolvida e é amplamente praticada por muitos artistas competentes. A tatuagem, como poderíamos supor, ainda sofre algum tabu e preconceito sociorreligioso, possivelmente em parte por causa das proibições da Igreja na Idade Média. A tatuagem sempre foi arte, já antes de se tornar conhecida no Ocidente. Mas a “civilização” medieval a considerava coisa do Diabo (o que era de se esperar), assim como qualquer desenho, marca ou cicatriz no corpo. Sobre isso, é interessante mencionar que o próprio Deus bíblico cometeu, então, outro ato diabólico “tatuando” Caim e deixando-lhe uma marca. Logicamente que os efeitos nocivos dessas proibições (como muitas outras) ainda persistem como restos que devem ser eliminados. Muitos povos ao redor do mundo praticavam e praticam a tatuagem pelas mais diversas razões: pactos religiosos, tributos a deuses ditos pagãos, iniciações tribais, rituais ocultistas, afirmação de identidade e de individualismo, afeição e homenagem a alguém, contestação social, identificação entre membros de determinados grupos, simples prazer, a arte pela arte, etc. Além disso, sua conotação de transgressão social já não é mais tão evidente, permanecendo o essencial dessa arte cujo significado apenas importa para o indivíduo tatuado, pois é algo extremamente pessoal e individual. Contudo, a ênfase aqui é em seu aspecto técnico-artístico e simbólico e não em seus aspectos sociais restritivos e preconceituosos oriundos de práticas não artísticas da tatuagem. E, como tudo na vida, tatuar o corpo é uma prática para pessoas já bem

amadurecidas e responsáveis por si mesmas, pois é uma forma de arte permanente.

Ainda no ramo da arte e com tecnologia, o cinema também está muito desenvolvido. Os filmes épicos, de aventura, de fantasia surreal, de ficção científica e os “clássicos” de horror sobrenatural e “subversivo” vão além do comum e corrente, do corriqueiro, do cotidiano, do banal e do vulgar. Tais obras cinematográficas são, em geral, influenciadas ou baseadas em diversas literaturas clássicas, em literaturas de realismo fantástico e em literaturas científicas e de ficção científica. São repletas de conteúdos simbólicos, subliminares, arquetípicos, filosóficos e psicológicos e transmitem algo a se aprender para aqueles que são capazes de aprender e de extrair algum ensinamento desses entretenimentos. Ganham a atenção somente de indivíduos de mente relativamente expandida, que possuem vívida imaginação e inquietudes, que possuem vontade de conhecer aquilo que não é convencional, que não está na programação fútil e sensacionalista da TV, aquilo que transcende o mundinho prosaico enfático da sociedade de rebanho. Portanto, se for para ver a avalanche de coisas televisivas chulas e limitantes que somente ensinam porcaria, então não há o porquê de ir ao cinema. Na TV, nos noticiários sensacionalistas inúteis e enjoativos, nas ruas e no próprio cotidiano, você pode ter todo o lixo fétido pseudocultural.

E simplesmente dizer gostar disso ou daquilo não é suficiente para apreciar a arte e entendê-la. Por exemplo, se alguém diz gostar de um filme, mas, por outro lado, diz que não gostaria de “estar lá no filme”, ou seja, de viver de fato aquelas situações, naqueles lugares, naqueles ambientes, com aquelas pessoas ou criaturas, naqueles contextos, etc., então o filme não é bom o suficiente, não é belo, não faz bem de alguma maneira (afinal, a pessoa não gostaria de estar lá e viver aquilo tudo). Assim, a pessoa apenas tem uma opinião vaga, sem experimentar em seu íntimo o que o filme (ou outra forma de arte) está transmitindo.

Mas, no cotidiano e naquilo que reflete o cotidiano, a grande maioria das pessoas vive experiências limitadas, prosaicas, banais. Aquilo que transcende o comum e o corrente, que vai além das experiências vulgares das emoções e da mente, é restrito àqueles poucos que possuem sensibilidade, imaginação vívida, inquietudes interiores, que são capazes de se desligar das mesmices do cotidiano e que sabem ler nas entrelinhas da surrealidade artística. A maioria daqueles indivíduos limitados, que não têm imaginação, sensibilidade,

visão, inquietudes e uma considerável bagagem cultural, geralmente, prefere formas de “arte” (cinema, música, literatura, pintura) idealmente toscas, consideradas inferiores, que refletem lamentavelmente o tão saturado, banalizado e entediante cotidiano urbano, vulgar, abjeto e de baixo nível (e de baixo calão), que presta apenas para “deseducar” as massas já incultas.

Mas, lamentavelmente, a maioria das pessoas muito comuns, dos cidadãos dos rebanhos sociais, já possui um conteúdo psicomental reprimido e condicionado justamente para se adequar aos padrões rudimentares e limitantes impostos pela sociedade. Por isso esses indivíduos são inconscientemente perturbados por certas manifestações artísticas que transcendem o mundo comum e corrente e que estão além de sua capacidade de compreensão e assimilação. Por outro lado, indivíduos inteligentes compreendem e assimilam essas formas de arte e entendem que, em todos os ramos das artes, há aquilo que podemos chamar de seletividade e apreciação consciente, um gosto e uma atração interna por aquilo que é inegavelmente superior (em vários aspectos), verdadeiramente criativo, artisticamente primoroso e subversiva e psicologicamente “demoníaco”.

Assim, a verdadeira arte se realiza *ad libitum*, ou seja, à vontade, ao bel-prazer, porém, com discernimento e conhecimento, para manifestar porções do próprio Ser que tem necessidade de criar, de manifestar sua essência e seus ideais. Ao contrário da ciência que pode analisar (*solve*) objetivamente, discriminar minuciosamente e estudar as partes do todo, a arte pode sintetizar (*coagula*) tudo em um todo, pode criar subjetivamente e construir objetivamente. Criar é fazer-se deus (ou demônio) em escala microcômica; é ser um artífice de si mesmo, livremente, crescendo e evoluindo pelos próprios méritos, o que realmente faz a diferença. Porque, de fato, não há igualdade, pois não é possível nivelar tudo e todos (geralmente por baixo, que é a média das massas).

A ideia igualitária prejudica até mesmo as artes e é um dos maiores absurdos da cultura ocidental. Como considerar de igual valor o lixo cultural descartável e a verdadeira arte inspirada, estética e técnica? Como nivelar igualmente uma tela borrada de um culturete presunçoso com uma pintura renascentista ou uma obra surrealista de um verdadeiro artista perito e criativo? Como nivelar igualmente um amontoado de sucata ou lixo orgânico com uma belíssima escultura de características clássicas? Como nivelar igualmente um ruído desagradável, repetitivo, de mau gosto

e maçante (que as massas chamam de música) com uma rica obra orquestral ou um trabalho primoroso de *progressive rock/metal* ou *jazz*? Pois é inegável a superioridade de muitas obras, em diversos ramos das artes, em relação ao lixo populacho de mau gosto que abunda nas mídias e nos lares de pessoas psicometricamente atrasadas e embotadas.

A arte que pode ser considerada superior sofre diversas influências. No que diz respeito à arte da música, há uma influência pitagórica. A doutrina pitagórica era, por sua vez, baseada nos Mistérios Órficos, de caráter gnóstico, filosófico e artístico, além de matemático e geométrico. É também atribuída ao pitagorismo a invenção da escala diatônica básica de sete notas (aquela escala conhecida que vai da nota dó à nota si, sem os semitons acidentais), correspondentes aos sete corpos celestes considerados pela Antiguidade (Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno). Entretanto, alguns estudos de antigas tabuletas de argila (datando de 1800 a.C.) têm demonstrado que a escala diatônica já era conhecida pela antiga civilização sumeriana, que considerava a música um instrumento de poder.

Mas, quando se fala de música, não se pode considerar qualquer tipo de manifestação sonora ou qualquer ruído, pois uma autêntica composição musical é classificada como tal se houver, no mínimo, dois ou três elementos fundamentais, a saber: harmonia, melodia e ritmo. Mas uma estrutura musical notável possui também dinâmica, intensidade, timbres instrumentais, arranjos criativos e, é claro, alguma inspiração. Música não é somente técnica; é técnica, criatividade e *feeling*. Geralmente, um músico com formação musical muito engessada, bitolado mecanicamente apenas em partituras, não é capaz de improvisar e de criar livremente sobre um determinado campo harmônico ou uma base tonal, sem partitura. Pois a música é mais que simples razão e teoria; alia-se o estudo teórico com a prática disciplinada e também livre para improvisações, se for o caso.

Como se vê, a música está muito além dos modismos descartáveis que são veiculados pelas mídias de entretenimento de massa, pelas rádios históricas e populares e pelas TVs (verdadeiros deuses artificiais adorados pelas massas obedientes). Com a atual avalanche de música de má qualidade e de mau gosto produzida no mundo, a grande maioria das pessoas tornou-se psicometricamente surda, sem sensibilidade musical ou artística e sem qualquer compreensão dos fenômenos musicais. Música de boa qualidade, apurada, técnica e, principalmente, inspirada, pode despertar experiências latentes,

trazer sensações antes ocultas, levar ao autoconhecimento, além de aprimorar o espírito, provocar uma catarse da alma, desenvolver a inteligência, proporcionar prazer emocional e estético e eliminar o tédio da existência cotidiana banal. A música pode auxiliar no processo de autoconhecimento, estimular uma ampla gama de sensações e emoções, influenciar o estado mental, alterar a fisiologia, incrementar a energia psíquica, exercitar a concentração, melhorar a capacidade de aprendizado, estimular a atividade cerebral, aumentar a capacidade auditiva, etc. Por outro lado, a música também contribui para a fuga da realidade, conduz a um refúgio mental introspectivo, ameniza a ansiedade e o sofrimento de uma vida cotidiana tediosa e desestimulante. Assim, não surpreende o fato de que a música é, infelizmente, mal compreendida pela grande maioria.

No contexto aqui apresentado, mal compreendidos também são certos gêneros musicais como a música clássica e orquestral, de certo modo, e o *heavy metal* e o *classic rock*. Talvez alguns não concordem com essas comparações em razão de um preconceito imutável e preciosismo. Mas é fato que a música clássica e o *heavy/rock* são para um público específico iniciado e, às vezes, para neófitos realmente interessados e seletivos. Apesar do preconceito ainda existente, o *rock* e o *heavy metal* autênticos e honestos parecem perdurar sem a contaminação dos modismos efêmeros, já que são considerados gêneros musicais revolucionários, subversivos, catárticos e altamente estimulantes mentais. Além disso, o *heavy/rock* de valor artístico pode ser um auxílio na psicoterapia clínica, conduzindo o paciente à catarse, liberando sentimentos reprimidos e facilitando o diagnóstico de problemas emocionais de diversas ordens. Pode também conduzir o indivíduo ao relaxamento da parte esquerda do cérebro e estimular a atividade da parte direita, provocando assim algum grau de prazer mental, de inspiração, de criatividade, de liberação das tensões e de êxtase psicamental.

E é claro que o *heavy/rock* artístico não é coisa para adolescentes imaturos e sem discernimento ou para drogados (a grande maioria dos drogados do mundo não aprecia *heavy/rock*), pois se sabe que há muitas pessoas com mais de 30, 40 ou 60 anos de idade que apreciam *heavy/rock* e até mesmo cantam ou tocam em grupos, muitos deles conhecidos. Além disso, nenhum músico virtuose de *heavy/rock* poderia ser um viciado drogado, pois a arte musical de fato exige dedicação, tempo, dinheiro, estudo, concentração, exercício, criatividade, inteligência, lucidez e capacidade de execução.

Desnecessário dizer que o *heavy metal* sempre foi visto como coisa do Diabo (e o violinista italiano Paganini também). Isso porque o *heavy/rock* é o oposto dos sistemas socioreligiosos institucionalizados judaico-cristãos e de seus clichês pseudomoralistas forjados para escravizar as mentes débeis. Contudo, o *heavy metal* chegou em um nível musical primoroso graças ao virtuosismo de muitos músicos inteligentes, talentosos, inspirados e criativos, além de abordar temas que também estão além das banalidades cotidianas, além da rotina fútil da vida, temas que abarcam literatura, história, filosofia, mitologia e metafísica. Muitos músicos e apreciadores de *heavy metal* têm formação acadêmica e são aficionados por estudos, livros, artes. E há aqueles que intercalam momentos de estudo intelectual ou acadêmico com audições de *heavy/rock*. E, a propósito, uma pesquisa inglesa realizada com mais de mil estudantes demonstrou que os apreciadores de *heavy metal* estão entre os mais inteligentes, criativos, cultos e de bom gosto (o que é uma heresia demoníaca para muitos) e que possuem atividade mental intensa, gostam de estudar e pesquisar, de colecionar coisas que julgam ser interessantes, etc. Outra pesquisa realizada com mais de 30 mil pessoas em todo o mundo apresenta o mesmo resultado. Entretanto, não é o *heavy metal* nem a música clássica que tornam as pessoas inteligentes, mas sim o contrário. Também não são todas as pessoas inteligentes que apreciam o *heavy/rock*, é claro; alguns talvez gostem de um *jazz* improvisado...

E, para o espanto dos “bons” e “comportados” cidadãos crististas, o símbolo do *heavy metal*, aquele signo gestual feito com a mão e que parece formar uma cabeça chifruda, nada mais é que um símbolo de força, poder e inteligência. É também o símbolo de proteção e poder do deus-chacal Anúbis, além de ser um dos sinais gestuais (mudras) utilizados na ioga* e no budismo, significando força e proteção, e um símbolo dos chifres de Baphomet (“batismo de sabedoria”). Tal sinal também aparece no céu, descrevendo a trajetória em forma de chifres do planeta Vênus (Lúcifer) entre o nascer e o pôr do sol, bem como pode ser visto nos fragmentos da controversa obra *Necronomicon* como sendo o signo de um ser chamado Voor, conhecido como um dos Antigos. Tudo isso, porém, não é novidade para os estudantes e pesquisadores de filosofia oculta, mitologia, hermetismo, religiões comparadas, feitiçaria, etc. Na Antiguidade, em diversos povos do mundo, os chifres, representados por esse signo gestual, sempre

* N.E.: Sugerimos a leitura de *O Poder Curativo dos Mudras*, de Rajendar Menen, e *Kundalini Ioga*, de M. P. Pandit, ambos da Madras Editora.

foram um símbolo da mente, da inteligência, da vitalidade, da força, da liberdade e da própria vida, entre outras coisas. Nos tempos atuais, passou a ser também o símbolo do *heavy/rock* por causa de todos esses significados que permeiam tal cultura, apesar do (pré)conceito e da má compreensão.

Tecnicamente, o *heavy metal* evoluiu muito em um período aproximado de uns 30 anos, porém, mantendo sua essência e estilo, e várias bandas atualmente chegam a ser compostas por músicos altamente capacitados. Isso pode ser constatado quando se percebe uma técnica apurada, o uso de escalas “exóticas” (modos gregos, orientais, microtonais, etc.), de harmonias dissonantes, polirritmia, ritmo sincopado, modulações de tonalidades e variações de dinâmica, intensidade, andamento e timbres. Mas, infelizmente, muitas pessoas são praticamente surdas para um mínimo de complexidade e sutileza musical e preferem engolir pelos ouvidos o modismo “alternativo” e rudimentar das TVs e das rádios populares, com uma pose de gente muito *cool*.

Como exemplos, podemos citar alguns subgêneros mais importantes e mais elaborados do *heavy/rock*, atualmente: *progressive metal*, *progressive rock*, *power metal*, algumas bandas de *gothic/symphonic metal*, etc., com seus principais e melhores representantes e suas influências mútuas. De certa maneira também associada ao *heavy metal*, por questões de afinidades culturais, está a música orquestral conhecida como *film score* (“partitura de filme”), ou seja, trilha sonora de filmes (*soundtrack*). Muitos músicos de *heavy metal* apreciam as obras de compositores de trilhas orquestrais e procuram acrescentar esses elementos “clássicos” em suas composições metálicas.

O símbolo primordial e essência do *heavy metal* é a guitarra elétrica, que, aliada aos outros instrumentos, pode criar um som poderoso e estimulante. A guitarra elétrica é um instrumento cuja sonoridade expressa futurismo, revolução musical (e cultural, em geral) e rebeldia psicológica. É um símbolo da psique, do êxtase, da beleza e da arte. Seu timbre pode ser variável, conforme os recursos de efeitos disponíveis, e expressar as mais variadas nuances sonoras e *feelings*, matizes quase infinitos de emoções humanas. Sua origem primitiva remete-se à Antiga Grécia e à literatura grega que trata sobre Apolo e Orfeu, ambos poetas e músicos que utilizavam um instrumento de cordas dedilhadas chamado *kithara* (uma lira de sete cordas), tocado com palheta (*plectrum*). A guitarra elétrica atual é um instrumento

moderno que tem se desenvolvido também ao longo da vida do próprio *rock* e impressionado até mesmo os “cidadãos comportados” e adultos mais rançosos. Sua técnica também evoluiu, e hoje existem muitos guitarristas que simplesmente dominam o instrumento de um jeito sobre-humano, do mesmo modo que muitos violinistas ou outros instrumentistas. O guitarrista perito e inspirado faz repercutir os estados emocionais naqueles que se afinam sensivelmente com as vibrações dinâmicas de sua guitarra, com seus muitos acordes e escalas.

Existe também uma combinação dissonante de notas chamada trítono, conhecida como *diabolus in musica* (intervalos de quarta aumentada, por exemplo, dó com fá sustenido), proibida no passado pela Igreja/Estado e considerada, obviamente, coisa do Diabo. Isso porque o trítono “subverte” o sistema tonal diatônico tradicional de sete notas naturais (sem as dissonâncias dos sustenidos e dos bemóis) causando sensações de tensão, movimentação, inquietação, angústia, melancolia, medo, etc. Mas, já há alguns séculos, muitos músicos utilizam o trítono em suas composições, que, sabiamente colocado e combinado com o modo diatônico, enriquece a música e pode provocar certas sensações e emoções “esquisitas”.

Sensações estranhas e emoções “sinistras” também são sentidas com o infrassom, uma frequência muito baixa (grave) e normalmente inaudível para o ouvido humano comum, porém perceptível psicofisicamente, e que está presente em muitas composições musicais. Tal vibração de infrassom pode acelerar o batimento cardíaco, causar estranhas sensações estomacais, algum grau de ansiedade, melancolia, introspecção, algum sentimento de suposta religiosidade e comoção. É por isso que qualquer tipo de música sem contrabaixo (normalmente audível) soa extremamente vazia, fraca, indiferente e monótona. O infrassom unido ao trítono, portanto, tem um impacto poderoso sobre a constituição psicofísica humana, que é sentido inconscientemente. Afinal, sempre existiu uma filosofia complexa e profunda sobre a música como um todo, desde os conceitos pitagóricos até a musicologia moderna e o desenvolvimento do virtuosismo e da complexidade instrumental teórico-composicional.

O bom apreciador de música é também um bom ouvinte. Escutar música requer uma significativa atenção, como ler um livro, pois somente assim se percebe todas as nuances sonoras, as sutis variações, toda a expressividade. Isso é o que se chama de apreciação musical, e não mera escuta displicente, mecânica e inconsciente. A escuta da apreciação musical é uma habilidade, às vezes, inata, às

vezes, desenvolvida, da consciência, da atenção, do senso crítico, realizada com disciplina e sensibilidade psicamental. Ao adotar-se um estilo musical conscientemente e saber aproveitá-lo, deve-se questionar qual o sentido e o significado dessa música, buscando a experiência auditiva, a experiência musical internalizada e o prazer psicamental. Para tanto, é interessante um acervo musical de boa qualidade, como um bom e variado restaurante, já que a música apresenta os mais variados “sabores”.

E as dissonâncias, os cromatismos e os ritmos sincopados são como especiarias, temperos que enriquecem a música. A própria gastronomia é uma arte requintada do mesmo modo que a música. Como uma analogia, podemos relacionar a música de alto valor artístico com o alimento de alto valor nutritivo. A música malfeita, desafinada, fora de ritmo, sem criatividade, sem conteúdo, sem força de expressão, é um verdadeiro prato indigesto, alimento estragado, uma verdadeira cozinha boca-de-porco. Mas, além do sabor, a música possui cores, luzes e sombras, dimensões, profundidades, paisagens, climas, carrega sensações, emoções e pensamentos como uma entidade realmente viva. É por isso que sua influência é tão forte na sociedade, na cultura, nos costumes, nas mentes, além de ser considerada também ciência, filosofia e quase uma religião.

Assim, as artes, em geral, são criadas pela vontade e com beleza, expressando ideias, ideais, sentimentos e sensações. A beleza nos proporciona prazer estético e mental, refletindo nossos próprios conceitos sobre a beleza e estética. Pode-se incluir também nas artes a beleza do sexo e do amor que sempre foram retratados e, conseqüentemente, sempre foram “proibidos” pelos sistemas ortodoxos estagnados e, logicamente, pela cristandade.

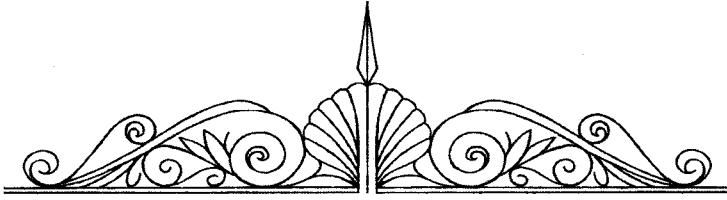
De fato, todo buscador é, de certo modo, um autêntico epicurista, pois considera importante e essencial a busca por aquilo que acredita ser a beleza, a busca pelo prazer intelectual, pelo prazer da cultura refinada, pelo prazer do ócio criativo filosofal, pelo prazer da boa comida, mas sempre livre de questões políticas enfastiosas, livre de politicagem, pois faz mal para o estômago.

O prazer, assim como a saúde, é o estado natural do ser humano, desde que esse prazer não cause prejuízo para si e para os outros. Contudo, isso somente funciona para as pessoas conscientes e relativamente evoluídas, muitas vezes, consideradas como seguidores de algum Diabo pelos cristitas e fundamentalistas.

Enfim, eis os quatro grandes ramos da Árvore do Conhecimento que fica na Oficina do Diabo, cujos frutos podem proporcionar ao indivíduo o autoaprimoramento, o autoconhecimento e o desenvolvimento de poderes latentes em quatro planos de manifestação: o físico, o emocional, o mental e o espiritual. Esses quatro planos ou aspectos do ser humano são os quatro cantos do jardim “demoníaco” que interagem e contribuem para uma evolução consciente, para a expansão da consciência e a assimilação de experiências além do mundo comum e corrente. Em tal jardim se trabalha para adquirir conhecimento e sabedoria (que é conhecimento com compreensão), valorizando a si mesmo e se aprimorando continuamente. E os “demônios” que se divertem nesse jardim abominam a ignorância, a mediocridade, a hipocrisia, a opressão, a coerção, as banalidades e futilidades coletivas e a violência gratuita e desmedida. Para eles, somente existe o prazer pelo conhecimento, o prazer pela arte, os prazeres estéticos e psicomentais e os prazeres físicos sadios. A noite (trevas) e o dia (luz) no jardim, são fundamentais e interdependentes, além de possuírem grande significância em seus aspectos mais criativos e essenciais.

Assim, o grande Jardim Filosofal é, a princípio, aberto para poucos. É claro que a filosofia praticada nesse jardim poderá até mesmo arranhar o ego de porcelana de muitos, envaidecidos em seu “confortável” comodismo pessoal. Portanto, é recomendável que se afastem da Filosofia Noturna, do jardim ao cair da noite, aqueles que não têm a mínima possibilidade ou vontade de mudar seus paradigmas. Além disso, também podem ignorar tal filosofia os (falsos) filósofos estereis, os cientistas materialistas imutáveis, os cultoretos céticos, os moderninhos “cools”, os exotéricos da “nova era”, os espiritualistas melindrosos, os espiritualistas mercenários, preconceituosos e temerários que se creem totalmente da “luz”, os “trevosos” de *internet* e os satanistas “de farmácia” imaturos que não sabem nada sobre o assunto nem sobre o que querem atacar ou se revoltar, nem querem buscar saber.

E que os demais, os indivíduos sem preconceitos, os inteligentes e de mente aberta, filósofos práticos sem condicionamentos, estudantes sérios de filosofia oculta, amantes verdadeiros do conhecimento e da sabedoria (os amantes de Sofia), psiconautas e livres-pensadores realmente livres de tabus supersticiosos ou dogmáticos, sejam bem-vindos ao Jardim!



XIV

Biblioteca Proibida

Obras de diversos gêneros, de livres-pensadores, filósofos, artistas e cientistas foram proibidas e banidas da sociedade (de certa maneira em menor grau até os dias de hoje). A busca pelo conhecimento, a construção da cultura pessoal e o desenvolvimento intelectual têm sido indesejáveis para muitos sistemas sociorreligiosos no passado e também no presente, de certo modo. Entretanto, tal busca pelo conhecimento e aprimoramento cultural, pelo autoaperfeiçoamento, pela liberdade de pensamento, pela liberdade de modos de vida e de filosofia pessoal são essenciais à evolução e à saúde psicomental e física de qualquer indivíduo esclarecido, inteligente e de sensibilidade.

E, em todo esse processo, os livros têm um papel fundamental. Para tanto, a aquisição de obras sérias, interessantes ou “clássicas” (outras nem tão clássicas) em seus gêneros e a prática diária daquilo que se aprende com elas é essencial. Assim o indivíduo aprende, além de muitas coisas, a ser ele mesmo, mas sendo cada vez melhor, tornando-se psicomentalmente superior e livrando-se das manadas, desgarrando-se dos rebanhos que marcham para os abatedouros.

Se cada um realmente tivesse interesse em compor uma pequena biblioteca particular (dentro de suas possibilidades, é claro, mas com vontade) e tivesse realmente gosto e prazer em aproveitá-la, a educação e a cultura geral de uma sociedade seriam mais elevadas e niveladas por cima. Mas não é o que acontece, pois é fato que as grandes massas biblióforas demonstram possuir uma matéria

mental ainda rudimentar, nivelada por baixo, e estão sempre cultuando “deuses” efêmeros e inúteis fabricados pelas mídias e pela lastimável cultura de massa. E, como mencionado anteriormente, é fato que a grande maioria das pessoas parece ter dó de meter a mão no bolso para comprar livros e investir no próprio conhecimento, melhorando assim o nível geral da sociedade.

Uma sociedade é formada por indivíduos, e, se todos progredissem, evoluíssem e mudassem para melhor, a sociedade também seria melhor. Mas, na prática, isso parece impossível, e as pessoas também parecem não compreender que assim deveria ser para o bem geral e de cada um. Por outro lado, infelizmente, o mundo precisaria também de mais mecenas e menos mercenários...

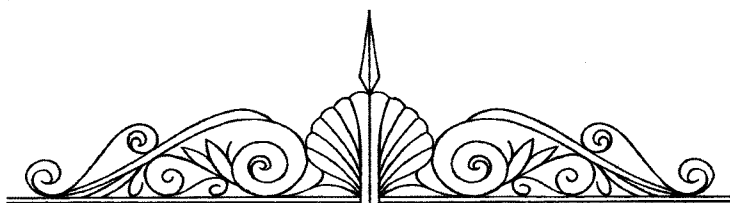
Assim, na Biblioteca Proibida da Oficina do Diabo de cada um, poderá haver muitas e diversas obras interessantes e úteis, algumas mais importantes que outras, abrangendo obras literárias e não literárias, filosofia, poesia “maldita”, estudos sérios e “banidos” pela cultura geral das massas, obras que muitas pessoas podem detestar, que muitos podem adorar, obras relativamente conhecidas, outras quase desconhecidas, obras de ciência (e ciência *fringe*), religião, filosofia, arte e iconografia, além da incompreendida e importante literatura metafísica e oculta. A biblioteca pode compreender algumas das principais obras que um indivíduo poderá estudar, ou pelo menos conhecer, dentro de seus interesses e inclinações pessoais.

É importante também que a leitura, o estudo e a pesquisa sejam um prazer. Um prazer que ajuda a tornar a existência menos tediosa, maçante, insípida e ignorante. É salutar gostar de aprender, gostar de livros, gostar de estimular o intelecto e a imaginação, obter prazeres mentais e emocionais por meio de livros, da cultura pessoal (às vezes, não muito convencional). O próprio livro é um objeto-símbolo que representa conhecimento, aprendizado, cultura, segredo, descoberta e que certamente contribui para enriquecer um pouco mais qualquer ambiente. Entretanto, sabe-se também que o conhecimento guarda a si mesmo, e alguns ou muitos leitores poderão passar longe da maior parte dos livros interessantes, importantes e “perigosos” disponíveis.

De qualquer maneira, o indivíduo buscador pode colher muitos frutos doces e amargos, ácidos e estimulantes, “proibidos” e “perigosos” da grande e generosa Árvore do Conhecimento. Afinal, as folhas secas, mofadas e nada verdes do infame e absurdo *Index Librorum Prohibitorum*, o *Índice de Livros Proibidos*, já não fazem

apodrecer os frutos nem desfolham mais a grande Árvore dos livres-pensadores, dos filósofos, dos cientistas, dos artistas e dos escritores “demoníacos”.

Portanto, farte-se na Biblioteca do Jardim no qual a Árvore sempre cresce. Mas não queira saber demais, pois ninguém sabe absolutamente tudo. E cuidado para não se perder no “caos”...



Bibliografia

- ARISTÓTELES. *Retórica*. São Paulo: Rideel, 2007.
- BERTIAUX, Michael. *The Voudon Gnostic Workbook*. San Francisco: Weiser Books.
- BUDGE, E. A. Wallis. *A Versão Babilônica sobre o Dilúvio e a Epopeia de Gilgamesh*. São Paulo: Madras Editora, 2004.
- _____. *O Livro Egípcio dos Mortos*. São Paulo: Editora Pensamento, 1999.
- CIVITA, Victor (Editor). *As Grandes Religiões – 5 vols.* São Paulo: Editora Abril, 1973.
- COSTA, Wagner Veneziani. *Maçonaria – Escola de Mistérios*. São Paulo: Madras Editora, 2006.
- CROWLEY, Aleister. *Book Four*. Boston: Weiser Books, 1998.
- CROWLEY, Aleister e MATHERS, S. L. MacGregor. *The Goetia*. Boston: Weiser Books, 2001.
- DARWIN, Charles. *A Origem das Espécies*. São Paulo: Madras Editora, 2004.
- DAVID-NEEL, Alexandra. *Tibete: Magia e Mistério*. São Paulo: Hemus Editora, 1978.
- DEL DEBBIO, Marcelo. *Enciclopédia de Mitologia*. São Paulo: Daemon Editora, 2008.
- DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Porto Alegre: L&PM, 2005.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

- ENOCH. *O Livro de Enoch*. São Paulo: Madras Editora, 2004.
- FAULKNER, Raymond (Trad.). *The Egyptian Book of the Dead*. San Francisco: Chronicle Books, 1994.
- FIGUEIREDO, Pe. Antônio Pereira de (Trad.). *Bíblia – Ed. Ecumênica*. Rio de Janeiro: Barsa, 1977.
- FORD, Michael W. *Book of the Witch Moon*. Houston: Succubus Publishing, 2006.
- FORT, Charles. *O Livro dos Danados*. São Paulo: Hemus Editora, 2002.
- GILMORE, Peter H. *As Escrituras Satânicas*. São Paulo: Madras Editora, 2008.
- GRANT, Kenneth. *Hecate's Fountain*. London: Skoob Books, 1992.
- _____. *Nightside of Eden*. London: Skoob Books, 1994.
- _____. *Outer Gateways*. London: Skoob Books, 1994.
- GUAITA, Stanislas de. *Templo de Satã – 2 vols*. São Paulo: Editora Três, 1973.
- HAZRED, Abdul al. *O Necronomicon*. São Paulo: Anúbis Editores, 1997.
- HOFFMAN, Kay. *As Dores de Amor de Sócrates*. São Paulo: Madras Editora, 2003.
- HUXLEY, Aldous. *As Portas da Percepção/O Céu e o Inferno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.
- JUNG, Carl Gustav. *Memórias, Sonhos, Reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- KARLSSON, Thomas. *Qabalah, Qliphoth and Goetic Magic*. Jacksonville: Ajna, 2007.
- KRAMER, Heinrich e SPRENGER, James. *Malleus Maleficarum*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.
- LAVEY, Anton Szandor. *The Satanic Bible*. New York: Avon Books, 1976.
- LINK, Luther. *O Diabo: Máscara sem Rosto*. São Paulo: Companhia Das Letras, 1998.
- LISSONI, Alfredo. *UFO – Os Códigos Proibidos*. São Paulo: Madras Editora, 2007.
- MAQUIAVEL. *O Príncipe*. São Paulo: Madras Editora, 2009.
- MCKENNA, Terence. *Food of the Gods*. New York: Bantam New Age Books.

- MONTEIRO, Adriano Camargo. *A Cabala Draconiana*. São Paulo: Madras Editora, 2008.
- _____. *A Revolução Luciferiana*. São Paulo: Madras Editora, 2007.
- _____. *Sistemagia*. São Paulo: Madras Editora, 2006.
- MORFILL, W. R. *The Book of the Secrets of Enoch*. Oxford: Clarendon Press.
- MORUS, Thomas. *Utopia*. Porto Alegre: L&PM, 1997.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- _____. *Além do Bem e do Mal*. São Paulo: Madras Editora, 2001.
- O'GRADY, Joan. *Satã – O Príncipe das Trevas*. São Paulo: Mercuryo, 1991.
- PLATÃO. *A República*. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2002.
- ROOB, Alexander. *O Museu Hermético*. Cologne: Taschen, 2006.
- RUSSEL, Bertrand. *Ensaio Céticos*. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- _____. *No Que Acredito*. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- RUSSEL, Jeffrey Burton. *Lúcifer – O Diabo na Idade Média*. São Paulo: Madras Editora, 2003.
- SAMDUP, Lama Kazi Dawa. *O Livro dos Mortos Tibetano – O Bardo Thodol*. São Paulo: Madras Editora, 2003.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *A Arte de Conhecer a Si Mesmo*. São Paulo: WMF, 2009.
- _____. *Da Morte/Metafísica do Amor/Do Sofrimento do Mundo*. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- SCHRECK, Nikolas & Zeena. *Demons of the Flesh*. London: Creation Books, 2002.
- SCHULKE, Daniel A. *Viridarium Umbris*. Cheshire: Xoanon Limited, 2005.
- SELEEM, Ramses. *O Livro dos Mortos do Antigo Egito*. São Paulo: Madras Editora, 2003.
- SIMON. *Necronomicon*. New York: Avon Books, 1980.
- SITCHIN, Zecharia. *Fim dos Tempos*. São Paulo: Madras Editora, 2009.
- SVOBODA, Robert E. *Aghora – At the Left Hand of God*. Bellingham: Sadhana Publishing, 1999.
- TAGORE, Rabindranath. *Gitanjali*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

THOREAU, Henry David. *A Desobediência Civil*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

TZU, Lao. *Tao Te Ching*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

VOLTAIRE. *Tratado sobre a Tolerância*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

WILSON, Robert Anton. *O Gatilho Cósmico*. São Paulo: Madras Editora, 2004.

Coisas belas e proibidas...
O que os pais não fazem mais?





Adriano Camargo Monteiro é escritor de filosofia oculta e de simbologia e mitologia comparadas e estuda as ciências arcanas desde 1995. É afiliado à Dragon Rouge; é maçom membro da ARLS Madras 3359 (GOB); é afiliado à Sociedade Brasileira de Eubiose; foi afiliado à Sociedade das Ciências Antigas; é membro da Ordem Rosacruz; foi membro do Movimento Gnóstico; admitido em grupos de corrente thelêmica e aprovado na International High IQ Society.



MADRAS®

Seu trabalho busca difundir a filosofia oculta e draconiana e o conhecimento em seus aspectos mais ocultos, criativos e práticos para a experiência pessoal. Pretende estimular a vontade individual, o livre-pensar, a expansão da consciência e a libertação de tabus e de entraves sociorreligiosos. Como escritor, pensador e “amante da sabedoria”, sua obra faz apologia à cultura, ao conhecimento (convencional e não convencional) e aos livros. É também autor das obras *A Cabala Draconiana*, *A Revolução Luciferiana*, *Sistemagia e Ritualística para o Dia a Dia*, todas publicadas pela Madras Editora, e escreve para a mídia maçônica (impressa e virtual) e para revistas eletrônicas e blogs pertinentes.

[www.geocities.ws/
adrianocmonteiro](http://www.geocities.ws/adrianocmonteiro)



MADRAS®

JARDIM FILOSOFAL

Neste seu quarto livro pela Madras Editora, Adriano Camargo Monteiro discorre de maneira filosófica, porém inteligível, sobre aquilo que é supostamente considerado “proibido” e “perigoso”, fazendo um jogo de ideias apológicas e críticas com os conceitos de certo e errado, de mal e bem, de demoníaco e divino, de bestial e humano, etc. Com uma linguagem vivaz e estimulante que funde o metafórico com o literal, o mítico com o real e o metafísico com o material, a obra aborda questões importantes da atual sociedade e alguns dos principais tabus da civilização, procurando mostrar sua causa e sua influência nas principais esferas da vida.

Nesta obra, o autor também propõe os meios para que os indivíduos libertem sua mente: pelo discernimento, pelo autodesenvolvimento, pela busca do conhecimento, pelo verdadeiro amor à sabedoria, pela fruição do prazer sadio e gratificante, pela expansão da consciência e pela vivência da filosofia draconiana.

Visando ao estímulo psicomental do leitor, esta obra reprova a ignorância e faz também uma exaltada apologia ao conhecimento, aos livros, à cultura e às “manifestações” de Sofia, ou seja, a sabedoria na ciência, na filosofia, nas artes e na vida para a experiência da consciência individual e para a evolução pessoal.



MADRAS®

ISBN 978-85-370-0582-8



9 788537 005828